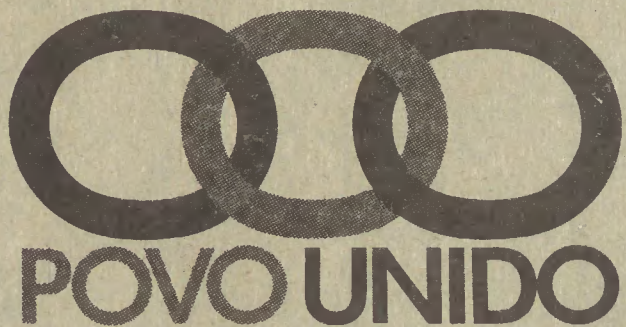


Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 53 — Série VII — N.º 604
25 de Julho de 1985
Preço: 40\$00

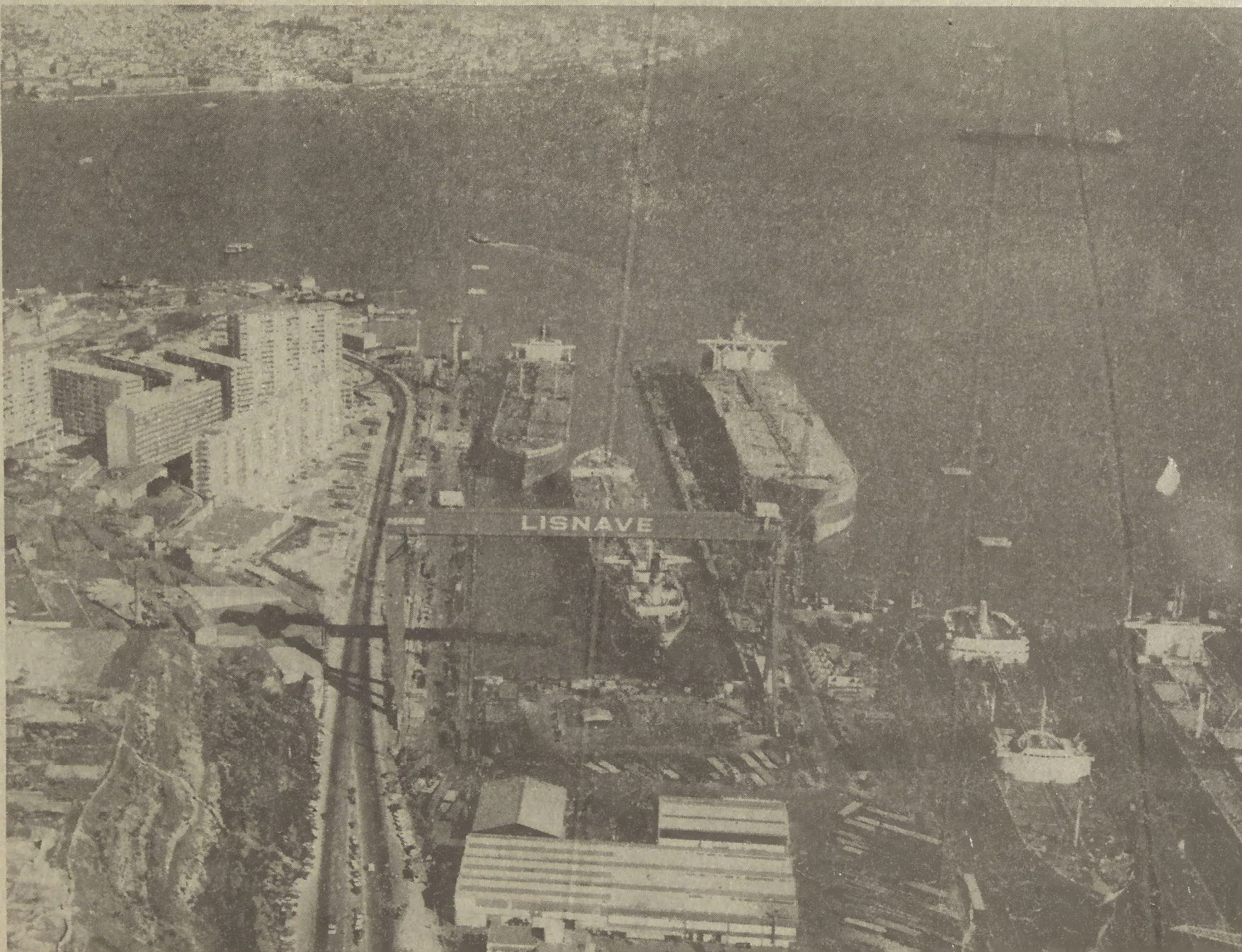
Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. — Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 — Telex 18390 Composição e impressão — Heska Portuguesa Distribuição — CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º — 1000 Lisboa



DIVULGADOS ELEMENTOS SOBRE LISTAS APU NOS 18 DISTRITOS DO CONTINENTE

A Secção de Informação e Propaganda do CC do PCP divulgou na passada terça-feira uma nota de imprensa que anuncia os «cabeças de lista» da APU para as próximas eleições legislativas:

Aveiro: **Zita Seabra**, membro suplente da C. Política do PCP; Beja: **Bernardina Sebastião**, membro suplente da C. Política do PCP; Braga: **António Lopes**, membro suplente da C. Política do PCP; Bragança: **António Modesto Navarro**, escritor; Castelo Branco: **José Paulo Gascão**, técnico de informática; Coimbra: **Jaime Serra**, membro da C. Política do PCP; Évora: **António Gervásio**, membro da C. Política do PCP; Faro: **Carlos Brito**, membro da C. Política do PCP; Guarda: **Mário Canotilho**, advogado; Leiria: **Joaquim Gomes**, membro da C. Política do PCP; Lisboa: **Álvaro Cunhal**, Secretário-Geral do PCP; Portalegre: **Joaquim Miranda**, economista; Porto: **Carlos Costa**, membro da C. Política do PCP; Santarém: **António Dias Lourenço**, membro da C. Política do PCP; Setúbal: **Domingos Abrantes**, membro da C. Política do PCP; Viana do Castelo: **Maurício Soares da Cunha e Sousa**, Inspector-Geral Escolar; Vila Real: **Cunha Serra**, engenheiro, independente, apresentado pelo MDP/CDE; Viseu: **Jaime Gralheiro**, advogado.



Lisnave: o governo Soares insiste no desmantelamento ao serviço dos monopólios

Governo Soares em gestão prossegue ataque a Abril

- Nota da Comissão Política do Comité Central do PCP — **Pág. 1/Semana.**
- Ameaça de 660 despedimentos na Lisnave. Movimento sindical projecta acções de solidariedade em Lisboa e Setúbal. DORS do PCP apela ao reforço da acção unitária. ORTs pedem auditoria às contas da Lisnave e solicitam audiência ao Presidente da República — **Págs. centrais/Semana.**



Os tubos vão crescendo, passemos às madeiras!

Faltam 42 dias para a Festa!

nesto
número

SUPLEMENTO DE 8 PÁGS.

XII FESTIVAL COMEÇA SÁBADO EM MOSCOVO



- Duzentos jovens constituem a delegação portuguesa que já se encontra na capital soviética.
- Álvaro Cunhal e o marechal Costa Gomes convidados como hóspedes de honra pela Comissão Permanente do Comité Internacional Preparatório.

Pág. 6/Semana

FESTAS *

Faro — Sábado

Festa da Amizade — A partir das 18 horas no S. Luís Parque. Espectáculo de revista com José Viana e Dora Leal e danças e cantares pelo Rancho Folclórico de Faro. Desporto: torneios de ténis de mesa, xadrez e damas. Exposição. Quermesse, artesanato, venda de livros, venda de produtos agrícolas. Serviço de bar.

Participação do camarada Blanqui Teixeira, da Comissão Política, que fará uma intervenção no decurso da Festa.

Portimão — Sábado

Festa de Verão — Uma iniciativa já habitual da organização local do PCP. A partir das 19 horas no antigo Largo da Feira. Música afro-brasileira por José Manuel e Muenho, a música popular chilena por Julian Del Valle e o Conjunto Son Andino. Baile com o conjunto Zingaro. Ainda artesanato, bar, petiscos e serviços de restaurante. Intervenção de Carlos Brito, membro da Comissão Política.

Santiago do Cacém — Sábado e domingo

Festa da Amizade, dois dias de festa numa organização da Comissão de Freguesia de Santiago do Cacém. Espectáculos, exposições, desporto, cultura, convívio. Em Vale Verde.

Porto — Domingo

Piquenique — No Parque da Cidade. Canções por Samuel e uma intervenção política do camarada Oliveira Dias, vereador na CM do Porto.

Impõe-se uma nova derrota do Governo PS/PSD

A demissão do primeiro-ministro, Mário Soares, e de todo o governo conjuntamente com a dissolução da Assembleia da República e a marcação de eleições legislativas antecipadas, encerrou no terreno institucional, o primeiro capítulo da crise aberta pela ruptura da coligação PS/PSD.

A consequência política imediata e mais relevante foi a interrupção do plano contra-revolucionário concebido e calendarizado até ao fim do ano com toda a minúcia pelos dois comparsas agora descoligados.

Um plano interrompido — mas um plano não definitivamente derrotado e enterrado, é bom não esquecer-lo.

O actual governo de gestão é o mesmíssimo governo, das mesmíssimas forças, dirigido pelo mesmíssimo Mário Soares, que o gizaram e calendarizaram e que tudo farão — e estão fazendo — para o tentarem impor nas novas condições.

As «comadres» zangaram-se, separaram-se os trapinhos, interesses e ambições divergentes estiveram nas causas do divórcio. Mas quer o PS quer o PSD não repudiaram nem romperam ainda o acordo renegociado entre os dois em 11 de Dezembro, a equipa de ministros e secretários de Estado com Soares à cabeça, que se comprometeu destruir Abril até ao final do ano continuam em postos-chave do aparelho de Estado e apostados todos eles a levarem até ao fim o seu plano reaccionário.

Como é sabido, esse plano assentava em metas e «reformas» precisas que os seus autores e executores classificavam de «estruturais» e que eram em substância:

a) A liquidação do sector público e nacionalização com a restituição aos antigos monopolistas e ao grande capital privado das empresas mais rentáveis, em estreita associação e obediência aos interesses e objectivos parasitários das multinacionais da CEE e dos Estados Unidos, implícitos no chamado «plano Veiga Simão»;

b) A destruição completa e violenta da Reforma Agrária com o esbulhamento total das terras e bens das UCPs/Cooperativas e a sua entrega aos antigos e novos latifundiários; a imposição de uma nova legislação rural com o estrangulamento das pequenas e médias explorações agrícolas e a tutela descricionária dos senhorios ricos sobre os rendeiros e seareiros; a apropriação dos baldios do povo; um novo ordenamento agrícola favorável aos grandes potentados da CEE;

c) A supressão da progressista legislação do trabalho saída da Revolução de Abril com novas leis destinadas a favorecer a intensificação do processo da acumulação capitalista na base da exploração agravada dos trabalhadores, com o alargamento indiscriminado do exército de reserva dos desempregados, a prática supressão da lei da greve, uma nova repressão institucionalizada contra o movimento operário organizado, em particular contra o movimento sindical unitário;

d) O estrangulamento do Poder Local democrá-

tico e o restabelecimento da velha tutela do Poder Central sobre as autarquias locais; a institucionalização do caciquismo; o regresso em pleno da impunidade das negociatas, do compadrio, das velhas práticas de corrupção lesivas dos interesses das populações;

e) A imposição de leis eleitorais favoráveis à hegemonia das forças reaccionárias e à prática de farsas eleitorais, com a liquidação do princípio da proporcionalidade democrática do voto dos cidadãos; e, por fim,

f) A adopção de medidas — como a lei das rendas — altamente lesivas dos interesses populares mais vastos e outras da mesma natureza anti-social.

Este vasto conjunto de medidas e chamadas «reformas de estrutura» enformavam, como é também sabido, o conteúdo dos celerados «pacotes» legislativos, abertamente inconstitucionais, que a dissolução da AR fez automaticamente cair.

A continuação do governo PS/PSD, mesmo com um estatuto que lhe veda a prática de medidas de fundo e de correspondentes abusos do Poder é uma ameaça à democracia e um perigo de constante perversão e subversão das instituições democráticas.

A nota de anteontem da Comissão Política do CC do PCP alerta a opinião pública e as instituições para um conjunto de decisões «que ultrapassam despudoradamente as restritas competências que estão reservadas a um governo de gestão».

Com a sua continuação à frente do País a corrupção continua (a silenciagem do escândalo dos créditos bonificados do IFADAP e a inconcebível safadeza do secretário de Estado do Trabalho, Rui Amaral, apoiado declaradamente por Almeida Santos, ao vir a público tomar posição contra as conclusões do inquérito da AR, são disso evidentes mostras), nenhuma garantia existe de lisura no exercício gestor do Governo.

Ao mesmo tempo, as novas operações desencadeadas contra a Reforma Agrária, a odiosa intervenção do governo de gestão no processo de despedimento colectivo de 600 trabalhadores da Lisnave, assim como a continuação da vergonhosa manipulação dos meios de comunicação social estatizados, particularmente da TV e da Rádio — são indicações claras de que a equipa governativa de gestão se propõe continuar as anteriores práticas ilegais, as grosseiras violações da legalidade democrática que lhes estão na índole e do estatuto de gestão.

Correr com este governo é uma exigência de dignidade e de democraticidade do processo eleitoral para as eleições legislativas antecipadas de 6 de Outubro.

Como é salientado na «Nota» da Comissão Política do CC «a actuação do governo confirma as advertências sobre a sua completa falta de isenção e imparcialidade para conduzir o País num período eleitoral».

Entretanto, um segundo e algo maquiavélico capítulo da crise governativa está presentemente em curso. Poderíamos com propriedade chamar-lhe «Operação eleitoralista de branqueamento das responsabilidades e de mistificação da opinião pública», da iniciativa dos dois partidos do governo de gestão e do CDS.

Portugal foi arrastado a uma situação de desastre económico e de penúria social pela política praticada nos últimos dez anos pelas coligações de direita com ou sem o PS. Mas todos, com o CDS, procuram sacudir a água do capote e branquear-se das responsabilidades.

Sob o Governo PS/PSD e a direcção sectorial dos ministros Ernâni Lopes e Veiga Simão a economia portuguesa foi atirada para uma situação recessiva de graves consequências.

Sob a égide daquele governo a escalada de endividamento externo, a paralisia de ramos tradicionais importantes da nossa actividade industrial e o perigo da bancarrota atingiram níveis insustentáveis.

O abismo das falências em série começou a abrir-se, a forma criminosa como foi decidida e imposta a ratificação da adesão de Portugal à CEE veio encher de fundamentadas preocupações sectores sociais importantes e diversificados da população portuguesa.

Mário Soares sabe que mente com o maior descaro quando diz que os comunistas estão «orgulhosamente sós» na oposição à adesão à CEE.

Sectores sociais muito vastos começam a dar-se conta da justeza das posições do PCP e a interrogar-se sobre as consequências da «adesão» para a sua sobrevivência económica e social.

Soares, Cavaco, Lucas Pires, agitam as miraculosas «benesses» que a adesão trará ao País, mas sabem que isso é uma miragem sem hipóteses e procuram desde já descartar-se das suas responsabilidades nas pesadas consequências que acarretaria para o futuro de Portugal se o processo não fosse sustado.

Chovem acusações mútuas: Mário Soares, Almeida Santos e outros fiéis soaristas procuram fazer dos seus ex-comparsas do PSD os «maus da fita» enquanto que Cavaco e Silva — o ministro do governo Sá Carneiro, que elevou no seu reinado em mil milhões de contos a dívida externa portuguesa — acusa agora divertidamente o PS e Mário Soares pelo agravamento da dívida em dois anos de dois mil milhões de contos!

Talvez o nosso incomparável Bocage pudesse encontrar, se fosse vivo, a sátira lapidar e apropriada para fustigar esta ridícula comédia dos que partilharam e ainda partilham as responsabilidades de uma profundamente ruinosa governação do País durante dois anos e agora pretendem, para ludibriarem o povo português nas próximas eleições, passar por inocentinhos...

O cúmulo do ridículo é, contudo, dado pela «operação de cosmética» eleitoralista de Mário Soares e do PS.

Resumo

17

Quarta-feira

O Governo promete 400 mil contos à Lisnave em troca do despedimento de 700 trabalhadores. ■ O escândalo do IFADAP dá que falar e a confederação dos agrários anda alarmada pela inconfidência governamental. ■ Várias famílias ficam desalojadas na sequência de um incêndio que lhes destrói as barracas onde viviam. ■ António Marta duvida agora da capacidade que Portugal demonstra em aproveitar os fundos da CEE. ■ O PSD propõe ao CDS a formalização da sua aliança velha. ■ O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte pede a intervenção da Alta Autoridade contra a Corrupção e do Provedor de Justiça no sentido de ser reposta a normalidade nos Serviços Sociais da Universidade do Porto. ■ A SIP do PCP anuncia que Álvaro Cunhal, Tengarrinha e Octávio Pato encabeçam a lista da APU pelo círculo de Lisboa. ■ A TASS acusa a administração Reagan de continuar a envidar todos os esforços para acelerar a corrida aos armamentos. ■ Na África do Sul, a polícia assassina com um tiro na cabeça uma mulher negra, que estava grávida, quando esta participava numa manifestação anti-apartheid. ■ Religiosos portugueses são raptados pela Renamo em Moçambique.

18

Quinta-feira



Anúncio que anunciarei

O Secretariado das UCP's/Cooperativas de Évora acusa o ministro Barreto II de pretender instaurar um novo regime de trabalho escravo no Alentejo. ■ No beija-mão ao futuro presidencialismo derrotado e esposa, Mário Soares anuncia que a sua anunciada candidatura ainda não será anunciada. ■ No Porto, o Movimento Ecológico Português — Partido «Os Verdes» debate a sua intervenção eleitoral nas listas APU. ■ A Assembleia Municipal da Maia discute o inquérito sobre os favores a uma firma em troca de dinheiro para a campanha do PS. ■ A CGTP-IN exige a suspensão do ministro do Trabalho. ■ Abdou Diouf, chefe do Estado do Senegal, é eleito presidente da Organização de Unidade Africana na primeira sessão da cimeira que se iniciou em Adis-Abeba. ■ Em 150 cidades sul-africanas, a população dos bairros negros manifesta-se contra o apartheid. Na repressão, a polícia racista assassina três pessoas. ■ A acusação anuncia que vai pedir a pena máxima para os chefes da ditadura argentina. ■ Segundo o «Pravda», os Estados Unidos optaram pela obstrução na conferência de Genebra.

19

Sexta-feira

As malhas do escândalo IFADAP vão sendo descobertas, envolvendo também gestores da banca nacionalizada. ■ Naquilo que as ORT's afirmam tratar-se de uma acção política, a administração da Lisnave envia 660 cartas de despedimentos a outros tantos trabalhadores. ■ Em

conferência de imprensa, a JCP pergunta onde foram parar os 100 mil contos destinados a apoiar as iniciativas do Ano Internacional da Juventude. ■ A FENPROF salienta que a nova legislação sobre o Ensino Superior não passa de mera «operação de cosmética» governamental. ■ O CDS divulga o seu programa de des-governo. ■ O PRD já está legalizado, segundo o «Diário da República». ■ Faz hoje, seis anos que o povo começou a construir uma Nicarágua livre. ■ O novo presidente da OUA apela para o auxílio à SWAPO e ao ANC. ■ Em Luanda, mais de 100 mil pessoas manifestam-se contra a administração Reagan. ■ Dezenas de casas e quatro hotéis foram literalmente varridos pela força das águas em avalanche que foi causada pelo rebentamento de um dique no norte de Itália.

20

Sábado

Em Elvas e Badajoz, realiza-se o primeiro encontro fronteiriço entre dois municípios que, na Península, se declararam zonas desnuclearizadas. ■ Loures é concelho há 99 anos. ■ A Polícia Judiciária investiga a corrupção na Câmara Municipal de Viana do Castelo. ■ O PRD denuncia a «incapacidade da RTP em cumprir compromissos assumidos». ■ A água que abastece Vila Real está, uma vez mais, imprópria para consumo. ■ O presidente angolano, Eduardo dos Santos, alerta para a ameaça de uma nova invasão sul-africana. ■ O governo de Pretória decreta o Estado de Emergência em 36 distritos da África do Sul. ■ A Liga Árabe anuncia estar em preparação uma cimeira sobre a questão palestina. ■ Reagan tem alta do hospital onde foi submetido a uma intervenção cirúrgica. ■ Investigadores descobrem um grande teor de uma substância venenosa no vinho austríaco. ■ A OUA aprova uma declaração na qual apela para a celebração de uma conferência interafricana onde seja discutida a dívida externa africana.

21

Domingo

Parte para Moscovo a delegação portuguesa que participará no XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. ■ Nas eleições para as juntas de freguesia de Paço e Igreja Nova, a APU reforça as suas posições. ■ A DORS do PCP manifesta a sua «total condenação das manobras em marcha na Lisnave, com vista ao despedimento generalizado dos trabalhadores e à destruição total da empresa». ■ Enquanto Cavaco afirma que as suas propostas ao CDS são definitivas, o PPM mostra-se disponível para ter eleitos... ■ O Poder Central força a Câmara Municipal de Vila Franca a suportar a recuperação dos estragos das cheias. ■ A Inspeção Económica apreende alimentos impróprios para consumo em diversos pontos do País. ■ A APU responsabiliza o PS e ditos independentes pela crise vivida na freguesia de Dume. ■ Pelo menos cinco pessoas morreram e 250 foram presas na África do Sul durante todo o fim-de-semana. Hoje, entra em vigor o Estado de Emergência decretado pelo governo racista. ■ Tropas sionistas voltam a invadir o sul do Líbano. ■ Daniel Ortega defende que os Estados Unidos abandonem a Organização dos Estados Americanos por estarem contra os interesses dos países latino-americanos. ■ 203 cadáveres já foram retirados da lama depois

do rebentamento de um dique no norte de Itália. O número de mortos é, no entanto, provisório.

22

Segunda-feira

O Secretariado das UCP's/Cooperativas de Évora denuncia que o ministro Barreto II e diversos agrários estão a exercer pressões para que mais reservas sejam entregues no Alentejo. Os trabalhadores adverte desde já que não o permitirão. ■ O julgamento das FP-25 é adiado para Outubro. ■ A União dos Sindicatos do Algarve afirma que a situação social agrava-se neste distrito. ■ A SIP do PCP anuncia que Carlos Costa, Ângelo Veloso e Raul de Castro encabeçam a lista da APU pelo círculo eleitoral do Porto. ■ Nos cinco primeiros meses de 1985, a balança comercial portuguesa alcançou um défice de 132 milhões de contos, é anunciado pelo Instituto Nacional de Estatística. ■ Em entrevista, o ex-presidente norte-americano, Richard Nixon, afirma que esteve quatro vezes prestes a utilizar a arma nuclear. ■ A polícia sul-africana assassina mais três pessoas em acções repressivas contra a grande vaga de manifestações anti-apartheid que faz tremer o regime racista. ■ O dirigente sandinista Bayardo Arce afirma que os Estados Unidos já terminaram os preparativos para a invasão da Nicarágua e que esta pode ocorrer a qualquer momento. ■ Em Genebra, a OPEP estuda nova baixa nos preços do petróleo.



6 anos depois

23

Terça-feira

Em nota divulgada aos órgãos de Comunicação Social, a Comissão Política do PCP exige o completo afastamento do Governo demitido PS/PSD, que ultrapassa desproporcionadamente as restritas competências que estão reservadas a um governo de nestão. ■ Falando na cerimónia de entrega da Ordem da Liberdade a personalidades civis e militares, o Presidente da República, general Ramalho Eanes, afirma que sufocar ou manipular a Comunicação Social é um crime contra a democracia. ■ Em Beja os termómetros sobem aos 41 graus! ■ O dólar norte-americano mantém a sua tendência de descida nos principais mercados internacionais. ■ Ao largo de Saída (zona Sul do Líbano), um vaso de guerra de Israel aproxima-se da costa e afunda um cargueiro libanês, o navio mercante «Rula», que levava cimento para Saída. ■ Na cidade de Kwatame, perto de Joanesburgo, milhares de pessoas participam nos funerais de 15 pessoas assassinadas pela polícia sul-africana. O apelo à continuação da luta contra o apartheid foi nota saliente das intervenções proferidas na altura. ■ A situação no estado de Punjab é tema em foco nas conversações entre o primeiro-ministro indiano, Rajiv Ghandi, e o presidente da principal formação política sikh, H. Singh Longowal.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista
Português. Rua Soeiro Pereira Gomes —
1699 — Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro
Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
— 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL. Serviços Centrais: Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º — 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 — 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 — 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
— 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 — Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
— 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto — Rua do Almada, 18-2.º Esq.º
— 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heska
Portuguesa — R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Junho: 39 665

Nota da Comissão Política do CC do PCP

1.

A Comissão Política do CC do PCP analisou a actuação do governo demitido e alerta a opinião pública e as instituições democráticas para um conjunto de decisões anunciadas nos últimos dias que ultrapassam despidoradamente as restritas competências que estão reservadas a um governo de gestão:

2.

De entre essas decisões são de salientar — quer por se tratar de medidas políticas de fundo quer por retratarem, com particular nitidez, a natureza antipopular e anti-social da política do PS e do PSD — o inadmissível despedimento colectivo na Lisnave; o desencadeamento de um conjunto de novos ataques às UCP's e Cooperativas na Reforma Agrária e ainda a estranha precipitação com que o governo procurou decidir sobre as centrais de comunicação digital a instalar pelos CTT/TLP.

3.

A atribuição pela Secretaria de Estado do Emprego ao ex-monopolista Melo de vultuosas verbas, não para atenuar a enor-

me acumulação de salários em atraso, mas para apoiar e oficializar o mais vasto despedimento colectivo verificado desde o 25 de Abril, culmina de forma particularmente cruel dois anos de política antipopular e de perseguição aos trabalhadores seguida pelo governo PS/PSD chefiado por Mário Soares.

É mais um flagrante testemunho do que valem as promessas eleitorais que o PS e o PSD, Mário Soares, Cavaco Silva e Almeida Santos começam a fazer demagógica e descaradamente diante do País. Desemprego, salários em atraso, fome e miséria é o que o PS, PSD e CDS têm para dar aos portugueses, como a experiência demonstra.

A CP do CC do PCP salienta que é imperioso dever de todos os democratas e patriotas e das instituições democráticas não permitir que o governo demitido de Mário Soares, o secretário de Estado Rui Amaral e o ex-monopolista Melo possam consumir este acto de vingança e de desforra contra os trabalhadores da Lisnave.

A CP do CC do PCP exige que o governo em vez de se tornar cúmplice e apoiante do despedimento colectivo na Lisnave, tome prontas e enérgicas medidas para assegurar a sua suspensão.

4.

A CP do CC do PCP exige igualmente que seja posto termo a todos os ataques às UCP's/Cooperativas da Reforma Agrária e reclama que sejam suspensas as expoliações de terras e de gado, a demarcação de reservas e majorações, os leilões e as penhoras e outras actuações ilegais contra a Reforma Agrária e os seus trabalhadores.

A CP do CC do PCP sublinha finalmente que a actuação do governo confirma as advertências sobre a sua completa falta de isenção e imparcialidade para conduzir o País em período eleitoral.

A seriedade do acto eleitoral, marcado para o próximo dia 6 de Outubro, exige que o demitido governo PS/PSD não se conformando com as suas limitadas funções de gestão, tenha que ser completamente afastado do poder.

Lisboa, 23 de Julho de 1985

A Comissão Política do Comité Central
do
Partido Comunista Português

Duas apostas no futuro!

Nas Organizações Regionais do PCP de Lisboa e Setúbal estão a decorrer campanhas de fundos com uma perspectiva comum: a concretização de melhores condições para a acção organizativa nos Centros de Trabalho. Em Lisboa, o objectivo é pagar, restaurar e adaptar o antigo Hotel Vitória, edifício do património histórico da capital. Em Setúbal, após a demolição do velho edifício da Av. 5 de Outubro, será construído um novo imóvel.

Na Organização Regional de Lisboa, a campanha está numa fase de «amadurecimento». Passaram longos meses e a verba conseguida ultrapassa já os 70 mil contos. No próximo mês de Agosto divulgaremos aqui nas páginas do «Avante!» o quadro da campanha, com o montante conseguido por cada organização e sector, e, naturalmente, com o total então registado.

Falamos de campanha «amadurecida» mas não de campanha terminada. Como nos salientam os camaradas que estão a acompanhar mais de perto o trabalho de coordenação da iniciativa, há que intensificar um conjunto de acções de que destacamos a venda dos materiais ainda na posse das organizações (coupons, postais, cartões-compromisso, etc) e a prestação de contas.

Aproveitando este período de Verão — isto é apenas uma ideia aqui do Avante! — talvez

se possa avançar para algumas iniciativas nos locais com maior concentração de gente em férias. Tanto nas zonas do Estoril/Cascais, como nas praias do litoral Oeste (Praia das Maças, Praia Grande, Praia de Santa Cruz, etc).

Uma força impressionante

Como se sabe, a compra do Vitória está assegurada pela campanha há já algum tempo. Só que o edifício necessita de um vasto trabalho de melhoramentos e restauro, ao longo dos seus vários pisos, não falando da necessidade de adaptação das divisões e equipamentos. Ao preço a que estão os materiais, todo este trabalho exige pesados encargos. Por isso, a campanha continua. E continua porque do empenhamento dos comunistas e da solidariedade das populações para com o PCP resulta uma força impressionante capaz de

ultrapassar as maiores barreiras.

Nem este tempo de Verão, com as características que se lhe conhecem no plano social, nem as múltiplas tarefas e responsabilidades dos comunistas para com as populações (seja no plano autárquico, sindical, social, político, etc), nem ainda as grandes batalhas eleitorais que se aproximam ou, mais perto de nós, a preparação da Festa do «Avante!» impedem que as campanhas de Lisboa e Setúbal ganhem um forte dinamismo com resultados verdadeiramente impressionantes. Os números falam por si!

Falando agora um pouco da campanha que decorre na Organização Regional de Setúbal, à qual temos dado especial atenção nas últimas edições do «Avante!», é de salientar desde já o salto dos últimos dias, com o resultado total a ultrapassar francamente os 16 mil contos. Isto num espaço de tempo reduzido.

Embora não tenha em vários aspectos as mesmas «características» de organização e de forma de dinamização da campanha da ORL, a campanha da OR de Setúbal é acompanhada igualmente de uma viva solidariedade e apoio da população, com expressões de especial impacto em diversos conce-

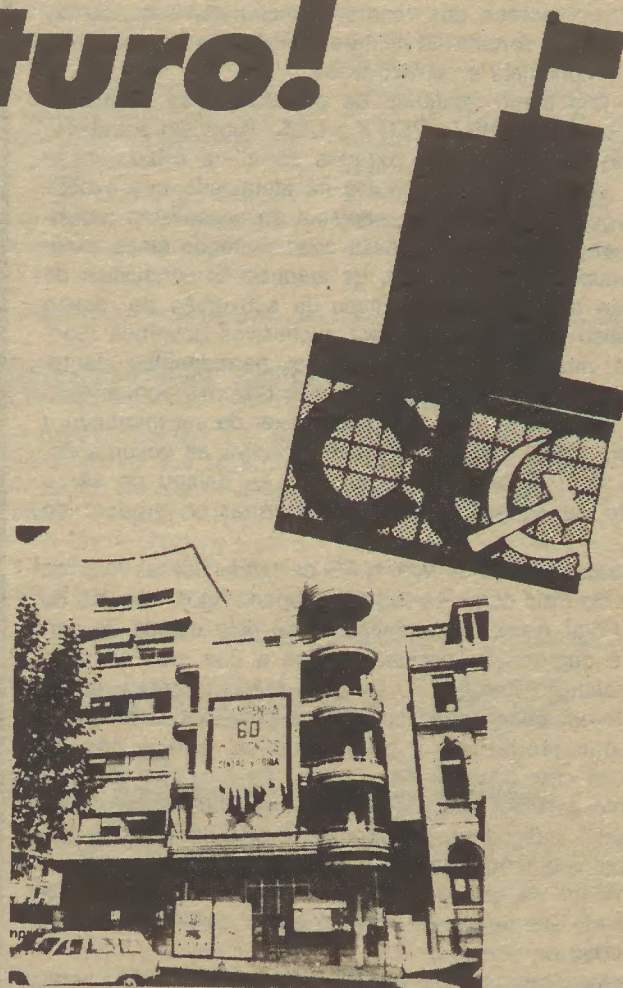
lhos, bairros, empresas e sectores.

Espírito criador

Além do empenhamento dos militantes e das organizações, destaca-se no distrito de Setúbal uma intervenção dinâmica do espírito criador e da imaginação, no âmbito de uma vasta actividade marcada, desde o início até hoje, pela «descentralização». Ou seja: a campanha vive em primeiro lugar da capacidade das organizações locais. E essa capacidade, mais patente nuns concelhos que noutros, tem assumido as mais variadas expressões. Das grandes e pequenas festas de confraternização, com música, artesanato, folclore, bailes, exposições, etc, às jornadas de convívio de um dia, passando pelas recolhas (papelão, sucata, etc), pelas ofertas ou ainda pelas campanhas especiais (caso dos produtos agrícolas).

No próximo mês de Agosto sairá o terceiro número da folha informativa da campanha, contendo já o balanço dos resultados, das experiências e dos ensinamentos desta iniciativa.

Desse balanço será certamente dado relevo ao êxito de iniciativas como o espectáculo itinerante da campanha (em



Setembro/Outubro retomará as suas apresentações nos concelhos que ainda não visitou), à iniciativa dos mil escudos por militante, às abordagens e ao elevado grau de participação popular nas festas de convívio que têm decorrido um pouco por todo o distrito de Setúbal.

Lisboa e Setúbal — duas campanhas, duas apostas no futuro, duas demonstrações inequívocas do prestígio do PCP entre o povo trabalhador. Não são frases feitas, não senhor. Basta meditar um pouco nos resultados que estão à vista.

PCP

Expectativa em Sines com a Festa da Terra e do Mar

● Ultrapassados os 16 mil contos na Campanha para o novo CT da DORS

Em Sines é com viva expectativa que se aguarda a próxima edição da **Festa da Terra e do Mar**, jornada de convívio que reunirá no castelo, no fim-de-semana de 2, 3 e 4 de Agosto, muita gente deste centro piscatório e, certamente, forasteiros que nesta altura do Verão por ali passam ou permanecem alguns dias bem agradáveis.

A Festa é organizada pela Comissão Concelhia do PCP e inclui no seu programa um conjunto diversificado de motivos de interesse: das exposições ao retiro do fado, da música popular às actividades desportivas, passando por um oportuno programa de colóquios e debates sobre temas de actualidade.

Falando desse programa de debates, aqui ficam os pormenores: **dia 2** — em foco estará «o Poder Local e as realizações da gestão APU»; participam **Manuel Sobral**, do CC, e **Francisco Pacheco**, da DORS; **dia 3** — «a paz e a solidariedade entre os povos» será tema em debate com a presença de **Valdemar Santos**, da DORS; **dia 4** — **Américo Leal**, do CC do Partido, intervirá sobre «a situação política nacional e as propostas do PCP para a alternativa democrática».

Sobre outro programa da Festa — o do fado, previsto para o segundo e terceiro dias da programação geral, os fadistas em

questão são Jaime Coelho, César Pinto, Luísa Vieira, José Castanheira, Luís Chumbinho e Marília Roberto.

No calendário das grandes iniciativas de convívio, a Festa da Terra e do Mar é uma jornada de que se espera um êxito acentuado, no âmbito da campanha para o novo CT da DORS.

O comício da Festa será preenchido no essencial com uma intervenção do camarada **Domingos Abrantes**, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP.

Atenção, Valverde!

Recorde-se, entretanto, que no próximo fim-de-semana (sábado e domingo) haverá festa rija em **Valverde**, iniciativa da Comissão de Freguesia de Santiago do Cacém, e para Agosto estão marcadas, como noticiámos em anterior edição, as Festas da Alegria (**Casebres**/dias 3 e 4) e Vitória de Abril (**Rio de Moinhos**/dias 9, 10 e 11).

Falando de números, aqui deixamos um quadro com os valores obtidos por cada organização até ao passado dia 22. O total é surpreendente: mais de 16 mil contos.

O sonho está-se a aproximar da realidade. Que é como quem diz: brevemente haverá novo Centro do PCP na capital do Sado.

Adesão à CEE

● Concelhia de Sesimbra levanta algumas questões...

«Recordamos a luta desenvolvida no nosso concelho, tanto em repúdio pela lei da nova Pide, como a favor da reposição da legalidade democrática na Mútua dos Pescadores que o titular do MAI, em jeito de aruação, pretendeu, sem êxito, retrair à classe» — salienta um comunicado da Comissão Concelhia de Sesimbra, que esteve recentemente reunida. «Menos de um ano depois, não houve ministro de governo PS/PSD que escapasse à pesada derrota. No Portugal de Abril, não se pode governar sem os trabalhadores e o PCP, e muito menos contra os trabalhadores e o PCP» — sublinha a nota da Concelhia do Partido noutra passagem.

Reafirmando a sua solidariedade aos trabalhadores com salários em atraso e em especial aos trabalhadores do Hotel Espadarte e da Lisnave, a Comissão Concelhia de Sesimbra «redobra o seu alerta quanto às incalculáveis e desastrosas consequências da adesão de Portugal à CEE, em detrimento da defesa e dinamização do sector das pescas portuguesas.» Mais adiante refere:

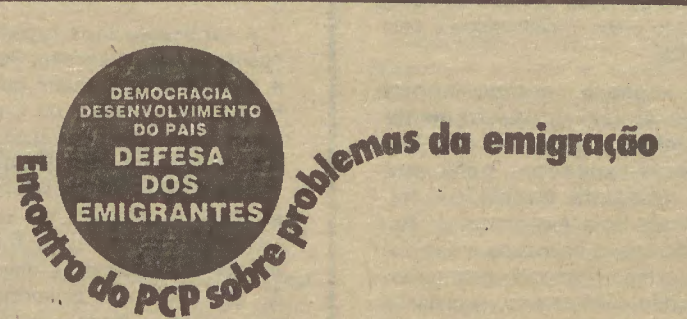
«O condicionamento e re-

dução da nossa frota, o lançamento no desemprego de 20 mil pescadores e trabalhadores do mar, a limitação do acesso dos nossos barcos para além das 12 milhas, a invasão da Zona Económica «Exclusiva» portuguesa por poderosas frotas dos países da CEE, assim como a transferência de múltiplos poderes de decisão para Bruxelas, são razões suficientes para o não reconhecimento da legitimidade do Tratado de Adesão à Europa dos monopólios e do desemprego, feita por uma Assembleia da República poucas horas antes de ser dissolvida e com um governo de facto já demitido, em palaciana atmosfera de traição».

A Comissão Concelhia de Sesimbra saúda ainda a passagem da Quinta do Conde a freguesia, aprovada na Assembleia da República e por iniciativa do Grupo Parlamentar do PCP, e conclui, no contexto do esclarecimento democrático a que corresponderá a campanha do PCP para as próximas eleições, ser possível aumentar o ritmo do recrutamento de novos militantes a nível local, designadamente até 6 de Outubro, para o que estabeleceu uma meta interna.

PROGRAMA		
FESTA DA TERRA E DO MAR		
SEXTA-FEIRA, 2	SÁBADO, 3	DOMINGO, 4
20 h - Abertura.	19.30 h - TARDE ALENTEJANA	19 h - FOLCLORE
21 h - Música Portuguesa	Amigos de São Vicente - Sines	Rancho Folclórico de ALTE - Alentejo
José Jorge Letria	Campanhas do Norte	20 h - Acordeonistas
22 h - Música Chilena	Sambões do Castro Verde	CARLA E NUNO
Julian Del Vale	22 h - COMÍCIO	Música de Orgão Eletrónico
23 h - FADO	Com um Membro da Comissão Política do Comité Central do PCP	21 h - Música Popular Portuguesa
Fernando Farinha	23 h - BAILE com o conjunto	Além-mar - Sines
No Retiro do Fado	Feed Back	Serra Nova - Pias
Fadistas Amadores	FADO no Retiro do Fado	22 h - Rão Kyao
	Fadistas Amadores	23 h - FADO no Retiro do Fado
		Fadistas Amadores
	• 11 - Torneio Infantil de Futebol de Salão	• Xadrez
	• 1 - Torneio de Chiquinho - malha corrida	• Damas
		• Ginástica Acrobática
		Ver Programa pormenor
ALEGRIA • DESPORTO • CONVÍVIO • EXPOSIÇÕES • CULTURA • FOLCLORE • RESTAURANTE • PETISCOS • FADO		
2, 3 E 4-AGOSTO-85 * NO CASTELO * SINES		
Com. Con. Sines PCP		

SECTORES	Resultados Obtidos em: 22/7/85
ALCÁÇER	151.030.50
ALCOCHETE	144.890.00
ALMADA	2.521.000.00
BARREIRO	3.596.098.50
GRÂNDOLA	840.121.00
MOITA	1.396.702.50
MONTIJO	455.150.50
PALMELA	604.734.90
SANTIAGO	590.750.00
SEIXAL	2.666.955.90
SESIMBRA	219.996.50
SETÚBAL	2.073.793.00
SINES	401.681.00
SINDICAL	62.069.50
JCP	600.00
DORS	586.622.50
TOTAL DISTRITAL	16.312.196\$50



As instalações da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, em Almada, vão ser palco do Encontro do PCP sobre Problemas de Emigração.

O encontro, que se realiza a 10 e 11 de Agosto, tem como objectivo apontar as principais causas e consequências da emigração no nosso País, fazer um levantamento das principais características e problemas da emigração portuguesa e aprovar as grandes linhas de uma política democrática para a emigração.

Para a comissão organizadora do Encontro, esta iniciativa «representará um importante contributo para a defesa dos portugueses que vivem e trabalham no estrangeiro», uma vez que «só com a participação dos emigrantes é possível encontrar soluções justas para os problemas com que estes se debatem».

No encontro — cujos trabalhos decorrerão das 9 e 30 às 19 horas de cada dia — estarão presentes destacadas personalidades interessadas e intervenientes na problemática da emigração em Portugal e no estrangeiro e representantes de diversas organizações empenhadas na resolução dos problemas dos emigrantes.

Data histórica na ilha do Corvo

13 de Julho de 1985 transformou-se numa data histórica para a pequena ilha do Corvo, na Região Autónoma dos Açores. Foi a primeira vez que um cantor profissional actuou para a população do Corvo. Ora, o episódio, que revelamos em primeira mão, podia ficar por aqui. Mas há que contar mais alguma coisa...

Em meados de Junho, o Executivo da Direcção da Organização do PCP nos Açores (DORAA) estabeleceu com o cantor Fernando Tordo a realização de uma iniciativa com espectáculo musical, a realizar no Corvo, a 14 de Julho, no âmbito das actividades da Aliança Povo Unido.

Iniciaram-se as diligências para obtenção de local apropriado quando chegou ao conhecimento da organização que nos dias 13 e 14 de Julho se realizariam na ilha as tradicionais e populares festas do Espírito Santo.

Em face desta coincidência de calendário, o Executivo da DORAA do PCP entrou em contacto com a Comissão das Festas do Espírito Santo para informar que, naturalmente, adiar a realização da iniciativa política prevista mas que podia oferecer à comissão o espectáculo agen-

dado para o dia 14. A Comissão de Festas, presidida pelo próprio Presidente da Câmara, aceitou a oferta do PCP e propôs que o espectáculo se realizasse na noite do dia 13.

Tudo se acertou. E nesse dia, à tarde, Fernando Tordo e José Decq Mota, responsável da DORAA e deputado na Assembleia Regional, viajaram como convidados da Comissão de Festas das Flores para o Corvo, em lancha fretada para o efeito pela Câmara Municipal.

O espectáculo com Fernando Tordo foi um verdadeiro êxito e a iniciativa e a atitude do PCP mereceram a aceitação e a simpatia de todos. Especialmente dos habitantes da mais pequena ilha dos Açores.

Um gesto solidário, em pleno Atlântico.

Decq Mota visitou Hospital de Angra

No exercício das suas funções de deputado à Assembleia Regional, José Decq Mota deslocou-se recentemente ao Hospital de Angra do Heroísmo onde foi recebido pelo respectivo conselho de gerência.

Durante o encontro, o deputado comunista foi informado sobre questões referentes à gestão de pessoal, aprovisionamento, in-

vestimento, obras e funcionamento daquela importante unidade hospitalar regional.

Esta visita de trabalho insere-se na necessidade que o deputado do PCP tem em tomar conhecimento detalhado do funcionamento e dos problemas dos diversos serviços públicos, salienta uma nota da SIP da DORAA do PCP.

Reunião em Gaia

A situação política e as batalhas eleitorais que se aproximam estarão em foco no debate da reunião de quadros a realizar amanhã (sexta-feira) no Centro de Trabalho de Gaia (Porto).

O encontro é promovido pela

Comissão Concelhia do Partido e está marcado para as 21 e 30 horas. Ângelo Veloso, membro da Comissão Política do PCP, será um dos participantes nesta iniciativa dos comunistas de Gaia.

Estudantes na URSS trabalham na Ajuda

Os estudantes portugueses na União Soviética, agora de férias no seu País, vão realizar duas jornadas de trabalho voluntário na Festa do «Avante!».

Quem nos deu a informação foi a Organização dos Estudantes Portugueses na URSS, que precisou serem as jornadas de trabalho nos dias 28 de Julho e 11 de Agosto, respectivamente.

Servindo de pretexto para se reunirem, irão deste modo dar também o seu contributo para ajudar a erguer, pela décima

vez, uma das maiores iniciativas político-culturais realizadas, em Portugal, pelo PCP.

E para a Festa do «Avante!» — nunca é demais recordá-lo — todos os apoios são necessários, face à dimensão da obra que anualmente é preciso erguer.

As tarefas, estamos certos, não faltarão e serão diversificadas de molde a satisfazer diferentes aptidões de cada um.

Não duvidamos que vão ser duas jornadas de trabalho a contento dos que nelas participarem.

LEIA
ASSINE
E DIVULGUE

REVISTA
INTERNACIONAL

Trabalhadores

Mello insiste nos 660 despedimentos Pedida auditoria às contas da Lisnave

● Prossegue a luta pelos postos de trabalho e pelos salários em atraso

As organizações representativas dos trabalhadores da Lisnave pediram uma auditoria às contas da empresa «para que o País saiba quem são verdadeiramente os responsáveis pela situação criada». Os salários em atraso vão a caminho dos dez meses.

A administração suspende trabalhos e cancela encomendas. Foram enviadas cartas a 660 trabalhadores para rescisão dos respectivos contratos de trabalho. A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP «manifesta a total condenação das manobras em marcha na Lisnave» tendo em vista «a destruição total da empresa» que, como se sabe, faz parte do sector empresarial do Estado. A luta prossegue.

Em conferência de imprensa do dia 17, as ORTs anunciaram pedidos de audiência ao Presidente da República, ao Provedor de Justiça e ao IPE (Investimentos e Participações do Estado).

Um empréstimo de 400 mil contos recentemente atribuído pela Secretaria de Estado do Emprego foi considerado «contraditório e demagógico» pelas

ORTs da Lisnave. Os representantes dos trabalhadores afirmam que esse dinheiro será mais uma vez utilizado por José Manuel de Mello, presidente do conselho de administração, como bem entender.

Afirmam, por outro lado, os representantes dos trabalhadores e os sindicatos que a dívida por salários em atraso, incluindo os

descontos por pagar à Segurança Social, é superior a 4,5 milhões de contos.

A verba, muito insuficiente, atribuída pela Secretaria de Estado do Emprego, destina-se por indicação expressa à «manutenção dos postos de trabalho». No entanto, impõe, contraditoriamente, o despedimento ilegal de 660 trabalhadores.

Despedimentos políticos

O despedimento colectivo atinge os trabalhadores mais dedicados à recuperação da empresa, e com responsabilidades na defesa dos postos de trabalho. As ORTs afirmam que os despedimentos são, neste caso, actos «políticos», que se destinam a atingir a organização dos trabalhadores. Recorde-se que a lista de despedimentos inclui ca-

torze dirigentes e trinta e dois delegados sindicais, além de cinco elementos das ORTs.

Números divulgados no passado fim-de-semana pela CT confirmam que é de cinquenta e um o total dos representantes eleitos que receberam cartas de despedimento.

Salientam as ORTs que, a par de outras formas de luta, é necessário «intensificar a acção judicial, dando seguimento ao processo-crime levantado pelas ORTs pelo não pagamento dos salários».

No comunicado que emitiu na passada sexta-feira a DORS do PCP «reafirma que a crise na Lisnave é fruto exclusivo de uma política antioperária às ordens do capital e dos monopolistas. Independentemente de dificuldades internacionais no sector capitalista da indústria naval, a Lisnave é viável e necessária à economia nacional», acrescenta a DORS, que «renova a sua solidariedade a todos os trabalhadores da empresa, independentemente das posições político-sindicais que

têm tomado no desenvolvimento dos acontecimentos e da luta».

A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP «exige que o Governo e a administração da Lisnave suspendam todas as acções de destruição da empresa, nomeadamente os despedimentos colectivos e o cancelamento político de contratos de reparação».

Recorde-se que, segundo a CT da Lisnave, a administração facturou nos cinco primeiros meses deste ano uma quantia próxima dos 11 milhões de dólares. Esta verba, que veio a público através da Anop em meados do mês passado, não foi desmentida pela administração que, contactada por aquela agência de notícias, se recusou a dar informações. Desses dois milhões e novecentos mil contos, como já referimos em edição anterior, nem um tostão tinha revertido até finais de Junho passado, para o pagamento dos salários em atraso e dos 16 meses de



Prossegue a luta na Lisnave: pomenor da manifestação do dia 17 numa rua da capital. José Ernesto Cartaxo, dirigente da CGTP-IN, anunciou a participação do movimento sindical numa «dinâmica de solidariedade para com a luta dos trabalhadores da Lisnave, particularmente nas regiões de Setúbal e Lisboa».

reformas por antecipação devidas nessa altura aos trabalhadores.

Assinavam, entretanto, as ORTs que a administração não se cobira de gastar dois milhões e meio de contos em mil e cem «despedimentos por mútuo acordo». No sentido de forçar ainda mais trabalhadores a aceitarem

esse «mútuo acordo» continuam a funcionar os salários em atraso e a lista de despedimentos.

A DORS do PCP, no seu comunicado do dia 19, «exorta os trabalhadores a redobram de esforços» no prosseguimento da luta «em defesa dos seus interesses concretos» e na «base de uma ampla unidade».

Segurança nas minas Federação anuncia diversas acções

A aplicação «integral e urgente do regulamento de higiene e segurança nas minas» é uma das reivindicações aprovadas pelo Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal. O CN da FSMMP reunido em Lisboa na passada sexta-feira, decidiu, entre uma série de acções a levar a cabo imediatamente, a apresentação de propostas de revisão dos contratos colectivos de trabalho (CCTV) verticais da metalurgia e metalomecânica, indústria mineira e garagens, assim como o acordo de empresa (AE) da Siderurgia Nacional.

O pagamento dos salários em atraso encabeça a lista dos motivos para o prosseguimento da luta em empresas, sectores e subsectores abrangidos pela FSMMP, que se pronuncia, em paralelo com as revisões dos CCTV's, pela apresentação de propostas de actualização salarial e outras, nas próprias empresas onde, segundo a Federação, além da reivindicação dos

salários em atraso, as lutas devem prosseguir:

«Pela defesa dos postos de trabalho, contra os despedimentos; pela defesa dos direitos dos trabalhadores, contra a repressão; pela defesa e viabilização das empresas, contra o seu encerramento ou desmantelamento; pela defesa das empresas do sector empresarial do Estado e pela resposta aos seus problemas; pela negociação e reposição da legalidade na Siderurgia Nacional, pelo fim da repressão; pela aplicação integral e urgente do regulamento de higiene e segurança nas minas; por uma política de desenvolvimento económico independente, e desenvolvimento de vários sectores».

O Conselho Nacional da FSMMP, que protesta contra «a degradação dos salários reais» e contra a recente aprovação da lei das rendas, reafirma a decisão de continuar a luta por «uma política que reponha a legalidade democrática e resolva os graves problemas económicos, financeiros e sociais», que afligem os trabalhadores.



Semana do Emigrante

Diversos espectáculos e outras iniciativas assinalam este ano a Semana do Emigrante organizada pela CGTP-IN. Entre 3 e 11 de Agosto próximo, a Inter salienta a realização de dois «espectáculos centrais», um na Póvoa do Varzim e outro em Faro. O primeiro começa às 21 e 30 de sábado, dia 3, no pavilhão do Grupo Desportivo da Póvoa. Actuam Carlos do Carmo, o Rancho das Rendilheiras de Vila do Conde e o conjunto de música popular Portuguesa «Noitibos». Em Faro, no sábado seguinte, na Alameda João de Deus, o espectáculo conta com a participação do Grupo Folclórico de Faro e do conjunto de música popular «Arco da Velha». Actua também Carlos do Carmo.

O escândalo da cortiça

Tirar às UCP's/Cooperativas para dar aos agrários

«Uma espécie nova de trabalho-escravo em que os trabalhadores mantêm os montados, extraem e empilham a cortiça e o dinheiro é entregue aos agrários», eis como os trabalhadores da Reforma Agrária classificam um recente despacho do agora demitido ministro da Agricultura no qual ele ordena ao IGEF que não entregue às UCP's/Cooperativas nenhuma das já de si reduzidas verbas a que têm direito, mesmo nos termos da legislação em vigor.

De acordo com uma nota do Secretariado das UCP's/Cooperativas de Évora divulgada a propósito de mais este escândalo, o pretexto invocado pelo ministro Barreto para esta decisão é de que as direcções regionais da agricultura deverão vistoriar os montados de sobre e, atente-se, «averiguar se os agrários pretendem ou não a respectiva área para reserva» isto porque, «em caso afirmativo, será a eles e não às UCP's/Cooperativas que

o ministro manda entregar as verbas que por lei pertencem aos trabalhadores».

Esta situação fraudulenta é tanto mais vergonhosa porquanto — conforme denunciaram os trabalhadores — os serviços do MAP, por um lado, não autorizam por sistema os desbastes e operações de conservação dos montados tecnicamente aconselháveis que têm sido pedidos pelas UCP's/Cooperativas enquanto, por outro lado, afirmam que só pagarão as dívidas da cortiça aos trabalhadores se «os mesmos serviços certificarem que aqueles montados estão em condições para o que é necessário realizar as citadas operações que o ministro não autoriza».

Como sublinham os trabalhadores o ministro «faz o mal e a caramunha», isto é, na prática o que o Governo pretende é pura e simplesmente «não pagar um único tostão» às unidades de produção que extraem a cortiça. Recorde-se, entretanto, que o

montante de dinheiro da cortiça pertencente às UCP's/Cooperativas e que se encontra retido ilegalmente pelo Governo e pelo Estado desde 1977 ascende já a mais de 4,5 milhões de contos.

Na opinião da Reforma Agrária este despacho sem qualquer cobertura legal «põe a nu» o carácter destruidor desta política cujo único objectivo é cercar financeiramente as UCP's/Cooperativas e beneficiar escandalosamente as cinco centenas de grandes famílias cujos latifúndios têm vindo a ser reconstituídos.

Depois de exigir a reposição da legalidade «com o consequente pagamento das verbas em causa aos seus legítimos destinatários», o comunicado do Secretariado de Évora reafirma que a normalização do «mercado da cortiça passa pela revogação da actual legislação e pela aprovação de uma lei que garanta o direito à exploração dos montados pelas UCP's/Cooperativas».

LUTAS E TAREFAS

• Um primeiro-caixeiro do comércio, abrangido pela regulamentação colectiva de trabalho (PRT) em vigor desde Janeiro de 1984, ganha, segundo a tabela, 23 200 escudos mensais. Este salário, como milhares de outros, inconcebível neste Verão de 85, deve-se à circunstância de o ministro do Comércio ainda não ter arranjado, desde 11 de Junho findo, o tempo suficiente para autenticar com a sua indispensável assinatura a nova portaria de regulamentação de trabalho, que se encontra no seu Ministério para esse efeito há mês e meio. A Federação sindical do Comércio (FEPES) revela que a nova PRT consagra, «em princípio», um aumento de 22 por cento na tabela salarial e um subsídio de alimentação de 80 escudos. Protestando contra a morosidade da revisão (os salários actuais estão em vigor há deztois meses e meio) a FEPES afirma que «leito insisti do continuamente junto do Ministério do Comércio para a rápida conclusão deste processo, que interessa a vários milhares de trabalhadores do comércio». Para entrar em vigor a nova PRT precisa também da assinatura do ministro da Agricultura, Álvaro Barreto.

• Obrigados a ir para a greve devido à intransigência do conselho de gerência da CNP, os cerca de 500 trabalhadores desta empresa pública paralisaram por completo a produção na terça-feira da semana passada. Num comunicado do dia 8 deste mês, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química do Sul recordava que o caderno reivindicativo apresentado ao CG não fazia mais do que insistir nos «seis pontos reivindicativos», todos eles já «contemplados na proposta inicial de acordo de empresa, apresentada pelo Federação da Química, em Fevereiro de 1982». O CG da Companhia Portuguesa de Petroquímica tem exercido uma «gestão incompetente e arbitrária», afirma o Sindicato que acusa a gerência de boicotar as negociações, pelo que só foi possível negociar, a partir dessa proposta de 1983, um acordo parcelar assinado em 6 de Agosto de 1983. Os trabalhadores reivindicam «enquadramentos profissionais e linhas de carreira», além do restante clausulado da proposta inicial da Federação. Os trabalhadores rejeitam a retirada de regalias sociais — tentativa pela qual res-

ponsabilizam o CG, que «mantém os privilégios de uma minoria bem restrita, em função de amizades e compadrios», refere o Sindicato da Indústria Química do Sul.

• A garantia dos postos de trabalho foi mais uma vez objecto da luta na Sorefame. Na passada quinta-feira, os representantes dos trabalhadores (ORT's) desta empresa de metalomecânica pesada do sector empresarial do Estado concentraram-se em frente à sede da administração em Lisboa. O Ministério da tutela (Indústria e Energia) e o IPE (Investimentos e Participações do Estado) insistem no que chamam de reordenamento daquele sector industrial, que inclui empresas como a Equimetal e a Mompor. No dito reordenamento estana incluída a criação de uma nova empresa destinada a «alugar» as instalações e os trabalhadores da Sorefame e da Equimetal. Na prática, segundo os ORT's, trata-se de concretizar o despedimento dos 1700 trabalhadores da Sorefame. Recorde-se que o «reordenamento» é um plano do governo demitido, totalmente rejeitado pelos trabalhadores e pelo movimento sindical.

• A CGTP-IN acusa o «acordo laboral das Lajes» de violar «grosseiramente liberdades, direitos e garantias dos trabalhadores portugueses», pelo que exige a sua «imediata anulação». Recentemente ratificado pela Assembleia da República, já quando estava anunciada a sua dissolução, aquele acordo negociado pelo governo soaista «ofende directamente, segundo a CGTP, o princípio da igualdade dos cidadãos perante a lei», pois permite o despedimento sem justa causa e a contratação em regime intermitente. Além disso, reduz o direito a férias e autoriza a sua interrupção sem acordo prévio, «diminui direitos constitucionais, prevê a baixa de categoria, permite o despedimento colectivo praticamente sem limites nem justificação, limita o acesso aos tribunais e restringe a competência legal dos tribunais portugueses, viola a Constituição e a lei ao restringir a acção sindical e ao regulamentar abusivamente a actividade da organização dos trabalhadores». A CGTP-IN reclama uma nova regulamentação das relações colectivas de trabalho naquela base aérea dos Estados Unidos na Região Autónoma dos Açores.

Luta na CP Greve de 12 horas anunciada para hoje

Prosseguem hoje as acções de luta na CP. Com um calendário iniciado na passada quinta-feira, as greves têm decorrido desde o princípio da semana. Esta fase da luta termina hoje com uma greve de doze horas para os trabalhadores das zonas Norte e Centro. Segundo a Federação sindical, que representa 17 mil dos perto de 23 mil ferroviários do País, as greves têm decorrido com elevada adesão.

A paralisação mais importante ocorreu na segunda-feira. Barcos e comboios paralisaram por 24 horas. Um porta-voz do Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários afirmou que «foram suprimidos praticamente todos os comboios da zona Sul, o mesmo acontecendo a mais de 60 por cento das composições que servem o Norte e o Centro do País» onde se centrará a paralisação anunciada para hoje.

As carreiras fluviais entre Lisboa e o Barreiro não funcionaram na segunda-feira.

Nas linhas de Cascais e de Sintra só funcionaram as ligações entre terminais. Os chamados comboios curtos não circularam, o mesmo sucedendo com as composições de mercadorias.

Ainda segundo a Federação, a adesão foi quase total no sector de trens e revisão. Praticamente paralisados estiveram também

os sectores de vias, obras e electrotecnia.

Nas oficinas, a greve de segunda-feira teve um índice de adesão entre os 98 e os 100 por cento.

Entre os motivos das greves avulta a negociação de carreiras, cujo regulamento é rejeitado pelas associações sindicais e pela maioria dos trabalhadores.

Segundo o calendário de luta divulgado pela Federação, a greve anunciada para hoje decorrerá entre as 0 e as 12 horas.

Nova greve na Torralta e outras lutas

Pelos salários em atraso e pela negociação do acordo de empresa, os trabalhadores da Torralta voltam a paralisar entre amanhã e segunda-feira. Pelos mesmos motivos, os quadros do

complexo turístico, com instalações em Tróia, no Algarve, em Lisboa e na Serra da Estrela, concentraram-se, domingo passado, em frente ao hotel D. João II, no Alvor.

No princípio desta semana, continuavam anunciadas greves na Vitrohm (Trajouce, Cascais), na Estalagem «Zimbros» (Seiximbra), na Mármores do Condado (Pêro Pinheiro) e Marques, Lda. (transportes, Viseu). Salários em atraso, contratação colectiva e despedimentos continuam a determinar estas e outras formas de luta aprovadas pelos trabalhadores.

Na Messa (Mem Martins) os salários em atraso atingem os nove meses. Numa carta dirigida ao ministro de Estado, Almeida Santos, a comissão de trabalhadores recorda que o refeitório da empresa foi encerrado, que a creche deixou de fornecer refeições às crianças, que um trabalhador da empresa suicidou-se e que outras estão a receber tratamento psiquiátrico. A empresa está paralisada, e há cinco meses que o presidente da administração, nomeado por Almeida Santos, não é visto nas instalações.

Na SIPE (Carcavelos) os trabalhadores pararam, sexta-feira passada, exigindo os salários de Junho e o subsídio de férias do ano corrente.



Contra o desmembramento da empresa, os salários em atraso e a redução de efectivos, a luta na Guérin prosseguirá, em Lisboa e em outros locais de trabalho. Na foto: concentração do passado dia 12, na Avenida da Liberdade em Lisboa

Desemprego Verbas do Fundo sem controlo

A CGTP-IN, que lamenta e critica o facto de o novo estatuto do IIEP ter sido promulgado pelo Presidente da República, afirma que «a aplicar-se este diploma discriminatório e anticonstitucional» as verbas do Fundo de Desemprego «continuarão sem qualquer controlo efectivo». Lembrando «os escândalos e a corrupção» que a aplicação dessas verbas tem proporcionado (as conclusões de um inquérito parlamentar recente foram entregues às Altas Autoridades Contra a Corrupção), a CGTP-IN repudia a aplicação do Decreto-Lei 247/85, de 12 de Julho, que aprova o estatuto do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), e afirma que «recorrerá a todas as instâncias nacio-

nais e internacionais, no sentido de o mesmo ser inviabilizado e renovado».

Num comunicado difundido pelo seu departamento de informação na passada segunda-feira, a CGTP-IN reafirma a inconstitucionalidade do Decreto por não ter sido submetido pelo Governo à discussão pública e «por ter sido elaborado sem a participação da CGTP-IN e dos trabalhadores».

A Central sublinha que, segundo o novo estatuto do IIEP, «o poder deliberativo» fica «concentrado nas mãos do Governo, através de uma comissão executiva por este nomeada». Os membros dessa comissão são equiparados «à mais alta catego-

ria dos gestores de empresas públicas», enquanto que a «fraca» participação sindical na gestão do IIEP fica, ainda assim, «atribuída exclusivamente aos membros do chamado Conselho de Concertação Social».

Por este modo, segundo a Central, é violada a liberdade sindical e contrariam-se as recomendações internacionais, «designadamente as da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre a matéria».

A CGTP-IN recorda, por outro lado, que os membros da comissão executiva, que na prática se encarregarão de gerir as verbas do Fundo de Desemprego, serão «chorudamente pagos à custa do dinheiro descontado nos salários dos trabalhadores».

Nacional

Jovens portugueses já estão em Moscovo

A delegação portuguesa ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes chega hoje a Moscovo, dois dias antes do começo do Fórum.

Os duzentos jovens portugueses partiram de Lisboa, a caminho de Praga onde — graças à solidariedade da juventude checoslovaca — permaneceram três dias.

Antes da partida, a Voz do Operário, em Lisboa, foi palco de uma festa de despedida. Na festa, que se realizou sábado à noite, o convívio e a alegria foram as notas determinantes, não ten-



do, no entanto, faltado a boa música, primeiro pela actuação de Carlos Paredes e, até ao fim, pela actuação do grupo de música brasileira, «banda de corda e bатуке».

Nesta festa de despedida, em que participou a maioria dos delegados portugueses, Mário Dias, o disco-jockey convidado pelo Comité Nacional Preparatório, deixou feita a promessa de que «quando voltarmos, vos contaremos como foi este XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes».

Uma promessa que fará com que o Festival seja uma realidade palpável para a grande maioria da juventude portuguesa, para todos aqueles que se identificam com «a Paz, a amizade e a solidariedade anti-imperialista».

O Festival mais representativo

A décima-segunda edição do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes tornou-se, ainda mesmo antes de ter aberto as suas portas em Moscovo, num imenso êxito, seja pelo imenso trabalho desenvolvido em muitas dezenas de países, seja pela sua representatividade.

O aumento da tensão no mundo, o perigo da militarização do espaço e do desencadeamento de uma nova guerra uniu jovens de todo o mundo, professando

diversas religiões ou de diferentes ideologias, na preparação deste XII Festival.

Por isso — quando o estádio Lenine abriu os seus portões para a cerimónia de abertura do Festival — serão cerca de 20 mil os delegados que, depois de todo um espectáculo cultural e desportivo, se juntarão na relva para saudarem os povos de todo o mundo.

Este XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes

será o mais representativo até hoje realizado quanto ao número de organizações de juventude — 2500 — dos diversos países que nele se unirão sob o lema «Pela Paz, a Amizade e a Solidariedade Anti-imperialista».

O festival só abre as suas actividades no dia 27 de Julho. No entanto, constitui, desde já, como vimos, um imenso êxito a coroar o gigantesco trabalho dos muitos milhares de jovens que, nos seus países, tornaram possível esta décima-segunda edição.

A delegação portuguesa

No passado domingo partiu para Praga, a caminho de Moscovo, a delegação portuguesa ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Trata-se de uma embaixada que o Comité Nacional Preparatório pretendeu ser representativa da realidade juvenil portuguesa.

Assim, são duzentos os jovens que a integram, número recorde de uma delegação portuguesa neste movimento dos Festivais. A sua escolha teve como primeira preocupação que, quer o movimento sindical, os grupos

de teatro, as autarquias, os ranchos folclóricos, os grupos musicais, quer as associações de estudantes do ensino superior e secundário, as cooperativas, as comissões de juventude, as colectividades ou as organizações representativas dos trabalhadores-estudantes que aderiram ao Festival estivessem representados.

Sendo assim e dada a disparidade de actividades das estruturas que subscreveram o apelo do Comité Nacional Preparatório, a delegação portuguesa estará

presente nos quinze centros temáticos do Festival, no Tribunal anti-imperialista e na Tribuna Livre que funcionarão durante o Festival e onde os jovens portugueses dirão das suas lutas, das suas aspirações e dos seus anseios.

À parte os jovens que representam as diversas estruturas, também compõem a delegação alguns convidados.

São eles o deputado pelo PCP à Assembleia da República, Jorge Patrício; o deputado pelo PSD à Assembleia Regional da Madeira Mário Gonçalves Marques, um jovem português emigrante na RFA, os vencedores dos concursos de Fotografia e Pinturas Murais promovidos pelo Comité Nacional Preparatório e jornalistas de quatro órgãos de comunicação social.

Fazem ainda parte da delegação portuguesa vários jovens conhecidos ligados à cultura e ao desporto. São eles os membros do grupo «Telectu», Júlio Pereira e o seu grupo, Carlos Mendes e o seu grupo, o disco-jockey Mário Dias, o fotógrafo Luís Pavão, a pintora Teresa Dias Coelho; o dinamizador de jogos tradicionais, José Pires Veiga, o Mestre Internacional de Xadrez e quatro vezes campeão de Portugal, Fernando Silva; o professor-treinador de judo, Carlos Luz; a jogadora de voleibol do Sporting Clube de Portugal e Prémio Stomp, Luísa Lino de Oliveira; o campeão nacional absoluto de pentatlo moderno e olímpico nos jogos de Los Angeles, Manuel José Pinto Barroso, e a ginasta, atleta olímpica nos jogos de Los Angeles, Maria João Falcão.

A participação de todos é a grande aposta da JCP

Em reunião alargada, a Direcção Nacional da JCP salienta que «o Governo PS/PSD foi derrotado, a sua política antijvenil foi travada». No entanto, lembra «estão derrotados mas ainda lá estão. Um governo de gestão é um governo com espaço de acção drasticamente restringido, um acto eleitoral faz-se com igualdade de oportunidades para todos. Sabemos que Mário Soares e os seus ministros demitidos não são capazes nem de uma coisa nem de outra, por isso temos de estar atentos. Agora que conseguimos derrotá-los não lhes podemos dar um milímetro que seja para se levantarem de novo».

Lembrando o papel que também a luta juvenil desempenhou na queda do governo, a JCP afirma que, «não obstante a nova situação, alguns ainda descreem da possibilidade de alterar tudo isto. Nós dizemos: está nas nossas mãos. Se não nos mexermos, nada aparece feito. A participação de todos é a grande aposta. Impõe-se salvar Portugal do subdesenvolvimento, da dependência, do eternamente «atrasados». O Governo Democrático de Salvação Nacional é isto: encontrar nas diferenças a linha que nos une».

Sublinhando que «é nas nossas mãos que está o futuro e que este faz-se já», os jovens comunistas lembram que sempre souberam manter a confiança e a firmeza. Porque «conhecemos a alma deste povo, sempre sabemos que era questão de muito luta e de tempo. Hoje, em face das eleições dizemos: com o PCP, com a APU é possível uma nova política».

A terminar, a Direcção Nacional da JCP afirma: «Somos jovens e comunistas. Apela-

mos a todos os jovens para que participem, para que venham até nós. Queremos discutir com todos. O nosso trabalho não é fruto do acaso. É resultado do trabalho de toda a juventude em todos — mas todos — os sectores da vida nacional. Por isso queremos ouvir, queremos discutir; porque sabemos que todos têm coisas importantes a dizer. A nossa vida depende de nós, só de nós».

Ensino Superior

Em conferência de imprensa, a Direcção Central do Ensino Superior da JCP divulgou as conclusões da sua última reunião, onde fez um balanço do ano lectivo que agora termina e onde analisou as consequências da adesão de Portugal à CEE neste ramo.

Para os jovens comunistas, o Governo PS/PSD agravou de tal modo a situação da Universidade em Portugal, que esta encontra-se actualmente numa situação de quase ruptura funcional, uma vez que a actuação do Ministério da Educação — independentemente dos ministros que por lá passaram — se pautou pelo arbítrio e prepotência.

Sublinhando que nos países da CEE a situação de descalabro do ensino se assemelha em muito à existente em Portugal, os jovens comunistas afirmam que a alteração de planos curriculares, sem ter em conta os interesses portugueses, a fuga de cérebros e a submissão da Universidade a interesses estrangeiros são algumas das consequências da adesão de Portugal à Comunidade.

Elvas e Badajoz A paz não tem fronteiras

Sexta, sábado e domingo foi tempo de paz na fronteira luso-espanhola. Foi tempo de duas cidades se juntarem sob o símbolo da pomba branca que decorou ruas portuguesas e espanholas. Foi tempo de Encontro de Elvas e Badajoz por uma Península Ibérica livre de armas nucleares.

O mural que a partir de agora enfeita Elvas — pintado por crianças das duas cidades — diz bem da importância da luta pela paz, diz bem da importância do movimento de municípios que se declararam zonas desnuclearizadas e que, só na Península, são perto de 500. Diz bem da vontade de um povo que não quer ver o seu território, passar à História,

como passaram Hiroxima e Nagasaki.

Durante este encontro — promovido pelos dois municípios — realizou-se uma reunião do Secretariado permanente da Conferência por uma Península Ibérica Livre de Armas Nucleares.

Os membros — portugueses e espanhóis — desta estrutura decidiram apoiar todas as iniciati-

vas municipais que se integrem no espírito da conferência, tendo essencialmente sublinhado a importância da realização de mais encontros fronteiriços, uma vez que nada melhor do que a vontade de paz para unir ainda mais povos que já têm uma tão grande ligação. Nesta reunião foi também decidida a realização, na capital espanhola de uma segunda sessão da Conferência, e que terá lugar em Novembro.

O Movimento dos Municípios Desnuclearizados abrange no nosso País dois terços do território nacional.

Reformados em festa

A União dos Pensionistas da Previdência e Segurança Social está em festa durante todo este fim-de-semana para comemorar o seu 11.º aniversário.

No sábado haverá uma

sessão comemorativa, na qual serão entregues diplomas de sócios honorários a diversas organizações e personalidades, e uma Festa convívio em que participará o coral da União.

No Domingo, a partir das 15 horas, é tempo para baile e variedades. O programa será preenchido pelo Coral Alentejano da Cidade da Amadora e pelo grupo de teatro do Beato.

Hóspedes de Honra

Álvaro Cunhal e o marechal Costa Gomes são os dois portugueses incluídos na lista dos hóspedes de honra do XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Os hóspedes de Honra do Festival são personalidades de todo o mundo que se destacaram na luta antifascista ou na luta pela Paz.

Além de Álvaro Cunhal e de Costa Gomes, foram convidados pela Comissão Permanente do Comité Internacional Preparatório o escritor argentino galardoado com o Prémio Nobel, Perez Esquivel; Hortensia Allende, viúva do presidente Allende; Gabriel Garcia Marquez, escritor colombiano também galardoado com Prémio Nobel; o cosmonauta cubano Arnaldo Tamayo; o ex-Secretário-Geral da FMJD e actual membro do Comité Central do PC Francês, Jacques Denis; o dirigente da campanha pelo Desarmamento Nuclear, Bruce Kent; Sean McBride, irlandês premiado com o Prémio Lenine Internacional da Paz; Rajiv Gandhi, presidente do Movimento dos Não-Alinhados e primeiro-ministro da Índia; o ex-presidente italiano Alessandro Pertini; Sam Nujoma, presidente da SWAPO, Oliver Tambo, presidente do ANC, Valentina Tereshkova, Anatoli Karpov, o secretário-geral da ONU, Pérez de Cuellar, e ainda Arnaldo Banfi, Walid Jumlat, Omar El Hamidi, Luis Echeverría Alvarez, Van Lanshot, Omar Cabezas, Alan Busak, Juan Antonio Samaranch, Liber Seregini, Angela Davis, Ivan Kozhedub e Vo Thi Thang.

ATÉ AMANHÃ CAMARADAS de Manuel Tiago

O GRANDE ROMANCE DA CLANDESTINIDADE E DA RESISTÊNCIA AO FASCISMO EM PORTUGAL

edições **Avante!**



Internacional

África

Estado de emergência na RSA e revogação da «Emenda Clark» — uma mesma política

O estado de emergência foi declarado na África do Sul. Para «legalizar» as ilegalidades diariamente cometidas, num regime que só por si é um atentado aos mais elementares direitos humanos? A televisão portuguesa não o entende assim. E num inqualificável comentário sobre um facto que surge também como sintoma das profundas dificuldades que Pretória atravessa, argumentou, não com a violência do regime, mas com a violência das massas africanas, vítimas de selvagem discriminação e repressão, para justificar de facto mais um passo na repressão, ou como declarou o presidente da Frente Democrática Unida da África do Sul (UDF), Allan Boesak, permitir às autoridades racistas «fazer

não importa o quê sem ter que prestar contas a ninguém».

Uma posição — já não apenas de desinformação, mas de pura calúnia, enformada por uma óptica pura e simplesmente racista, que na verdade se coaduna perfeitamente com a multiforme cobertura que a nível oficial se presta aos bandos terroristas que actuam em Angola e Moçambique.

Nestes mesmos dias, em que a TV que temos transmitiu um concerto *rock* sob o lema da solidariedade com os povos africanos brutalmente atingidos por uma fome que tem raízes e se perpetua como fruto do colonialismo e da prática política neocolonialista, Lisboa é centro difusor, outra vez, da

propaganda da organização terrorista «Renamo», que se gaba da destruição de várias aldeias, uma fábrica e pontes. O mesmo bando que não há muito, e para citar um entre outros exemplos possíveis, assassinou 20 trabalhadores da «Sena Sugar Estates», quando estes apascentavam gado da Companhia, e que se tem especializado no rapto e assassinio de cooperantes, nomeadamente portugueses.

É esta a lógica. Lógica míope de quem está do lado de sistemas historicamente condenados. Como os factos — para além das múltiplas dificuldades e contradições — comprovam.

Que se passa de facto em África?



Os funerais das vítimas da repressão, na África do Sul, constituem outros tantos momentos da luta contra o apartheid

África do Sul

Mais repressão, mais luta

A declaração do estado de emergência vai linearmente ter uma consequência: mais mortos, mais presos, um maior agravamento de todas as formas de repressão. Não diríamos que vai libertar as mãos aos racistas, porque já as têm bem livres para a prática do crime. Mas sem dúvida tenderá a tornar ainda mais difícil uma luta que impõe um continuado heroísmo de massas (basta lembrar que do passado mês de Novembro aos primeiros dias deste mês de Julho foram feitas mais de 2400 prisões e apenas no mais recente período de lutas e repressão, pelo menos 500 pessoas foram mortas e milhares feridas).

Mas este é apenas um dos aspectos da questão. Outros há que salientam.

● O estado de emergência foi decretado em 36 distritos, vigorando em particular nas zonas dos arredores de Joanesburgo e no leste da província do Cabo, o que corresponde às zonas mais industrializadas do país.

● O estado de emergência surge na sequência de levantamentos populares contra o *apartheid*, que neste momento se de-

senvolvem nos bairros negros de 150 cidades sul-africanas. Claramente reflecte as dificuldades do regime face a um ascenso de luta popular, a incapacidade de um sistema universalmente condenado (com excepção do imperialismo, claro está) de sobreviver, mesmo com todas as pseudo-medidas de liberalização (na verdade uma aposta no isolamento da esmagadora maioria negra), e da política de bantustização, que empurraria a massa de negros para as terras mais inóspitas, ghettos donde só têm autorização de sair os que demonstrem estar a trabalhar para brancos.

● Em vésperas da declaração do estado de emergência, uma grande greve de mineiros foi desencadeada por todo o país. Vinte mil mineiros colocaram exigências de aumento de salários (um mineiro negro recebe cinco vezes menos que um branco), o melhoramento das condições de trabalho, o fim das discriminações raciais da população.

A reacção do patronato foi os despedimentos em massa (o que, aliás, também se verifica, como sabemos, nos Estados

Unidos). Milhares de trabalhadores foram despedidos de empresas dos arredores de Pretória e Joanesburgo, de empresas como a «Vitro Building Products» da multinacional «Anglo American», ou a «Silverton», próximo de Pretória. A repressão aos mineiros em luta assumiu também a forma de verdadeiras invasões policiais das cidades-dormitório.

● Entretanto, como afirmou o presidente do ANC em Adis Abeba, na cimeira da OUA, a luta armada contra o regime vai ser intensificada e deverá alastrar, sob as mais diversas formas, das cidades para o campo, abarcando todo o país.

● Reflectindo a envergadura da luta e a gravidade dos problemas que o regime defronta, temos o apelo em Paris, aos capitalistas europeus, por parte do ministro sul-africano das finanças, Barend de Plessis, para que mantenham os seus investimentos. Apelo que surge em paralelo com a preocupação explícita do governo de Pretória por qualquer motivo de retirada da África do Sul por parte das multinacionais, nomeadamente as norte-americanas.

«Reagan, tira as mãos de Angola»

A «Emenda Clark» foi revogada. O que significa que os Estados Unidos se arrogam o «direito» de apoiar directamente as formas de terrorismo contra o povo angolano. Em Luanda, mais de cem mil pessoas manifestaram-se contra a política de Washington, exigindo: «Reagan, tira as mãos de Angola».

Entretanto, reflexo da costumada sintonia entre Washington e Pretória, «continua patente a ameaça de uma nova agressão de envergadura contra Angola na fronteira sul» como denunciou o presidente angolano, camaráda José Eduardo dos Santos, em Adis Abeba. Ameaça de que são indícios o aumento substan-

cial de violações do espaço aéreo angolano e múltiplas operações provocatórias de patrulhas localizadas na fronteira entre Angola e a Namíbia ocupada.

Actualmente, «as forças de ocupação sul-africanas na região norte da Namíbia continuam formadas por quatro brigadas, 23 batalhões independentes, dois batalhões de pára-quedistas e mais seis batalhões que se encontravam no interior de Angola, que possuem 150 tanques, 428 peças de artilharia e morteiros, 100 aviões de combate, 50 helicópteros e 130 BTR, ou seja transportadores blindados». E o presidente angolano comenta: «com a presença dessas forças na região norte da Namíbia junto à fronteira com a República Popular de Angola, a eventualidade de uma agressão de grande envergadura do exército sul-africano contra o nosso país permanece sempre presente».

Em Angola, a política do imperialismo surge de forma particularmente explícita. Que significa a revogação da «Emenda Clark» senão a oficialização do terrorismo de Estado? Seria possível o estado de permanente agressão, e ocupação mesmo, de território de Angola por forças sul-africanas sem o aval de Washington? Os factos falam por si.

Como se afirma na carta ao Congresso dos Estados Unidos, aprovada por aclamação e em nome do povo angolano no co-

mício de Luanda, «a tão propalada política de «engajamento construtivo» dos EUA na África Austral é, na verdade, um engajamento destrutivo que tem como objectivo salvar o *apartheid*, retardar a independência da Namíbia e subverter os países independentes da região».

Esta a política do imperialismo em África. Que assume também outras formas, nomeadamente de carácter económico. Política que é uma face da realidade da África Austral, a face do *apartheid* e das agressões a países independentes, do terrorismo e da chantagem.

A outra face é a da luta. Luta em defesa dos interesses mais elementares dos povos, e do simples direito a existência independente. «Angola é um país soberano e pacífico que é obrigado a fazer a guerra em legítima defesa. Não tem a intenção de praticar uma política de confrontação com qualquer potência, porém — sublinha José Eduardo dos Santos — não pode ficar indiferente à defesa dos seus interesses nacionais».

O empenho na defesa do direito a uma opção livre e independente, nomeadamente no plano económico, foi reafirmada na cimeira da OUA.

Para o imperialismo fica o aviso claro contido na carta aprovada em Luanda: «relembrar o Vietnam é uma exigência para qualquer norte-americano responsável».

Namíbia

«Governo provisório» duplica orçamento militar

De repressão também se alimenta a política de Pretória no território ocupado da Namíbia. O que, de forma dialéctica, não pode deixar de reflectir a importância da própria luta de libertação.

Assim, o denominado «governo provisório», fórmula, velha, a que o governo racista de Pretória recorreu para protelar a concretização das decisões da ONU, tenciona dispendir 142 milhões de rands para reforço das «forças de segurança espe-

ciais», o que corresponde a uma duplicação do orçamento militar.

Para além do reforço das «forças de segurança especiais», há que contar ainda com o contingente militar sul-africano, cerca de cem mil militares, entre os quais o 32.º batalhão formado por mercenários e a unidade especial «Koevoet», formada por delinquentes e marginais, directamente subordinada ao presidente sul-africano Pieter Botha, e especializada na prática de assassínios, torturas e incêndios

nas «zonas de operações».

Por outro lado foi introduzida a «lei de defesa», que decreta o serviço militar obrigatório entre os namibianos, dos 17 aos 55 anos de idade, que são deportados para campos de concentração especiais e forçados a fazer treino militar (o que traduz as dificuldades dos racistas mas pode ter resultados bem contrários aos seus objectivos...).

A resposta popular da Namíbia — como na África do Sul — é a intensificação da luta. Como

recentemente afirmou o presidente da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO), Sam Nujoma, o Exército popular de libertação da Namíbia intensificou as suas acções em todo o território nacional ocupado.

O cerco dos povos da África do Sul e da Namíbia à criminosa política do *apartheid* vai-se cerando. É uma questão de tempo. Pretória não tem saída: o agravamento da repressão, se lhe pode prolongar a agonia, é sintoma disso mesmo.

Internacional

Nicarágua

Essa palavra solidariedade

No tempo da outra senhora era vulgar dizer-se que a palavra saudade era uma das mais bonitas da língua portuguesa. A carga ideológica e psicológica de tal ideia, tantas vezes repetida que chegou a ganhar raízes, não era de modo algum inocente. Saudade era o passado, o conformismo, mal disfarçados de sentimentalismo barato a cimentar a convicção de brandos costumes que os poderes instituídos de então se empenhavam em vestir ao povo português.

Não são muitos os que hoje persistem nessa via, mas ainda há quem o faça. Como Reagan quando veio a Lisboa visitar os seus especiais amigos, numa lembrança que alguém lhe soprou no discurso a remoer saudades de impérios que se sabem perdidos.

Outras palavras bem mais prenhes de significado ganharam espaço no vocabulário português, sinal dos tempos (difíceis) de mudança onde a confiança no futuro se afirma todos os dias.

De todas elas, as palavras, a mais bela diz-se quase do mesmo modo nas mais diferentes línguas — Solidariedade. Solidaridad. Solidarité. Solidarity. Solidarnost. Solidarität. Solidariedade.

Como a provar que não há fronteiras para tal sentimento quando os povos se unem para a ajuda mútua. Como sucede em relação à Nicarágua.

Nicarágua, pequeno país da América Latina que há seis anos, comemorados em 19 de Julho, derrubou o ditador Anastasio Somoza e pôs termo à dinastia dos Somozas, numa revolução popular que culminou longos e dolorosos anos de luta.

Nicarágua, pequeno país cujo povo heróico dá mais um exemplo aos povos de todo o mundo confirmando ser possível enfrentar o grande inimigo comum, o imperialismo, em particular o norte-americano.

Não é por acaso que em Manágua no dia 19 de Julho se comemora o «Dia da alegria». Porque não há alegria maior do que a afirmação da liberdade, do direito de ser povo, do direito à justiça e à paz por mais elevado

que seja o preço por que se conquista.

Compreendem-no os povos do mundo que com a Nicarágua se solidarizam todos os dias, por palavras e por actos. Lisboa foi disso exemplo, na passada sexta-feira quando, tal como em diversas outras oportunidades, juntou numa iniciativa comum diversas sensibilidades políticas e ideológicas para a homenagem e solidariedade ao sexto aniversário da Revolução Sandinista.

A demonstrar, como diria um dos oradores da noite, que o grande confronto entre os homens se regista entre exploradores e explorados, único campo onde o entendimento não é possível.

E também que a unidade é

possível, urgente e indispensável quando há um inimigo comum a combater.

A condenação do imperialismo

Da saga do povo nicaraguense falaram todos os oradores da sessão comemorativa presidida por Cunha Serra que levou ao cinema Alvalade centenas de pessoas. Manuel Lopes, da CGTP-IP; o reverendo Dimas de Almeida; o representante da JOC, Américo Monteiro; o dirigente do PCP, Aurélio Santos; o membro da Comissão Política do PS, Aquilino Ribeiro Machado; a activista católica Manuela Cunha e o próprio embaixador nicaraguense, Fanor Herrera, falaram

da Nicarágua do passado, das conquistas da revolução e sobretudo da esperança no futuro.

O que equivale a dizer que os EUA estiveram em Alvalade uma vez mais no banco dos réus do tribunal da opinião pública, pela sua política agressiva e militarista em relação à América Central.

As actividades da CIA e dos seus títeres dos bandos contrarrevolucionários; a minagem dos portos nicaraguenses; o banditismo nas regiões fronteiriças; a sabotagem económica; os assassinatos; o embargo económico-comercial; as pressões políticas, económicas e militares; a ameaça cada vez mais forte de uma intervenção directa das forças norte-americanas na Nicarágua; as cumplicidades espúrias

com que conta a administração Reagan, foram ao longo da noite o tema comum de todas as intervenções.

A justificar uma pergunta que não deixou de ser feita: como é que apesar de tudo isto o povo da Nicarágua continua a resistir?

O Dia da Alegria

A resposta, se a não soubessem os oradores, podia encontrar-se nas imagens que desse dia, em particular, chegaram da Nicarágua. Um mar de gente, um mar de povo, a invadir as ruas para gritar bem alto a vitória da revolução, fazendo jus ao nome dado ao 19 de Julho — o Dia da Alegria.

A dizer que o somozismo, como regime, está morto e enterrado e que não serão uns quantos saudosistas que o farão ressuscitar; a dizer à administração Reagan que no seio de cada povo que ela se proponha submeter há sempre a coragem de um Vietname vitorioso; a garantir que a força da razão acaba sempre por prevalecer sobre a razão da força.

Não o entendem os EUA que nos últimos cinco anos de guerra encoberta provocaram já mais de 12 mil vítimas; que nos 30 barcos que têm estacionados ao largo da Nicarágua não transportam comida, como não são medicamentos o que fizeram desembarcar nas Honduras. Para o imperialismo, os alimentos são as armas, a exploração, o domínio, a guerra.

Mas entendem-no os povos que se solidarizam com a Nicarágua; as personalidades de todo o mundo que em Manágua se juntam ao jejum de protesto do padre Miguel d'Escoto; as campanhas de ajuda material que em Portugal como em muitos outros países recolhem doativos para as crianças nicaraguenses, numa corrente de solidariedade que a todos engrandece e que mais do que nunca importa continuar a fortalecer.



AVANTE!

Orgão Central do Partido Comunista Português

«Enfrentando firme, corajosa e serenamente o tribunal fascista onde o seu "julgamento" ia ter lugar, Álvaro Cunhal, dirigente querido do PCP, ergueu ali a tribuna, onde o acusado passou a acusador, onde os crimes hediondos da camarilha salazarista contra os mais abnegados patriotas foram denunciados, onde a política antinacional da camarilha salazarista foi posta a nu, onde a linha política e meios de acção do PCP foram expostos e defendidos, onde as calúnias e mentiras insistentemente divulgadas pela imprensa e rádio fascistas contra os comunistas foram desmascaradas e deitadas uma a uma por terra.» (...)

(«A Defesa de Álvaro Cunhal Foi uma Acusação Implacável» — «Avante!», VI Série, n.º 149, Julho de 1950)

AVANTE!

Orgão Central do Partido Comunista Português

«As lutas operárias e camponesas que se desenrolaram por todo o País, a seguir à burla eleitoral, reflectem a diversidade e a agudeza dos problemas que afectam o povo trabalhador de Portugal.»

«As reivindicações políticas — anulação das eleições burlas, libertação dos presos políticos, demissão de Salazar e Santos Costa — juntam-se as reivindicações económicas mais sentidas: aumento imediato dos salários; medidas contra a carestia de vida; abolição dos intermediários corporativos que provocam o agravamento dos preços em prejuízo do consumidor e do produtor, etc.»

«A estas reivindicações juntam-se agora as da reabertura imediata das fábricas encerradas pelo Governo como represália contra os trabalhadores em greve e a readmissão dos operários despedidos.»

(«Centenas de Milhar de Portugueses Contra a Burla Eleitoral» — «Avante!», VI Série, n.º 250, número especial de Julho de 1955)

AVANTE!

Orgão Central do Partido Comunista Português

«O mês de Junho de 1963 marca uma nova grande etapa na conquista do espaço cósmico. A União Soviética lançou os Vostok 5 e 6, o primeiro tripulado pelo jovem comunista Valério Bikovski, e o segundo, 48 horas depois, pela jovem comunista Valentina Tereskova. (...)»

«Bikovski é mais um fruto da famosa escola da cosmonáutica soviética. O seu voo audacioso coloca-o, ao lado dos nomes famosos de Gagarine, Titov, Nikolaev e Popovitch. Mas Valentina Tereskova, fruto da mesma escola, é mais do que isso. O facto de ser a primeira cosmonauta do Mundo vem também lembrar a todo o Mundo que na União Soviética não é só a ciência que progride. Toda a sociedade soviética, conduzida pelo glorioso Partido Comunista da União Soviética, progride e caminha a passos firmes na construção da sociedade comunista, onde as mulheres ocupam de direito o mesmo lugar que os homens.»

(«Uma Comunista no Espaço» — «Avante!», VI Série, n.º 331, Julho de 1963)

AVANTE!

«Unidos como um só homem, milhares de operários da Carris de Lisboa reclamaram firmemente, em três concentrações sucessivas, em Santo Amaro e no Arco do Cego, o aumento de salário a que têm direito. (...)»

«Na actual fase da luta, as concentrações massivas são o melhor caminho e os operários mostram que sabem escolhê-lo acertadamente. Mas para vencer a resistência patronal, fortalecida pela repressão fascista, novas lutas terão de ser travadas. Saber defrontar com coragem as forças repressivas é condição essencial para a vitória. Enquanto defendem pacificamente os seus direitos, os operários da Carris devem gritar às forças policiais: «— Fora daqui! Não queremos desordens! Defendemos o nosso pão!» (...)»

(«Grandes Concentrações na Carris» — «Avante!», VI Série, n.º 380, Julho de 1967)

Saudação do PCP

Por ocasião do 6.º aniversário da revolução popular sandinista, o Comité Central do Partido Comunista Português enviou à Direcção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional a seguinte mensagem:

Queridos Camaradas:

Em nome dos comunistas portugueses e certos de exprimir os sentimentos solidários da classe operária e dos trabalhadores do nosso país, o Comité Central do Partido Comunista Português envia à Direcção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional e por seu intermédio a todos os membros da FSLN, a todos os patriotas nicaraguenses e ao Povo da Nicarágua, as mais calorosas e fraternais saudações, por motivo das celebrações do 6.º aniversário da revolução popular sandinista.

Nesta data histórica da vida do vosso povo e de toda a humanidade progressista queremos confirmar-vos que estamos inteiramente ao lado da FSLN e do povo nicaraguense na sua difícil e heróica luta em defesa da independência e soberania da sua pátria, pela defesa e consolidação da revolução, contra a brutal política de provocações, ingerências e agressões perpetradas pelo imperialismo norte-americano e seus fantoches contra a Nicarágua.

O triunfo da revolução sandinista foi um acontecimento de grande alcance e significado internacional, a sua defesa e consolidação é do interesse não apenas do povo nicaraguense e dos povos da América Central e Latina mas de todos os povos

do mundo, de todas as forças da independência, da democracia, do progresso social e da paz. A causa da revolução sandinista sentimo-la como se nossa própria fosse. Nas condições concretas do nosso país, ao mesmo tempo em que nos empenhamos em batalhas decisivas para a defesa da Revolução de 25 de Abril, apoiamos e solidarizamo-nos activamente com a vossa luta, desmascaramos e denunciámos as campanhas de mentiras e calúnias orquestradas pela reacção internacional contra a Nicarágua, exigimos o fim da criminosa guerra não declarada conduzida pelo imperialismo norte-americano contra o vosso povo, assim como contra o povo de El Salvador e outros povos da região. Impedir a concretização da criminosa ameaça da Administração Reagan de uma intervenção directa em larga escala contra a Nicarágua e na América Central, assegurar ao povo da Nicarágua o direito de escolher o seu próprio caminho é tarefa central da hora presente de todos os progressistas e amantes da paz.

Desejamo-vos queridos camaradas grandes sucessos na vossa acção de edificação de uma nova Nicarágua próspera e progressista e novos êxitos na defesa da vossa pátria ameaçada. Confiantes na vitória, reafirmamo-vos a solidariedade activa dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal.

Viva o 6.º aniversário da Revolução Sandinista!

Viva a amizade de todas as forças anti-imperialistas e amantes da paz!

Viva a amizade entre o Partido Comunista Português e a Frente Sandinista de Libertação Nacional!

O convite por acaso

«Não custa organizar uma coisa que é espontânea. Não houve circulares a pedir apoio, nem nada desse género. Muito simplesmente passou-se a palavra e os apolos foram chegando».

*Declaração a «O Jornal» de
Gomes Mota, porta-voz dos
«independentes» que na se-
mana passada promoveram a
candidatura de Mário Soares à
presidência da República.*

Os empregados do «Altis» andavam numa roda-viva, solicitados pelos pequenos grupos que, de repente, começaram a transpor as portas do hotel.

— A manifestação espontânea?!... Segundo andar, se faz favor. Muito obrigado, é só seguir as setas!

Carneiro Jacinto, assessor do primeiro-ministro Mário Soares e responsável pelo bom andamento das operações, chegou-se ao chefe dos empregados e sibilou, entre duas largas saudações a um grupo de empresários e outro de ex-militantes do PS, que entretanto entravam e subiam com a mais evidente independência:

— Avise os seus homens para não falarem em «manifestação espontânea». O letrado ali do átrio é bem explícito, «Reunião de Independentes» e nem mais uma vírgula!

O homem olhou-o, constrangido.

— Mas são eles que perguntam pela manifestação espontânea!!!

— Pois respondam-lhe com a reunião de Independentes! Os espontâneos não têm hora marcada, está a ver o meu ponto de vista?! Outra coisa: Já puseram as rosas?

— As rosas?!...

— No palco, senhor!

— Ah! Tudo em ordem — e tudo clarinho, como foi recomendado, só não pudemos tirar o vermelho da bandeira nacional, mas aí, compreende...

Carneiro Jacinto já não o ouvia. Cercado de assessores e adjuntos de Imprensa do actual Governo, distribua tarefas e recapitulava instruções:

— Sobretudo não se esqueçam que o Partido Socialista não pôs aqui prego nem estopa!

— Nem era preciso — gracejou um — vem tudo do Governo...

Jacinto trespassou-o com um olhar de comissão liquidatária.

— Você ainda nem aqueceu o lugar e por esse caminho vai deixá-lo ao relento...

Era uma frase elíptica mas dura, que Carneiro utilizava, sempre com efeito, nos grandes embates ideológicos. O outro perdeu logo a verve e ainda tentou umas desculpas, mas o assessor do primeiro-ministro já se encaminhava para a sala de reunião, ajustando freneticamente a gravata. Tocou ao

de leve no ombro de Gomes Mota, o promotor oficial.

— Os apolos estão a chegar a bom ritmo.

— As carradas! — respondeu o presidente da TAP, planando o olhar satisfeito pela sala apinhada — É espantoso o efeito do passa-palavra!

Jacinto achou que o outro lhe dava uma deixa irónica e arriscou:

— Se calhar moram todos ao pé uns dos outros!

O promotor oficial virou-se com

a imponência de uma torre de controle:

— Não diga asneiras e vá apresentar a sessão.

Siderado, o assessor do primeiro-ministro apercebeu-se do rumor que vinha do fundo da sala e dos impacientes avisos que, à porta, lhe gesticulavam outros dois assessores por si próprio ali colocados. Correu para o microfone, apertou o botão do casaco e anunciou, apoplético de emoção:

— Minhas senhoras e meus

senhores, está a dar entrada neste momento na sala o doutor Mário Soares e sua excelentíssima esposa!

Assim era. O dr. Mário Soares, de escuro, e sua excelentíssima esposa, de branco, executavam uma entrada discreta no meio da revoada de aplausos que os acompanhou até aos dois lugares miraculosamente vagos na primeira fila. Gomes Mota arredou Carneiro Jacinto e tomou o microfone:

— É uma grata surpresa, re-

cebemos a visita de V. Exclias!

Todos os presentes manifestaram grata surpresa.

— Acontece que estamos aqui, espontaneamente, para convidar V. Excia!

Todos os presentes mostraram que estavam ali, espontaneamente, para convidar S. Excia.

— E queremos convidá-lo a candidatar-se à Presidência da República!

Aí chegou-se ao rubro. Todos os presentes convidaram S. Excia a candidatar-se à Presidência da República. Então S. Excia levantou-se, beijou afectuosamente sua excelentíssima esposa e subiu à tribuna:

— Passava aqui por acaso quando me informaram deste convite.

Aplausos. A televisão, que também se encontrava ali por acaso há uma data de horas, fez o primeiro grande plano da multidão eufórica.

— É verdade que fui apanhado de surpresa.

Mais aplausos.

— Mas não ignoro que há uma corrente significativa de portugueses que deseja ver-me eleito Presidente da República.

Os aplausos cresceram. As câmaras já não sabiam para onde se voltar. A corrente significativa de portugueses não parava quieta.

— Não sei por que se lembraram disto, dado que ainda é cedo para isto.

Aí a excelentíssima esposa levantou-se com alva energia e todos se puseram de pé clamando a presidência. A espontaneidade freminha na sala. Vencido, Soares admitiu com um sorriso mole, repassado de ternura:

— Mas sós Independentes, não vos posso orientar os actos. E este pode bem ser o primeiro acto da minha candidatura.

Já estava. Carneiro Jacinto percebeu-o, desta vez no momento exacto, e anunciou ao microfone, com inegável elegância:

— Segue-se uma sessão de convívio, para que todos estão convidados!

Então desataram todos a conviver com aplicada independência, enquanto lá fora a cidade e o País se confrontavam, no telejornal, com o caso de tão extraordinário acaso. Sentindo-se logo independentes... dele.

■ H. C.



■ **Carlos Carvalho**

As coligações de direita e o desastre do País

Nove anos de coligações de direita, com ou sem o PS, conduziram o País a uma situação económica, financeira e social gravíssima. Desde 1976 até hoje os governos PS, PSD e CDS não só agravaram o atraso relativo do País, aumentando o fosso entre o nosso nível de desenvolvimento e o dos países mais próximos (Grécia, Espanha), como têm vindo a hipotecar o País e o seu futuro. De facto, desde 1976, a dívida externa foi multiplicada por 5 se medida em dólares e multiplicada por 25 se avaliada em escudos, o que constitui já hoje um sorvedouro de energias e recursos e no futuro constituirá um verdadeiro travão ao desenvolvimento, se não se lhe der solução...

Mário Soares ao procurar adocicar estes dois anos de governação vai afirmando, sem reboço, que o seu Governo conseguiu estabilizar a dívida externa e que agora, que o Governo se preparava para relançar a economia, é que o PSD «roeu a corda».

É preciso que se saiba que quando este Governo entrou em funções a dívida externa era de 14 280 milhões de dólares (Julho de 1983) e que em Março deste ano ela já se situava em 15 642 milhões de dólares.

Isto significa que, em dois anos, apesar das quebras do investimento e das importações e apesar da venda de ouro o Governo PS/PSD **aumentou a dívida em mais de 220 milhões de contos!**

Mas se quanto ao aumento da dívida externa e à ruína da economia é necessário desmascarar e responsabilizar o PS de Mário Soares, não se pode deixar de denunciar as afirmações demagógicas do PSD, do CDS e de Cavaco Silva para se desresponsabilizarem dos desastrosos resultados económicos e sociais da acção deste Governo e dos que o antecederam.

Quando Cavaco Silva condena a política do Governo, agindo como Pilatos, é necessário recordar que o PSD faz parte desta coligação, que o PSD tem vindo a gerir as pastas da economia e que a política do Governo PS/PSD seguiu as receitas do FMI que o próprio Cavaco Silva acordou com esta instituição.

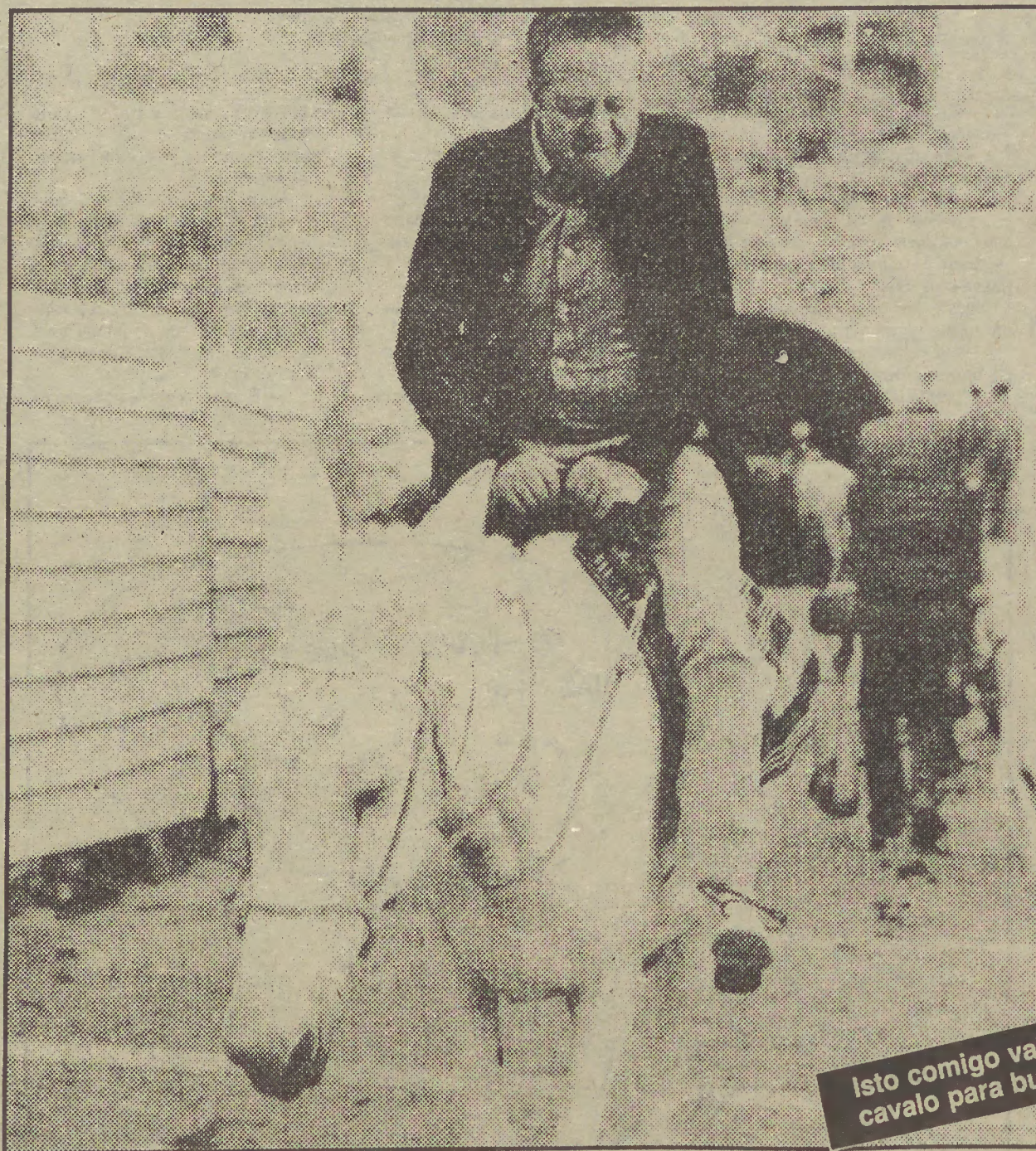
E é de lembrar que se este Governo, em dois anos, **aumentou a dívida externa em mais de 220 milhões de contos, Cavaco Silva quando foi ministro já a tinha aumentado, num só ano (1980), em mais 100 milhões de contos.**

Quanto ao CDS basta recordar os apoios que deu a este Governo e a sua acção nos Governos AD, nomeadamente a actuação de Morais Leitão como Ministro das Finanças.

As diversas coligações que se formaram desde 1976 (todas as possíveis no quadro da direita) e as forças que as apoiaram sempre procuraram esconder o factor determinante da crise, a política de recuperação capitalista, desculpando-se com a crise internacional, com a seca, com a Constituição económica.

A crise do mundo capitalista teve e tem efeitos negativos sobre a economia portuguesa e tanto mais quanto maior for o afunilamento das nossas relações económicas externas. Mas se compararmos com outros países a evolução de vários indicadores económicos, financeiros e sociais (Produto Interno Bruto, inflação, dívida externa, etc.), verifica-se que a degradação da

Números esclarecedores sobre a situação económica financeira e social



Isto comigo vai sempre de cavalo para burro

um decréscimo em 1984 de 20%, depois de em 1983 já se ter verificado uma diminuição de 7,5% (na indústria transformadora a diminuição ainda foi mais brutal, 25% em 1983 e 35% em 1984), manteve-se estagnado nos primeiros meses deste ano. Quanto às importações (CIF) avaliadas em dólares acusaram, no primeiro trimestre de 1985, uma diminuição de 19,3% em relação a igual período do ano passado. Esta diminuição, com pesos expressivos nos bens de equipamento e material de transporte, é mais um indicador a traduzir a recessão económica. Por sua vez as exportações (FOB), avaliadas em dólares, acusaram no mesmo período uma diminuição de -2,6%. As remessas de emigrantes apresentam também neste primeiro trimestre uma diminuição de 19,4% em comparação com igual período do ano passado.

Em relação à situação social, os salários reais continuaram a diminuir nos primeiros meses do ano em curso e não se verificou qualquer evolução positiva em relação aos salários em atraso. Segundo o inquérito ao emprego (INE) o nível da população empregada diminuiu 1% no primeiro trimestre de 1985, em relação a igual período de 1984, o que significa menos 39 mil postos de trabalho. Por outro lado, é caótica e degradante a situação no ensino, saúde e habitação. Quanto a esta os dados oficiais contradizem claramente a demagogia governamental. O crédito concedido à habitação, por exemplo, em termos reais apresenta uma taxa média negativa de 29,4% em 1983 e de 8,7% em 1984.

situação em Portugal é muito mais profunda, resultante da política concretizada pelos sucessivos governos de direita, contra o País e o povo em favor do grande capital.

A situação actual

Também não é verdade, como diz Mário Soares, que a economia do País se encontra em recuperação.

Os últimos dados oficiais são a confirmação da continuação da crise e do marasmo económico.

O Governo PS/PSD, no seguimento dos Governos PSD/CDS, conduziu o País a uma das suas mais graves crises. A produção mantém-se estagnada. A produção agrícola de 1984/1985, segundo os dados oficiais, irá ter quebras apreciáveis em relação ao ano agrícola precedente, nomeadamente no que respeita aos cereais. Em dois anos deste Governo a taxa oficial média de produção de carne diminuiu 11,4% em 1983 e 2,2% em 1984. A construção civil continua em declínio registando-se diminuições substanciais, nos primeiros quatro me-

ses deste ano, nas vendas de cimento (menos 14%), aço (menos 18%) e vidro (menos 18%). A taxa de utilização da capacidade produtiva instalada na indústria transformadora que já era de 76% em média, em 1983, passou para 74% em 1984 e mantém-se estagnada nos primeiros meses deste ano. A opinião expandida pelos industriais nos Inquéritos à Indústria Transformadora sobre o primeiro trimestre de 1985 revela uma quebra de 7 pontos percentuais quanto à «evolução da produção». O investimento total que segundo os dados oficiais teve

A situação financeira

Todos os indicadores apontam para a continuação da agudização da crise financeira das empresas, do Estado e da dívida externa do País.

O crédito às empresas e particularmente, concedido até Abril deste ano apresenta uma contracção maior do que em igual período de 1984 (24% em 1984 contra 18% em 1985).

Também a dívida externa aumentou 5% em Março apresentando-se no final do primeiro trimestre deste ano com um acréscimo de 4% em relação ao período homólogo de 1984.



Para o dr. Mário Soares, esposa e restante família, incluindo os amigos e parentes políticos, a governação tem sido uma maravilha. Os trabalhadores e o povo em geral não são da mesma opinião, conforme os próximos actos eleitorais irão comprovar



Preocupante é também a situação bancária a reflectir o quadro da situação económica do País e da política económica e financeira que vem sendo seguida. As estimativas oficiais indicam que os prejuízos da banca comercial nacionalizada em 1985 ascenderão a 13,4 milhões de contos.

Atente-se que para além da política de recessão, dos gestores ao serviço do grande capital e do avolumar do crédito mal parado, há ainda como factores negativos a pesarem na situação da banca comercial nacionalizada, as dívidas do Estado que só em bonificações ultrapassa os 80 milhões de contos, os empréstimos no valor de cerca de 19 milhões de contos à taxa de juro de 18%, as dívidas em obrigações num montante aproximado de 16 milhões de contos e uma taxa de juro médio de 2,5%, etc.

E enquanto a situação da banca comercial nacionalizada e do Banco de Portugal se agrava, o governo continua a conceder despidoradamente benesses à banca privada.

Em Setembro de 1984 o Banco de Portugal previa, para o exercício desse ano, um prejuízo de 21 milhões de contos. O lucro de 1,5 milhões de contos que veio agora a apresentar no Relatório e Contas do Banco é um resultado mascarado, nomeadamente com a diminuição sensível das provisões. Mas a situação real mantém-se. Não deixa alás de ser significativo e preocupante que a Conta de Resultados Previsional do Banco de Portugal para 1985, apresente no seu orçamento uma estimativa de resultados negativos de cerca de 45 milhões de contos.

A situação em que este governo deixa o País, no seguimento dos sucessivos governos de coligações de direita, com ou sem o PS, é extremamente grave, quer no plano económico, quer no plano financeiro, quer no plano social.

É indiscutível e inquestionável que nestes últimos nove anos a direita conduziu a economia portuguesa ao desastre enquanto refez fortunas, restabeleceu privilégios e deu livre curso à corrupção, ao compadrio, e ao nepotismo.

É necessário pôr fim a esta política, é necessário pôr fim às coligações de direita e abrir caminho a um governo democrático que recupere o País e promova o desenvolvimento económico e social e defenda a independência nacional ■

■ Lino Lima

Um dos homens

Começamos por ouvir o barulho característico de uma multidão ululante, que se sentia cada vez mais próxima. Percebemos logo do que se tratava, até porque da janela gradeada do quarto onde vários estávamos, que dava para o lado do portão de entrada, podíamos ver e ouvir os pides que chegavam a correr desaustados, apavorados. Um deles gritou, logo que se sentiu a salvo dentro do pátio: «as metralhadoras! as metralhadoras!», enquanto corria para a escada que dava para a porta da sala onde permaneciam, aflitos, alguns agentes de turno.

Só o «Patachou» chegou ao mesmo passo do costume, sem pressas, pesado, a andar com os bicos dos pés para fora, dizendo provocatoriamente para os colegas que estavam de serviço no piquete, brancos e inquietos: «Então? Já estais borrados de medo? Deixem lá vir os homens.»

Efectivamente «os homens», verdadeiros homens, tinham chegado junto do edifício da Pide, no Porto, até paredes meias com o cemitério do Prado do Repouso. E alguns dos agentes que apareceram às janleas tiravam fotografias que lhes permitissem tentar identificar depois os atrevidos que ousavam gritar-lhes na cara: «Liberdade para os presos políticos! Viva a Democracia!»

Soube depois que aquela pequena multidão se tinha destacado da multidão enorme que a essa hora ocupava toda a «baixa» portuense e, em delírio, festejava a rendição incondicional do nazifascismo e a vitória da Democracia. E glorificava os exércitos dos Aliados, erguendo mastros com as bandeiras da América, da Inglaterra e da França e um outro sem bandeira nenhuma que toda a gente entendia ser aquele onde devia tremular a bandeira da União Soviética se não vivéssemos num regime de ditadura fascista, cujas forças repressivas tinham a veleidade de tentar fazer esquecer, mesmo naquele momento, quais tinham sido os conquistadores de Berlim.

Aquela pequena multidão trazia aos presos na Pide um sinal de solidariedade e esperança. Exigiam a sua libertação, porque aquele era um momento de confiança, uma hora de sonhos. Acreditava-se que, em Portugal, o fascismo também poderia cair diante daquela vitória esmagadora da Democracia.

As tropas soviéticas tinham tomado Berlim e ali, nas alturas da chancelaria do Reich, um grupo de soldados da URSS erguera a bandeira vermelha, com a foice e o martelo, símbolo de um Estado de operários e camponeses. Eles haviam partido de Stalinegrado, de Moscovo e de Leninegrado e traziam consigo a liberdade à custa de vinte milhões de irmãos mortos.

O nazismo estava de rastos. Aqueles em quem Salazar tinha depositado a esperança de derrotar os comunistas suicidavam-se ou fugiam como ratos. A guerra terminava com o esmagamento dos que tinham projectado estabelecer uma «ordem nova» por mil anos, submetendo os povos da Europa e, depois, de todos os continentes, à ditadura dos «arianos»! Era um desígnio incrível, louco, mas que perseguiram sem desfalecimentos, passo a passo, dominando Estado após Estado, sem recuar perante as maiores violências e barbaridades que, quando foram conhecidas, estarreceram o Mundo.

E houve um momento em que parecia irremediável. A República Espanhola caíra e as tropas nazis dominavam a Europa Continental até aos Urais.

Foi precisamente nesta altura, quando também em Portugal muitos julgavam que tudo estava perdido e a repressão tinha atingido requintes de brutalidade e ferocidade nunca antes vistos, que um grupo de comunistas portugueses se lançou confiante, na tarefa de reorganizar o Partido e cumprir passo a passo esse objectivo, procurando encontrar e ligar, em todo o país, aqueles que estavam dispostos a lutar contra a ditadura salazarista. E esse objectivo tinha sido tão bem cumprido que, em 9 de Maio de 1945, naquele dia em que o povo do Porto comemorava a Vitória, o Partido Comunista Português já era uma importante força política nacional que lutava pela Democracia e tinha contribuído decisivamente para que outros democratas também se tivessem lançado no combate contra o fascismo.

Entre os comunistas que cedo se dispuseram a entrar nessa batalha estava António Ribeiro da Silva, que morreu há tempos na sua terra de Viana do Castelo. Ele deu um importante contributo para a organização do Partido no Alto Minho e depois, durante trinta anos, até ao 25 de Abril, através de prisões e sacrifícios vários, manteve erguido o facho de combatente comunista, quer nos chamados movimentos «legais», quer na actividade partidária e clandestina. Homem simples e corajoso, transformou-se naturalmente numa figura moral da sua região, que todos respeitavam. Por isso os trabalhadores de Viana do Castelo o homenagearam no dia da sua morte, que foi no 1.º de Maio, durante a manifestação que ali então realizaram, comemorando o Dia do Trabalhador ■

Em dois anos, e apesar da venda do ouro, o Governo PS/PSD aumentou a dívida externa em mais de 220 milhões de contos. Entretanto, Cavaco Silva procura lavar as mãos como Pilatos. Mas quando ele foi ministro, a dívida externa aumentou num só ano (1980) em mais 100 milhões de contos!



EUA e Grã-Bretanha demoraram três anos para abrir a 2.ª frente na Europa

A abertura da Segunda Frente na Europa, protelada durante três anos pelos EUA e a Grã-Bretanha, é o aspecto mais complexo e polémico das relações entre os principais membros da coligação anti-hitleriana.

A propaganda e os historiadores burgueses esforçam-se por justificar a política daqueles dois países em relação à segunda frente e esconder os motivos políticos que levaram ao seu constante adiamento. Em última análise, pode afirmar-se que não a abriram para assim não apoiar o seu aliado principal, a URSS, que suportou em 1941 e 1942 os ataques das maiores forças do exército nazi; abriram-na em 1944 quando as vitórias das tropas soviéticas na frente soviético-alemã, a principal da Segunda Guerra Mundial, já tinham pré-determinado o resultado do conflito.

Tratou-se das vitórias decisivas alcançadas com as batalhas de Moscovo, de Stalingrado e de Kursk, que alteraram a correlação de forças.

Até ao Verão de 1944, o exército soviético derrotou mais de 450 divisões inimigas, alcançando as vitórias mais importantes entre o Verão de 1943, com a batalha de Kursk, e a Primavera de 1944 com a saída pela fronteira sul da URSS, que levou à divisão da única frente estratégica do inimigo no Leste. As tropas soviéticas tiveram, assim, a possibilidade de atacar a sudoeste para sair para os Balcãs e no centro da frente soviético-

-alemã, na Bielorrússia e no oeste da Ucrânia, para sair para as regiões orientais da Polónia.

Os EUA e a Inglaterra receberam então que o exército soviético derrotasse definitivamente a Alemanha e libertasse, sem a ajuda das forças da coligação, os povos europeus. R. Lockhart, antigo director do comité executivo britânico para a guerra política, expressou inequivocamente a sua opinião: «A Rússia tem possibilidades reais de vencer a guerra sozinha».

Também os círculos dirigentes norte-americanos manifestaram a sua preocupação. Em Março de 1943, logo depois da vitória de Stalingrado, o adjunto do presidente H. Hopkins, num encontro de estadistas norte-americanos com o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, A. Eden, em Washington declarou:

«Se não agirmos rapidamente e com firmeza, a Alemanha ou se torna um país comunista ou o reino da anarquia... no fundamental, isso pode acontecer a qualquer país europeu... A situação será muito mais simples se



A sua passagem as tropas nazis deixaram um rasto de destruição e morte



As tropas da Primeira Frente Ucraniana atravessam o Bug Ocidental, em Julho de 1944

grandes contingentes das tropas inglesas e americanas estiverem na França ou na Alemanha no momento da derrota da Alemanha. Mas devemos elaborar um plano para o caso da Alemanha ser derrotada.»

Estratégia

Perante o avanço impetuoso dos soviéticos, os EUA e a Inglaterra viram-se obrigados a alterar a sua estratégia sobretudo em relação à abertura da segunda frente, substituindo a política de espera pela intensificação de acções decisivas na Europa.

Pode dizer-se que na estratégia dos círculos dirigentes dos EUA e da Grã-Bretanha, a tendência do «não tenhamos pressa» que se observou durante três anos foi substituída pela de «não cheguemos atrasados».

O aumento da envergadura das acções militares na Europa faria, por um lado, a «Wehrmacht» hitleriana retirar parte das suas tropas da frente soviético-alemã e, por outro, conteria as forças do exército soviético.

No entanto, no Ocidente apresenta-se como principal razão para a abertura tardia da segunda frente o facto dos Estados Unidos e da Inglaterra não terem, entre 1941 e 1943, forças e meios de transporte suficientes para

desembarcar o seu corpo expedicionário na Europa. Ultimamente e segundo a propaganda norte-americana, os EUA fizeram todo o possível para abrir a tempo a segunda frente e cumprir, assim, os seus compromissos com a URSS; mas o impedimento partiu de Churchill.

Analisando as dificuldades e obstáculos que os círculos americanos dizem ter-se levantado à resolução, prova-se que a situação político-militar internacional e a situação estratégica nas frentes de combate (sobretudo na soviético-alemã, onde estavam concentradas as principais forças do bloco militarista nazi) permitiam a abertura da segunda frente antes de Junho de 1944.

Eis alguns factos que explicam o adiamento, por três anos, da constituição da frente contra a Alemanha no Oeste europeu: a União Soviética insistiu, de 1941 a 1943, para que os seus aliados ocidentais iniciassem grandes acções militares na Europa Ocidental contra a Alemanha. Essas acções obrigariam as forças nazis a retirar grandes contingentes da frente soviético-alemã, a principal da Segunda Guerra Mundial. Aproximariam a vitória e reduziriam o número de vítimas tanto nos campos de combate como na retaguarda, nos territórios ocupados e nos campos de concentração.

Nas vésperas da contra-ofensiva do

exército soviético, em Stalingrado, a 6 de Novembro de 1942, Staline dizia, num relatório, que a falta da segunda frente na Europa foi uma das principais razões dos êxitos da «Wehrmacht» nazi na frente soviético-alemã, no Verão de 1942, tendo permitido aos alemães transferirem todas as reservas para Leste, romper a correlação de forças na direcção de Stalingrado e do Cáucaso, a seu favor, e sair para o Volga e para os contrafortes do Cáucaso.

O ano de 1941

A 18 de Julho de 1941, Staline escreveu a Churchill: «A situação militar da União Soviética e da Inglaterra seria muito melhor se fosse criada mais uma frente contra Hitler no Oeste (norte da França) e no Norte (Ártico)... A frente no norte da França não só permitiria retirar as forças nazis do Leste como impossibilitaria a intervenção de Hitler na Inglaterra... Seria mais fácil abri-la agora, quando as forças de Hitler estão concentradas no Leste e Hitler não conseguiu ainda consolidar as posições que ocupa no Leste».

Baseando-se na opinião dos chefes do Estado-Maior das Forças Armadas, o primeiro-ministro britânico respon-

deu negativamente, salientando que «não se afigurava possível fazer algo que pudesse ajudar, pelo menos minimamente», a frente soviética.

Nos finais de Agosto de 1941, Churchill informava o embaixador soviético, em Londres, que as Forças Armadas Britânicas planeavam iniciar, no ano seguinte, as operações no Mediterrâneo e no Norte de África e, com esse objectivo, concentravam grandes contingentes militares no Médio Oriente. O dirigente britânico duvidou também da possibilidade de abrir a frente na Primavera de 1942 quando o governo soviético formulou novas propostas para a abertura da segunda frente, a 3 e 15 de Setembro, quando a situação militar do país se agravou seriamente.

A Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, num encontro com o embaixador soviético em Londres, I. M. Maiski, nos inícios de Setembro de 1941, ao qual assistiram os chefes de Estado-Maior — general J. Dill, almirante D. Pound e marechal Ch. Portal — enumerou todos os «obstáculos» que impediam a abertura da segunda frente. Mencionou entre outros a concentração das tropas nazifascistas na França, o reforço, pelos hitlerianos, da linha defensiva do litoral do Norte de França, o poderio aéreo de que dispunha o comando alemão no Ocidente e a falta de plataformas de desembarque para o trans-

porte de tanques e efectivos através do golfo. «Qualquer tentativa de desembarque na França fracassará, não dará vantagens à União Soviética e infligirá um golpe pesado no prestígio militar e no moral da Grã-Bretanha».

A segunda frente, entretanto, não foi aberta porque a Inglaterra queria consolidar as suas posições no Próximo e Médio Oriente e no Mediterrâneo. Aproveitou o facto das principais forças da «Wehrmacht» fascista estarem concentradas no Oriente e lutarem contra a União Soviética para preparar uma ofensiva na Líbia, com fins colonialistas e imperialistas. O governo britânico, na tentativa de conservar o poderio das suas Forças Armadas até ao fim da guerra para depois ocupar uma posição dominante no mundo, evitava entrar em confronto com as principais forças do bloco fascista-militarista e deixando o peso da luta contra elas à União Soviética.

O ano de 1942

Em 1942, a abertura da segunda frente continuava a ser um dos problemas mais difíceis de resolver entre os membros da coligação antifascista. Churchill sabia que era na frente germano-soviética que se decidia o destino da Inglaterra. O governo norte-americano, que entrou na Segunda Guerra Mundial em Dezembro de 1941, reconhecia também o papel decisivo dos soviéticos no resultado do conflito.

Numa conversa com o ministro das Finanças americano, H. Morgenthau, em Junho de 1942, dizia Roosevelt: «Dos russos depende se conseguiremos ou não vencer esta guerra. Venceremos se os russos resistirem este Verão a 3,5 milhões de alemães».

A União Soviética resistiu ao inimigo no Verão e Outono de 1942, rechaçou uma ofensiva da «Wehr-

macht» fascista no Oriente e barrou o caminho à Alemanha na linha Volga-Cáucaso, criando condições para uma contra-ofensiva na região de Stalingrado e garantindo aos aliados anglo-americanos condições para o início do desembarque de tropas no Norte de África.

As potências ocidentais prometeram novamente abrir a segunda frente, na Europa durante as conversações realizadas em Londres e Washington, em Maio e Junho de 1942, entre a URSS, os EUA e a Grã-Bretanha. Num comunicado conjunto, datado de 12 de Junho, dizia-se que «as partes chegaram a um acordo em relação aos problemas candentes da criação da segunda frente na Europa em 1942».

No entanto, os círculos governamentais ingleses e norte-americanos não cumpriram o estipulado. Também não prestaram atenção às exigências, nos seus países, para que se prestasse uma ajuda mais eficaz à União Soviética. Os jornais dos EUA e da Inglaterra exigiam a abertura da frente na Europa Ocidental. Os materiais publicados na imprensa ocidental eram utilizados pela imprensa soviética, o que incomodava bastante o então embaixador inglês em Moscovo, A. Clark-Kerr, que apresentou queixa no Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético contra a «agitação registada na URSS em relação ao problema da segunda frente» pedindo para que não fossem publicados artigos do género «para que as pessoas se esqueçam por ora da segunda frente».

Não era possível aos soviéticos esquecer a segunda frente numa altura tão difícil para as suas forças militares. Os planos estratégicos do comando da URSS previam que a abertura dessa frente forçaria a Alemanha a retirar do Leste 40 a 60 divisões e numerosos aviões.

Mas a criação da segunda frente foi mais uma vez adiada para 1943. Em vez disso, as tropas anglo-americanas



Nem um passo atrás! Frente da Bielorrússia no ano de 1944

efectuaram uma grande operação de desembarque no Norte de África — a operação «Torch». Em 1943 fizeram um desembarque na Sicília — operação «Husky». Na Itália Meridional efectuaram a operação «Avalanche». Essas acções não ocuparam, no total, mais de 6 a 7 por cento das forças da «Wehrmacht».

Entretanto, durante a Primavera, Verão e Outono de 1942, os alemães transferiram do Ocidente para a frente germano-soviética mais 70 divisões. O exército soviético foi forçado a abandonar os seus planos ofensivos e a passar, pela segunda vez, à defensiva, e combater sozinho as forças do «Eixo».

Apesar de tudo, conseguiram infligir pesadas baixas ao inimigo que perdeu, nesse período, cerca de 1 milhão de efectivos, 20,4 mil canhões, mais de 1,5 mil tanques e mais de 4 mil aviões na Primavera.

Novo adiamento

A segunda frente também não foi aberta em 1943. Em vez disso, Roosevelt e Churchill, numa conferência realizada em Janeiro de 1943, em Casablanca, decidiram desencadear operações militares na bacia do Mediterrâneo.

A aspiração dos aliados de transferir o centro das operações militares das suas tropas para o Sul e Sudeste da Europa era declaradamente ditada pelo desejo de determinados círculos dos EUA e da Grã-Bretanha de dominarem países onde os monopólios britânicos e americanos tinham interesses. Ao mesmo tempo, os EUA e a Grã-Bretanha dialogavam com a Alemanha hitleriana, principalmente depois da vitória de Stalingrado. Nessas conversações participou Franco,

que se encontrou com o cardeal F. Spellman, chefe da Igreja Católica dos EUA. O aliado de Hitler propôs unir as potências ocidentais, inclusive a Alemanha, pronunciando-se «pela assinatura da paz na sequência das conversações». O embaixador hitleriano em Madrid, Molke, escreveu que as conversas de Franco com o cardeal americano e com o embaixador inglês em Espanha, S. Hore, terminaram «com os apelos de Espanha à Grã-Bretanha para que esta, nos interesses da conservação da civilização, volte as costas à Rússia e não despreze qualquer possibilidade de criar uma frente europeia única contra o bolchevismo».

A histórica vitória do exército soviético na batalha de Kursk foi o último golpe na política anglo-americana de protelação da abertura da segunda frente. Só então os aliados ocidentais começaram a preparar-se seriamente para desembarcar na Europa, reeando que o exército soviético chegasse a Berlim e derrotasse a Alemanha nazi sem a participação dos EUA e da Grã-Bretanha, com as consequências indesejáveis, daí provenientes, na organização do mundo no pós-guerra.

Na Conferência de Teerão, que teve lugar nos finais de 1943, os dirigentes das três potências — URSS, EUA e Grã-Bretanha — chegaram a acordo sobre a estratégia a adoptar contra a Alemanha. Os aliados ocidentais comprometeram-se a abrir a segunda frente na Europa até 1 de Maio de 1944, pensando preparar uma grande operação de desembarque de tropas anglo-americanas no Norte de França («Overlord»). Essa operação, como se sabe, foi concretizada em Junho-Julho de 1944. Foi o único da tão ansiada abertura da segunda frente ■

(Exclusivo Novosti-«Avante!»)



■ **Anabela Fino**

Nairobi

cidade das mulheres

Fellini não teria feito melhor. Elas chegaram dos mais diversos pontos do mundo representando todas as raças, todas as cores, todas as ideologias. Na bagagem trouxeram experiências, projectos, propostas, planos de futuro e muitas esperanças. Em comum umas têm quase tudo e outras quase nada. Entre elas há quem pense (ou pretende fazer crer que pensa) em exclusivo no feminino, como se tal coisa existisse. Há quem tenha da vida e do mundo a visão estreita das coisas caducas, e quem está no presente virado para o futuro sinónimo de igualdade, justiça, paz, palavras femininas por acidente e universais de sentido.

O que as levou a encontrar-se foi o objectivo ambicioso de analisar em dez dias o resultado de dez anos de trabalho e o planeamento dos próximos 15 anos, tantos quantos faltam até ao ano 2000. Uma minoria, a que conhece da vida só as coisas boas, resolveria com leviandade um tal desafio; a maioria, a que sabe da miséria, da exploração, da opressão, da injustiça, da luta, da discriminação, propôs-se fazer render cada momento precioso desse tempo sem dúvida escasso para tamanha ambição.

É fácil concluir que não se trata de um encontro social, pese embora as colunáveis figuras que nele se fizeram representar. O que quase poderia levar a chamar confronto a esta Conferência Mundial que fez de Nairobi a cidade das mulheres.

O confronto

Proposta pela ONU em 1975, no México, durante a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, o decénio da mulher que agora termina está longe de reunir o consenso na reunião de balanço a decorrer desde o passado dia 15 e até amanhã em Nairobi. Nem outra coisa seria de resto de esperar.

O lema escolhido pelas Nações Unidas para estes dez anos de atenção particular à situação da mulher no mundo — Igualdade, Desenvolvimento, Paz — fala por si da dificuldade e ambição do projecto, que transcende em muito questões imediatas que importa sem dúvida resolver, mas que não podem ser desligadas dum contexto geral.

Como o fizeram sentir em particular as delegadas dos países do Terceiro Mundo, opondo-se frontalmente à delegação dos Estados Unidos que partiu para Nairobi com indicações expressas de Reagan para restringir ao máximo o âmbito dos trabalhos a temas ditos especificamente femininos.

O confronto manifestou-se aliás logo na incapacidade de acordar a ordem de trabalhos, de que os EUA e os seus mais próximos aliados pretendiam retirar o debate de questões como a condenação do *apartheid* e da situação que se vive na África do Sul, a questão palestiniana, a política sionista de Israel, a mulher face à luta por uma nova ordem internacional. Mas os debates dos primeiros dias revelaram o isolamento do imperialismo norte-americano. Um isolamento tão grande que a delegação dos EUA se viu forçada a recuar nas suas posições.

As «preocupações» da mulher

Para Reagan, a delegação norte-americana à Conferência de Nairobi — chefiada de resto pela filha do presidente, Maureen Reagan — deveria evitar a todo o custo que os trabalhos saíssem dos parâmetros que no entender da Casa Branca constituem



«as preocupações legítimas da mulher».

Os grandes temas apresentados como fazendo parte de tais preocupações foram «a mulher e a cultura», «a mulher e o desenvolvimento», «a violência doméstica» e «as mulheres refugiadas». Nem sequer a questão do planeamento familiar foi incluída nas prioridades dos EUA.

Os membros da vossa delegação, afirmou Reagan ao grupo oficial, à saída de Washington, **acreditam sinceramente que o objectivo desta conferência é a mulher e não a propaganda. Se for necessário opor-se-ão frontalmente a que a Conferência saia destes parâmetros.**

Não se pode dizer que os resultados dos esforços tenham resultado. Mais de mil cidadãs norte-americanas



presentes em Nairobi, em representação de diferentes estruturas sindicais, antimilitaristas, religiosas e sociais, entregaram à delegação oficial do seu país um documento em que afirmam **não reconhecer a filha de Reagan como chefe da delegação dos EUA.**

Maureen Reagan, diz o documento, não representa de modo nenhum a esmagadora maioria das mulheres



dos EUA, cujos problemas lhes são completamente alheios.

Os primeiros resultados

A maioria das mulheres dos 155 países representados em Nairobi, o decénio que lhes foi dedicado não lhes trouxe melhorias significativas,

pelo menos imediatas, nas suas condições de vida.

Exemplo disso é a condição da mulher no próprio Quênia, onde a discriminação feminina continua na ordem do dia, tanto no aspecto social como no que se refere à discriminação no domínio político.

Mas alguns resultados foram alcançados, como se refere nas conclusões prévias que entretanto deverão ser ratificadas e oportunamente divulgadas. Um dos mais importantes segundo os organizadores, refere-se à ratificação por mais de 60 países, da Convenção sobre a Liquidação de todas as Formas de Discriminação das Mulheres, adoptada em Dezembro de 1979 pelas Nações Unidas.

Aquela Convenção obriga os Estados signatários a reconhecer na lei o princípio da igualdade de mulheres e homens na vida social e política. A assinatura constitui um primeiro passo, a luta pela sua efectiva aplicação não se esgota no entanto aí. Portugal, por exemplo, foi um dos primeiros países a ratificar a Convenção, o que não significa que a discriminação tenha acabado.

Os dados fornecidos pela ONU sobre a situação da mulher permitem também concluir que as diferenças salariais entre homens e mulheres têm vindo a diminuir; que a frequência escolar tende a ser mais equilibrada entre os dois sexos; o planeamento familiar começa a dar alguns resultados nos países onde a natalidade é mais elevada; o número de países onde se exige salário igual para trabalho igual passou de 28 em 1978 para 90 em 1983.

Muitos outros dados serão entretanto conhecidos, bem como a natureza dos obstáculos que impediram a concretização dos programas estabelecidos para o Decénio da Mulher. Mais importante ainda, da Conferência de Nairobi devem sair medidas concretas a tomar no futuro para prosseguir a luta pela melhoria da situação da população feminina.

De imediato, uma vitória pode ser assinalada. A questão da mulher, pese embora todos o que procuram impedi-lo, é aceite como parte integrante das mais importantes questões da Humanidade. Como a Paz. ■

a TV

As palhaçadas e o «serviço» do costume...

Telejornal armou-se, novamente, em palco de uma palhaçada.

Ainda não se haviam escoado os rumores daquela sessão memorável em que os deputados do PS renderam preito e homenagem ao «boss». O ridículo foi a nota dominante do acontecimento. Mas as hostes do dr. Soares importam-se pouco com esse pormenor — segundo a técnica publicitária americana, o que é preciso é que na Televisão se fale dele. E, para tanto, não recuam diante dos mais destravados e estouvados «factos políticos». Factos políticos que apenas o são na medida em que certos meios de comunicação lhes fazem o jeito...

O segundo «facto político» inventado pelo dr. Soares foi o convite de algumas personalidades no sentido de se candidatar à presidência. Estiveram em casa do convidado, Gomes Mota deu o mote, o dr. Soares rapou do discurso escrito (o homem anda agora muito literário, perdeu a confiança nos seus arcos oratórios!) para mostrar como foi colhido de surpresa — e o Telejornal lá estava para fazer o servicinho do costume...

A audiência, claro, sim. São tão poucos os programas humorísticos na TV que não se pode perder nenhuma ocasião...

Os malefícios... metafísicos

A CAP convocou uma Conferência de Imprensa. Para quê? Por causa do escândalo impropriamente conhecido por «escândalo do IFADAP».

Então assistimos a um caso insólito: a CAP protestava e o Telejornal expandia o protesto sobre uma matéria completamente desconhecida do grande público telespectador!

O que é que a audiência afastada dos meios de comunicação escrita percebeu? Percebeu que tinha havido créditos bancários; que alguém revelara esses créditos, considerados como segredo; e pronto, a matéria acabava aí...

Do facto de a Reforma Agrária ter recebido a miséria de 4 por cento dos créditos e do facto de 96 por cento desses créditos terem ido parar às mãos dos grandes agrários parasitas — nada ficou esclarecido. Como nada ficou esclarecido quanto à responsabilidade dos agentes envolvidos no «negócio»: gestores da banca, governo em geral e ministros em particular...

Tudo ficou diluído, suspenso das nuvens. Os malefícios acontecem sem qualquer suporte material ou pessoal; são malefícios perfeitamente metafísicos...

O governo de Soares, no Telejornal, é como as lulas: «en su tinta»...

«Nenhum povo sofreu tanto»

O programa «O Mundo em Guerra» falou do cerco de Leninegrado. Chegaram, até nós, imagens impressionantes.

A emissão foi bem expressiva em três pontos essenciais: o ódio que Hitler votava à União Soviética era um ódio de classe; ninguém, como a URSS, contribuiu para a vitória sobre o nazismo; a guerra, na União Soviética, assumiu autêntico carácter de guerra popular, patriótica e de classe.

O ódio de Hitler estava bem expresso naquela sua ordem «de fazer desaparecer Leninegrado da face da Terra» — de facto, o que ele desejava fazer desaparecer era o berço da Revolução...

Dizia-se, na abertura da emissão, que **nenhum país, nenhum povo sofreu tanto como a União Soviética**. E dava-se como exemplo esta informação: só no cerco de Leninegrado, a União Soviética teve mais perdas, em vidas humanas, do que a Inglaterra e os Estados Unidos em conjunto!

Para além dos feitos heróicos, para além dos contactos e da resistência sobre-humana, o que vivamente impressionou foi a participação do povo soviético na guerra contra o nazismo.

Como o documentário mostrou, havia-se quebrado a distinção entre «frente» e «retaguarda», entre «soldados» e «civis» — porque **todos** eram soldados e **todos** combatiam na frente. Não defendiam apenas a sua pátria: defendiam também as suas conquistas, o seu direito de viver em paz e em liberdade.

Compreende-se agora melhor, depois de ter visto o que nós vimos, o amor que o povo soviético, dedicam à Paz. De facto, **ninguém** sofreu tanto com a guerra.

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Sacudir a água do capote

As operações de retoque já começaram. Os responsáveis pelo desastre nacional, os dirigentes do PS, do PSD e do CDS, estão a afivelar as caras de santo que os caracterizam em campanha eleitoral. Dir-se-ia que nos últimos nove anos nunca estiveram no governo. Mas nós sabemos que sim, não é? Olho vivo, leitor!

O PSD não é o PSD?

● «Anda meio mundo a perguntar: então o PSD não participou na governação do País durante estes últimos seis anos, então o PSD não é também responsável por todos esses males tão justamente denunciados por Cavaco Silva? O PSD não é o PSD?»

Estas interrogações carecem de sentido e revelam a pobreza espiritual dos perguntadores, incapazes de compreender os grandes problemas filosóficos. Por mim, entendo perfeitamente a desenvoltura de Cavaco Silva acerca do comprometimento passado do PSD e somente hesito acerca da explicação verdadeira, por duas explicações me parecerem legítimas e não saber qual devo escolher.

A primeira: o PSD de Cavaco Silva é o mesmo de sempre, mas foi purificado graças às virtudes baptismais do novo chefe. Assim, os seus homens colaboraram durante meia dúzia de anos numa governação corrupta e desastrosa? É verdade, mas esses mesmos homens foram lavados por Cavaco Silva, novo São João. Estão hoje limpos, sem pecado, absolvidos. Sorrir

da presente desenvoltura do PSD em relação ao passado é ignorar a conversão que o novo baptista operou, expurgando os adeptos e portanto o próprio PSD do seu passado. Sendo fisicamente o mesmo, o PSD redimido é moralmente outro.

(...)
Aliás, basta olhar para os pêsseços e logo perceberemos que, sendo embora os mesmos, já não são os mesmos: nimbalhes as fronteiras uma auréola de luz purificadora. Um António Capucho, um Ângelo Correia, um Eurico de Melo, um Amândio de Azevedo, homens transfigurados e arrependidos. Poderei até dizer (exagero?) santificados pela água benta de Cavaco Silva.» (Augusto Abelaira, «o jornal», 19 Julho)

Salários em atraso: onde estão os «direitos humanos»?

● «O direito de receber o salário é a contrapartida do trabalho que, aliás, o trabalhador presta — isto é, paga — antecipadamente.

Mas o direito ao salário não pode ser tratado nos exactos termos em que o é o preço, na

compra e venda, ou a remuneração nos outros contratos que dão vida a relações patrimoniais de troca.

Na verdade, o salário é o preço de uma «mercadoria» muito especial — a força de trabalho — que carece ser conservada, recuperada e ter condições para se reproduzir sob pena de se matar a «galinha dos ovos de ouro». Eis a razão pela qual a óbvia «função alimentar» do salário justifica uma especial protecção do direito a recebê-lo. Todos aqueles que, como eu próprio, não se detenham nas razões estritamente económicas e busquem as vias de defesa da dignidade humana e da personalidade do trabalhador encontrarão, por certo, nesses objectivos a justificação para uma protecção especialmente consistente do direito ao salário.

Como qualquer outra obrigação, a de pagar o salário deve ser pontualmente cumprida, tornando-se o devedor responsável pelos prejuízos que causar à outra parte. Mas, por ser a fonte predominante, e quase sempre exclusiva, de subsistência do trabalhador, a protecção a estabelecer deve ir para além daquela. Designadamente:

— O salário deve estar à disposição do trabalhador na data certa em que se vence e permitir-lhe a imediata realização de despesas;

— Deve ser pago em moeda com cotação legal ou estar assegurada a convertibilidade imediata em dinheiro sem encargos para o trabalhador;

— Não pode ser compensável com dívidas do trabalhador à entidade patronal;

— Não pode ser fonte de lucro para a entidade patronal, através da venda de mercadorias ao trabalhador;

— Não pode ser penhorável abaixo do nível de subsistência;

— Devem existir suficientes garantias patrimoniais do seu pagamento;

— Devem existir meios de recurso expeditos e eficazes para a cobrança dos salários em dívida;

— Deve existir um sistema sancionatório eficazmente preventivo do não pagamento dos salários e constrangedor do seu pagamento quando este não seja voluntariamente efectuado;

— Deve ser garantida ao trabalhador a liberdade de se desvincular imediatamente da empresa que lhe não paga, a fim de obter novo emprego.

Tudo isto se justifica, afinal, porque, para o trabalhador, o salário constitui garantia do próprio direito à vida e, por isso mesmo, do exercício efectivo dos seus direitos, liberdades e garantias pessoais, políticas e sindicais.»

(José Barros Moura, «o jornal», 19 Julho)

Estados Unidos: que prosperidade? À custa de quem?

● «A primeira greve em 25 anos no sector siderúrgico dos Estados Unidos teve início no domingo, com a colocação de piquetes nas instalações da «Wheeling Pittsburgh Steel», a sétima maior companhia do ramo — anunciaram ontem fontes sindicais.

A greve, que afecta nove instalações daquela siderurgia espalhadas pelos estados de Pensilvânia, Ohio e Virgínia Ocidental, foi decretada pela União de Trabalhadores Metalúrgicos, que desde 1959 não realizava uma greve semelhante.

A greve surgiu na sequência de oito meses de discussão em que a empresa exigiu inicialmente aos trabalhadores uma redução de remuneração laboral de 21,40 para 15,20 dólares. A «Wheeling Pittsburgh Steel», decidiu, ao não conseguir os seus objectivos, refugiar-se na lei da falência e suspender os pagamentos salariais, com o objectivo de conseguir mais tempo para poder sanear a sua dívida de mais de 514 milhões de dólares.»

(«Correio da Manhã», 23 Julho)

Um acontecimento editorial

Conferência Nacional do PCP sobre «A Via de Desenvolvimento para Vencer a Crise» (realizada em 30 e 31 de Março de 1985)

* Intervenção de abertura (Carlos Costa) e Intervenção de encerramento (Álvaro Cunhal)

• 360 intervenções sectoriais produzidas em Plenário e nas Secções que abrangeram as grandes questões da economia nacional

* Documento-Base da Conferência

* Proclamação aprovada na Conferência



Cada volume
500\$00

edições
Avante!

Publicação dos textos da Conferência: a continuação do debate sobre outra forma!

«Limpeza» organizada e metódica

Comentando a sua exclusão das listas de candidatos a deputados do PSD, Jaime Ramos, presidente da Câmara de Miranda do Corvo, disse: «Como deputado não aceitei no passado ser reduzido a um autómato; eles sabem que não o aceitei no futuro.»

Atribuiu a sua exclusão à luta que travou no Parlamento «contra a permissividade e pela transparência de alguns actos políticos».

Acentuou ter-se servido dos poderes regimentais para quebrar «o silêncio que rodeava o escândalo da não apresentação da declaração de rendimentos pelos detentores de cargos públicos», assim como para subscrever «vários requerimentos visando a tornar transparentes alguns actos menos claros do secretário de Estado das Obras Públicas, Eugénio Nobre».

Depois de indicar os nomes de outros três deputados do PSD que sempre o tinham acompanhado nas suas iniciativas, sublinhou:

«Informações que possuo indicam-me que não figuram em lugares elegíveis, o que pode

Pontos Cardeais

dar a ideia de que se está perante uma «limpeza» organizada e metódica. Lido isto não temos dúvidas de que o leitor ficará na posse de mais alguns preciosos elementos para a avaliação das profundas realidades e dos finos contornos destes excelentes «partidos democráticos» que nos têm governado.

Os portugueses não são parvos

António Capucho, dirigente altamente responsável do mesmíssimo PSD que fez a coligação com o PS e que durante dois anos colaborou diligentemente no governo presidido por Mário Soares, fala assim ao DL sobre as hipóteses do secretário-geral do PS chegar à Presidência da República: «O dr. Soares bem faz por isso. Não implementa a lei das rendas de casa, depois de a ter votado

na especialidade. Tenta variadíssimas outras encenações. Para desgraça dele, essas encenações não colhem junto da opinião pública como não colhem as sugestões dos estrategos socialistas de que Mário Soares está a fazer uma inflexão à esquerda. As suas tentativas desesperadas, de última hora, para iludir os portugueses, estão de antemão condenadas ao fracasso. Os portugueses não são parvos e não andam a dormir. Daí que possa afirmar com plena convicção: a encenação pode ser muito bem feita mas não vai colher dividendos.»

Tem Capucho toda a razão naquilo que diz sobre as ambições e encenações do dr. Soares. Mas não deixa de ser certo que, precisamente porque «os portugueses não são parvos e não andam a dormir», também certamente as não menos ostensivas ambições e encenações dos ppds — tão

bem protagonizadas, por exemplo, pelo próprio Capucho — não vão «colher dividendos»...

Causa vertigens

O impagável Nuno Rocha esgalhou mais um Editorial carregadinho de elogios para um dos seus ídolos, o super-Silva Cavaco. E no meio da prosa, saiu-se com esta: «O facto de Soares não conhecer bem Cavaco Silva constituiu a razão principal da ruptura da coligação...» Foi pena o Rocha não se ter lembrado da coisa antes, porque até podia ter metido uma empenhoca ao primeiro-ministro para, a fim de facilitar as familiaridades, convidar o dito Cavaco para um daqueles célebres pequenos-almoços que deixaram estarrecida toda a classe política. Causa vertigens a profundidade a que descem as análises políticas do Rocha.

O melhor cliente

Gomes Mota é sem dúvida um bom «gestor» da TAP. Senão vejamos: toda a gente sabe as dificuldades que aquela transportadora aérea nacional atravessa. Subsídios e mais subsídios para se conseguir manter no ar. Mas Gomes Mota julgou ter resolvido — finalmente — o problema. Acredita mesmo que a empresa poderá ser das mais rendáveis a nível mundial. Nunca mais o espectro da falência pairará sobre a TAP. Como conseguiu tudo isto Gomes Mota? Muito simplesmente... convidando Mário Soares para se candidatar à Presidência da República. Pois se ele, como primeiro-ministro, já é o cliente que se sabe da TAP, o que será — seria... — como PR?

O perfil

Desde que foi nomeado sucessor eventual de Soares o circunspecto Almeida Santos não tem mãos a medir na corrida à notoriedade. As entrevistas na rádio e nos jornais sucedem-se enquanto se prepara o caminho para os banhos de multidão, e com elas as declarações de circunstâncias e não só. Diz o velho ditado que pela boca morre o peixe e é verdade. Então não é que o seráfico sucessor (eventual) afirmou que o seu perfil, se vier a ser primeiro-ministro, não será com certeza o de um viajante, nem dentro nem fora do país? Aquela só pode ser para o Soares, disseram logo as más línguas. Será?

A arteriosclerose

Numa das suas últimas entrevistas Almeida Santos disse ainda outras coisas interessantes. Por exemplo, que se vier a ser primeiro-ministro o seu executivo será o mais pequeno possível, com mais jovens e mais mulheres. E justificou: até agora os ministros são à farturinha, todos homens e com uma idade média da arteriosclerose, conjunto pouco agradável como se compreende e, infere-se, razão de tanto desgoverno. Não podendo reduzir a sua própria idade para metade, Almeida Santos sublinha: para maduro basto eu. Artíficos de linguagem do doutor...

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Foi no Cartaxo que o Santos entre amigos tais e tantos (meia-dúzia, que fartum!) disse com ar de enojado que não, de modo nenhum, ia lembrar o passado...

Ó Almeida, o desarrincanço está frito, cheira a ranço. Mas então, ó homem triste, agora pergunto-te eu: O passado não existe? O passado então morreu?

Foram tais as tropelias do governo, as porcarias que deram tamanho abalo com a chancela do PS. Tu podes não querer lembrá-lo — o povo é que não esquece...

II

Por que é que o Soares quer agora ser presidente? Fez tanto mal no poder causou tanto dano à gente que o que ele quer, está-se a ver, é mesmo fugir para a frente...

De nada te vai servir tem juizinho, rapaz — quem quer fugir para a frente inda fica mais para trás...

III

Diz o Soares diante do serviço: «Eu cá não tenho nada a ver com isso...»

Diz o PSD com vento pela proa: «Eu cá não tenho culpa, ora essa é muito boa...»

De modo que, de modo que ó gentes, O PS e o PSD estão basto inocentes.

A crise? A fome? Os lares destruídos? Eles os dois não são nada culpados.

Se a crise aumentou, se aumentou o inferno enquanto eles os dois estavam no governo,

a culpa agora sei, para ser mais exacto, a culpa não é deles, a culpa é do meu gato...

IV

Está muito zangada a CAP por causa do IFADAP. Conselho: a ninguém escape que o diabo, trape-zape, tem uma capa com que tape e outra com que destape...

Os agrários do Alentejo largos milhões receberam palavra, não é gracejo, já os jornais o disseram, dinheiro emprestado saco cheio como um ovo: tanto dinheiro roubado à fome do nosso povo!

Onde é que à CAP lhe dói? É o roubo onde tem o dedo? Não. Protesta porque foi dado a público o segredo...

Ora qualquer criminoso tal filosofia tem: todo o crime é valioso dès que o não saiba ninguém...

PENSAM
QUE EU NÃO
M' ALEMBRO

O FREITAS
NUNCA
ESTEVE

VOLTA AO
ANTIGO
EXPERIMENTA
O PS

SOARES
PARA
PRESIDENTE

CDS E PSD
JUNTOS POR TI!

Phalar

Agenda

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 604

25 de Julho de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Festas

Fim-de-Semana

Faro — Sábado

Festa da Amizade — A partir das 18 horas no S. Luís Parque. Espectáculo de revista com José Viana e Dora Leal e danças e cantares pelo Rancho Folclórico de Faro. Desporto: torneios de ténis de mesa, xadrez e damas. Exposição. Quermesse, artesanato, venda de livros, venda de produtos agrícolas. Serviço de bar.

Participação do camarada Blanqui Teixeira, da Comissão Política, que fará uma intervenção no decurso da Festa.

Portimão — Sábado

Festa de Verão — Uma iniciativa já habitual da organização local do PCP. A partir das 19 horas no antigo Largo da Feira. Música afro-brasileira por José Manuel e Muenho, a música popular chilena por Julian Del Valle e o Conjunto Son Andino. Baile com o conjunto Zíngaro. Ainda artesanato, bar, petiscos e serviços de restaurante. Intervenção de Carlos Brito, membro da Comissão Política.

Santiago do Cacém — Sábado e domingo

Festa da Amizade, dois dias de festa numa organização da Comissão de Freguesia de Santiago do Cacém. Espectáculos, exposições, desporto, cultura, convívio. Em Vale Verde.

Porto — Domingo

Piquenique — No Parque da Cidade. Canções por Samuel e uma intervenção política do camarada Oliveira Dias, vereador na CM do Porto.

Lisboa — Domingo

11.º aniversário da UPPSS-Associação de Reformados, no seu Centro de Dia à Alameda D. Afonso Henriques, 72, 2.º Esq. Neste segundo dia das comemorações, uma tarde de convívio que inclui baile e variedades com a participação do Grupo Coral Alentejano da Amadora e do Grupo de Teatro do Beato. A partir das 15 horas.

Sexta 26

• LISBOA

Plenário da Organização da Freguesia da Ajuda, a partir das 21 horas no Centro de Trabalho da Ajuda. É organizado pela Comissão de Freguesia da Ajuda do PCP para discussão da participação de todos os militantes na batalha eleitoral que se avizinha e na Festa do «Avante!».

Sessão de esclarecimento no Clube Recreativo Galinheiras, iniciativa da 6.ª Zona do Comité Local de Lisboa. Participa o camarada Dias Lourenço.

• GAIA

Reunião de quadros

sobre a situação política e as eleições com a participação do camarada Ângelo Veloso. Promovida pela Comissão Concelhia de Vila Nova de Gaia do PCP, realiza-se no Centro de Trabalho local a partir das 21.30.

• PORTO

Encontro da APU de Massarelos, para discussão das eleições autárquicas e sua preparação. Terá início às 21.30 na Associação de Moradores de Massarelos.

• SESIMBRA

Plenário de militantes para discussão do

trabalho eleitoral, às 15 horas, na Sociedade Musical Sesimbrense.

Sessão de esclarecimento sobre a situação política no Centro de Trabalho da Quinta do Conde. Às 21 horas, com o camarada Raimundo Cabral.

• LISBOA

Sessão comemorativa do 11.º aniversário da criação da UPPSS — União dos Pensionistas da Previdência e Segurança Social. No Centro de Dia desta Associação (Alameda D. Afonso Henriques, 72, 2.º Esq.) a partir das 15 horas, com a participação de representantes de partidos políticos, do MURPI, URAP e As-

sociação 25 de Abril, e de outras personalidades que se têm distinguido na luta pela democracia e pelos direitos dos reformados e idosos.

• PORTO

Intervenção de Oliveira Dias, vereador da APU na Câmara Municipal do Porto, durante a «Noite de Fado Popular» que se realiza no Bairro da Bouça/Cedofeita.

• FARO

O camarada Blanqui Teixeira, da Comissão Política do CC, intervirá sobre a situação política no decorrer da Festa da Amizade, organizada pelo PCP no S. Luís Parque (ver «Festas Fim-de-Semana»).

• PORTIMÃO

Aqui, no decurso da tradicional Festa de Verão do PCP, será o camarada Carlos Brito a intervir. A Festa tem início às 19 horas no antigo Largo da Feira (ver «Festas Fim-de-Semana»).

• SANTIAGO DO CACÉM

Hoje e amanhã, organizada pela Comissão de Freguesia do PCP de Santiago do Cacém, a Festa da Amizade em Vale Verde (ver «Festas Fim-de-Semana»).

Domingo 28

• PORTO

No decurso da fes-

ta-convívio que se realizará durante a tarde no Parque da Cidade fará uma intervenção sobre a situação política e as próximas eleições o camarada Oliveira Dias, vereador da APU na Câmara Municipal (ver «Festas Fim-de-Semana»).

• MONTEMOR-O-NOVO

2.ª Assembleia da Organização Concelhia do PCP, no Cine-Teatro Curvo Semeado. Na sessão de encerramento intervirá o camarada José Casanova.

• VILA FRANCA DE XIRA

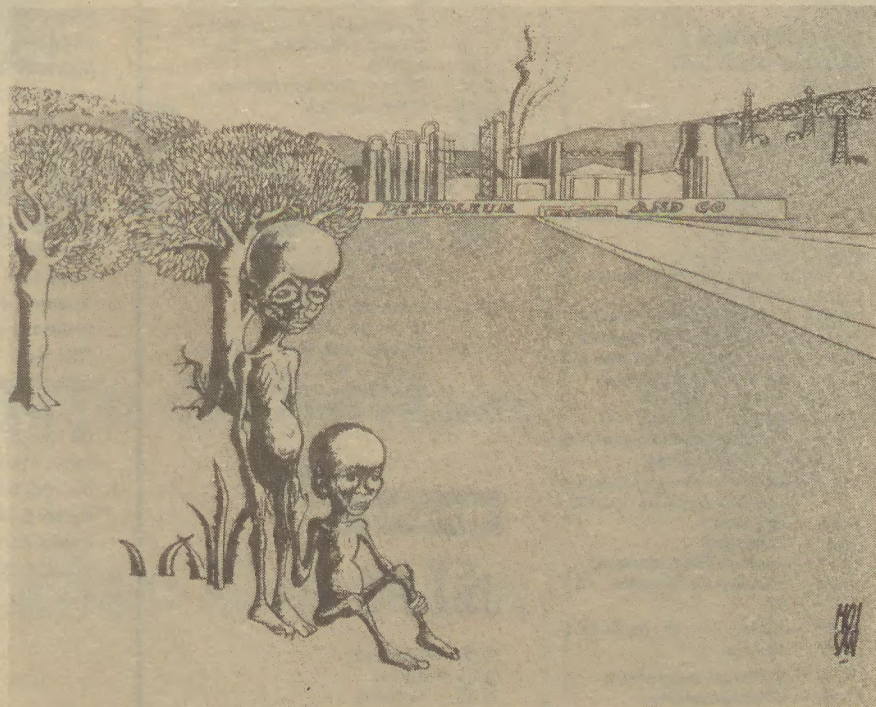
A Comissão Conce-

lhia de Vila Franca organizou para hoje no Alto da Ajuda uma jornada de trabalho com camaradas e amigos daquela cidade. Entretanto, vilafranquenses que vivam em Lisboa e arredores podem decerto juntar-se aos seus conterrâneos: a brigada fica mais forte, a Festa cresce ainda mais — e tem-se sempre o prazer de encontrar velhos amigos!

Segunda 29

• LISBOA

Sessão de esclarecimento com o camarada Dias Lourenço no Beato. Às 21.30 na Comissão de Moradores do Alto dos Toucinheiros.



Moïsa K (1907-) — in Michel Ragon, «Les Maîtres du Dessin Satirique» — Pierre Horay Editeur. Paris 1972. (Legenda: «L'enfance inadaptée» — A infância inadaptada)

Jornadas de trabalho no Alto da Ajuda: todos os dias!



TV O Programa

Quinta
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela — «Vila Faia», 57.º Ep.
18.00 — Tempo dos Mals Novos — «As Aventuras de Marco Polo»
18.35 — Notícias
18.50 — Programa da Direcção de Informação
19.20 — Pequenas e Médias Empresas
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.35 — Telenovela — «Louco Amor», 14.º Ep.
21.20 — Triangular — Programa da Direcção de Informação
22.25 — Série — «Os Últimos Dias de Pompeia»
23.10 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Conheça Melhor
20.30 — Série — «A Vida de Berlioz», últ. Ep.
21.40 — Encontros com... Paulo Santiago
22.30 — Jornal da Noite.

Sexta
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mals Novos — «Animação»
18.35 — Notícias
18.50 — Retratos em Si — 2.ª parte do programa com a pianista Tania Achot



- 19.30 — O Museu do Ermitage, 7.º programa — A Cultura Russa
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Telenovela — «Louco Amor»
21.15 — Som Directo — com José Cid
22.15 — Série — «Sombras na Escuridão»
23.10 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Série — «Recordações», 7.º Ep.
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite.

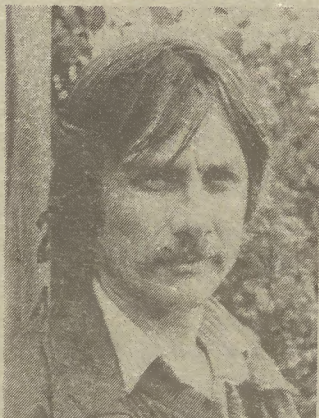
Sábado
RTP1

- 11.00 — Tempo dos Mals Novos
14.00 — Série — «O Pai Murphy»
15.00 — Revista de Touros
15.30 — História dos Metais e do Homem, 2.º Ep. — «Espadas e Arados» (o início da Idade do Ferro)
16.00 — Musical — «Vedetas internacionais do Festival de S. Remo»

- 17.30 — Série — «Separados pela Espada»
18.15 — Programa da Direcção de Informação
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Série — «Cheers»
21.00 — O Bem Amado, 3.º Ep.
22.00 — Reportagem do Exterior
00.00 — Último Jornal
00.10 — Sábado Especial — «Get Carter», real. Mike Hodges.

RTP2

- 18.30 — Troféu
20.00 — Animação — Sob o título geral «Luta pela Sobrevivência», três filmes: de Fred Avery, Frank Tashlin e Dorde Milogevic



- 20.30 — Série — «Os Biscateiros», últ. Ep.
21.30 — A Grécia Antiga — «O Apogeu da Antiguidade e a Crise Grega».

Domingo
RTP1

- 10.30 — 70 vezes 7 — «Os Cristãos e a CEE»
11.00 — Missa
12.00 — Tempo dos Mals Novos
13.00 — TV Rural
13.30 — Tempo dos Mals Novos
15.00 — No Mundo dos Fraggles
15.30 — Moto-Cross — Campeonato do Mundo, transmissão directa de Águeda
16.15 — Sessão da Tarde — «O Primeiro Amor de Napoleão», real. Henry Koster
18.30 — Moto-Cross — continuação da transmissão de Águeda
19.00 — Top Disco
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Falando de Schubert, 12.º Ep.
21.00 — Série — «Ventos de Guerra», 16.º Ep.
22.00 — Domingo Desportivo
23.00 — Últimas Notícias.

RTP2

- 18.45 — Novos Horizontes
19.15 — Nós... Por Cá
20.00 — Fronteiras da Música
20.30 — Canal Livre — um programa que se chama «Reforma Agrária», «assunto da maior importância» segundo a RTP...
21.30 — Cine-Clube — «Depois do Ensaio», real. Ingmar Bergman.

Segunda
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mals Novos — «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
18.35 — Notícias
18.50 — Programa da Direcção de Informação
19.20 — Coimbra Sem Tempo — «A Tradição Estudantil»
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Telenovela — «Louco Amor»

- 21.20 — Arroz Doce, programa de Júlio Isidro
23.00 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
20.00 — O Céu Aberto no Barroco Alemão — A Arquitectura no Período Barroco
20.30 — RTP/Açores
21.00 — Telefilme — «Nunca é Tarde para Amar», com Peter Falk e Jill Clayburgh, real. Daryl Duke
22.30 — Jornal da Noite.

Terça
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mals Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Século XX — «O Mundo em Guerra», 13.º Ep.
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico



- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor»
21.10 — O Corpo Humano, 3.º Ep.
21.40 — Actual
22.50 — Série — «Tudo em Família»
23.15 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Videopolis, 4.º Ep. — «O Impacto do Vídeo no Imaginário Juvenil»
20.30 — O Mundo em Guerra — «Portugal 1939/45»
21.00 — Sessão das Nove — «A Noite Inteira», real. Chantal Akerman (França/1982)
22.30 — Jornal da Noite.

Quarta
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mals Novos — «Muminhos», «Contos Folclóricos Russos»
18.35 — Notícias
18.50 — Trânsito
19.20 — Telemundo
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Vamos Jogar no Totobola



- 20.45 — Telenovela — «Louco Amor»
21.25 — Noite de Cinema — «História de Amor» («Love Story»), com Ali McGraw e Ryan O'Neal, real. Arthur Hiller (EUA/1970)
23.05 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
19.50 — Memória dum Povo, 11.º programa
20.30 — Série — «O Mundo em Extinção», 16.º Ep.
21.30 — Clube de Jazz
22.30 — Jornal da Noite.

Livros

Campismo — Férias e Turismo, Joaquim Campino, colecção «Desporto e Tempos Livres», Editorial «Caminho», Lisboa, 1983. Preço: 400\$00.

Melhor do que escrever sobre o campismo é, sem dúvida, praticá-lo, para se reencontrar a Natureza, conhecer novas terras e novas gentes e tomar contacto com novos usos e costumes.

Mas é importante, também, sistematizar as experiências colhidas de molde a que possam ser transmitidas aos outros, que agora se iniciam nessa prática salutar, ou ainda aos que, mais useiros no campismo, desconhecem pormenores que nem por isso deixam de ser importantes para quem utiliza esta forma de turismo.

Obviando essa lacuna, a Editorial «Caminho» publicou, em Julho de 1983, um livro intitulado «Campismo — Férias e Turismo», cujo autor, Joaquim Campino, revela profundo conhecimento desta actividade, ou não fosse ele, como o revela nas páginas do livro, campista de há algumas décadas.

Porquê, volvidos dois anos, falar deste livro? — É uma interrogação que pode surgir. Mas nós respondemos: em primeiro lugar, porque estamos na época do ano em que o campismo é praticado com maior intensidade; em segundo lugar, porque o livro não perdeu actualidade, na medida em que muitas famílias portuguesas que anteriormente faziam as suas férias numa pensão, hotel ou mesmo numa casa de praia alugada, face ao aumento do custo de vida recorrem hoje ao campismo para passarem o mês anual de lazer.

O autor começa por historiar o que é o campismo e como ele nasceu, para abordar questões concretas, conselhos úteis, não se esquecendo da prática do caravanismo (cada vez mais florescente), para terminar com a publicação de vários textos dos congressos campistas portugueses até agora efectuados.

«Se a palavra campismo tem o poder evocador de férias, repouso e lazer — inicia assim Joaquim Campino o seu livro —, a função prática do acto de acampar debaixo da ramada, à beira de um regato ou sobre um rochedo frente ao mar, tem o sabor de liberdade em horizontes sem fronteiras, e fornece ao habitante da cidade, fechado no cimento das fábricas e escritórios, a clorofila dos campos de que necessita para a sua despoluição».

Lendo isto quem não sente, logo, o desejo de pegar na mochila, na tenda e abalar por esse País fora, ou mesmo até ao estrangeiro ao reencontro da Natureza. Mas, atenção, não parta à aventura e inteire-se das regras (não muito complicadas) que os campistas, ao longo dos anos de prática, estabeleceram entre si.

É coisa pouca, dizíamos, vêm referidas no livro e ajudam a manter a boa convivência, que é apanágio dos campistas. Juntamente surgem os conselhos práticos, que podem ir desde os preparativos de férias, até como acampar na neve, ou, ainda, considerações sobre o perigo de utilização de energia eléctrica no campismo, bem como a legislação existente sobre campismo.

Em resumo, o leitor, ao terminar as páginas do livro ficará completamente inteirado como deve proceder, quer abale só com um saco de dormir e os utensílios mais indispensáveis, ou opte pela tenda ou a caravana.

Basta deslocarmo-nos, hoje, a um parque de campismo, seja no Norte ou no Sul do País, para verificarmos que esta actividade se transformou num movimento de massas e, como refere Joaquim Campino, a prática de campismo em Portugal chegou com um atraso relativamente diminuto.

O primeiro acampamento que se conhece — refere a seguir — foi realizado em Chã das Abrotes, na serra do Gerês, no ano de 1908. A organização pertenceu à revista Ilustração Portuguesa e nele participaram cerca de 100 campistas em 12 tendas.

Falando ainda do campismo em Portugal o autor salienta que a vitória maior do movimento campista nacional foi a obtenção da Carta Campista, documento de identificação do campista, válida para permitir acampar nas praias e nas matas nacionais. A Carta Campista dá ao seu portador não apenas o direito de acampar onde oficialmente seja permitido, mas obriga-o a deveres de convivência e a regras de comportamento que o campista ocasional não cuida de cumprir.

Explicando a seguir o que é a Carta de Campista o autor salienta quantos hoje em Portugal a possuem e que, segundo os dados de 1981, atingiam já os 100 000.

E acrescenta:

A partir de 1974, com o 25 de Abril, dá-se uma verdadeira explosão, principalmente pelo alargamento do direito a férias. Com efeito de esse ano a 1981 o número de possuidores da referida Carta passou de 30 000 a uma centena de milhares.

Mas no que diz respeito aos praticantes os números são mais elevados, supondo-se que mais de meio milhão fazem campismo, quando existem no nosso país 101 parques com capacidade para apenas 250 000 pessoas.

Mas já falámos muito sobre o livro. Se pensa acampar e nunca antes o fez, veja as novidades que o livro lhe pode trazer; se é já veterano nestas coisas de acampamentos vai verificar que muitas coisas já estavam esquecidas e outras ainda não lhe tinham passado pela cabeça.

Em qualquer dos casos não se esqueça — acampar é fácil, é barato e dá saúde.



Cinema

A selecção

Exposições

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Os Amantes de Maria	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
B Brazil... O Outro Lado do Sonho	★★	★★★★	★★★★	★★	★★
C Carmen	★★★★	—	—	—	★★★★
D História de Uma Traição	★★★	—	★★★★	—	★★
E Jerry, Tu És Louco	★★	—	★★★★	★★★★	★★
F Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
G A Mulher Falcão	★	—	★	—	★
H Starman - O Homem das Estrelas	★★★★	—	★★★★	★★★★	—

Classificação de

A — Real. Andrei Konchalovsky — Alfa-Clube (14, 16.30, 19, 21.30, 24.00), Cinebloco (14.30, 16.45, 19, 21.30) Lisboa.
 B — Real. Terry Gilliam — S. Jorge/2 (15.00, 18.00, 21.15) — Lisboa.
 C — Real. Francesco Rosi — Las Vegas/2 (15.15, 18.30, 21.30), Londres (15.00, 18.15, 21.30, 00.15) — Lisboa.
 D — Real. Marek Kaniévski — Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 24) — Fonte Nova/1 (14.45, 17, 19.15, 21.45) — Lisboa.
 E — Real. Jerry Lewis — Fonte Nova/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa.
 F — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.45, 19.30, 22.15) Lisboa.
 G — Real. Richard Donner — Hollywood/1 (14.30, 16.45, 19, 21.30, 23.45) — Las Vegas/1 (14, 16.30, 19, 21.45) — Lisboa.
 H — Real. John Carpenter — Nímas (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30), Sétima Arte (14.45, 17, 19.10, 21.45) — Lisboa.

Teatro

o Cartaz

LISBOA

ABC, Parque Mayer. As 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeltosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a 5.ª / 21.30, 4.ª / 21.30, 5.ª / 21.30. **Savannah Bay**, de Marguerite Duras, enc. Filipe La Feria.

Maria Vitória, Pq. Mayer. Não Batam Mais no Zezinho, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.

Nac. D. Maria II, Rossio. De 3.ª a Dom./18.30. **Ela Não Sabia Sonhar**, de Denise Chalem, enc. Manuel João Ramos — De 3.ª a Sáb/21.30; O Morgado de Fafe em Lisboa, de Camilo Castelo Branco, enc. Ruy de Matos.

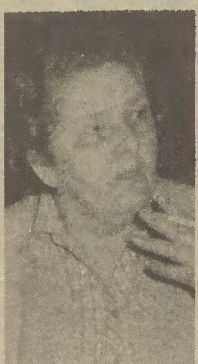
Teatro do Bairro Alto, R. Ten. Raul Cascais, 1-A. De 3.ª a Sáb/21 h; Dom/16 h. **Ricardo III**, de W. Shakespeare, enc. Luís Miguel Cintra — A Cornucópia.

Teatro Ibérico, R. de Xabregas, 54. De 3.ª a Sáb./21.30; Dom/17 h. **Al Que Salto Me Dá o Coração**

— 3 comédias de Tchekov, dir. e enc., Blanco Gil.

Teatro do Século, R. do Século, 41. De 3.ª a Sáb./21.30; Dom./16.45. **Artimanhãs de Scapin**, de Molière, enc. Rogério Carvalho.

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular), 3.ª a 5.ª / 21.30, 4.ª / 21.30, 5.ª / 21.30. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.



Teatro Villaret, Av. Fontes Pereira de Melo. De 3.ª a Sáb/21.45; Dom/16 e 21.45. **Bocage**, adapt. Geir Campos, enc., António do Cabo.

PORTO

Cooperativa do Povo Português, 4.ª a Sáb/15.00. **O Fidalgo Aprendiz**, de D. Francisco Manuel de Melo, enc. Norberto Barroca — 5.ª a Sáb./22.00.

Sá da Bandeira, de 3.ª a Dom./21.30. **O Super Silva**, enc. João Mota.

Sala-Estúdio do TEP, R. do Pinheiro, 9. 3.ª e 4.ª/18.45; 5.ª e 6.ª / 21.45; Sáb. / 16.00 e 21.45; Dom. / 16.00 e 18.00. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Fed. Garcia Lorca, enc. Roberto Merino.

Sala d'O Realajo, R. dos Mercadores, 136. 5.ª a Dom. / 21.30; Dom. / 17.30. **Com Papas e Bolos se Enganam os Tolo**, enc. Vítor Valente.

Teatro, Casa de Teatro do Tear, R. do Heroísmo, 86. De 3.ª a Dom. / 21.30. **A espera de Godot**, de Samuel Beckett, enc. Castro Guedes.

Teatro do Campo Alegre, R. do Campo Alegre. De 3.ª a Dom. / 21.45; Dom. e feriados / 16.00. **Uma Família do Porto**, adapt. de «Uma Família Inglesa», de Júlio Dinis por Norberto Barroca, enc. Norb. Barroca — Seiva Trupe.

Teatro Universitário do Porto, 6.ª e Sáb. / 21.30; Dom. / 18.00. **Bodas de Ouro**, segundo textos de B. Brecht, etc., enc. José Caldas.

BRAGA

Casa Municipal da Cultura De 3.ª

Sáb/21.30. **A Menina Júlia**, de August Strindberg, enc. Luís Varela — CENA/Comp. de Teatro de Braga.

CASCAIS

Teatro Experimental de Cascais. 6.ª e Sáb / 21.45; 4.ª e 5.ª / 21.45; Sáb. / 16.00 e 21.45; Dom. / 16.00 e 18.00. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Fed. Garcia Lorca, enc. Carlos Avilez.



ÉVORA

Teatro Garcia de Resende. As 21.30, dias 27 (estrela), 28 e 30 de Julho e 1 a 7 de Agosto. **Horácio**, de Pierre Corneille, enc., Mário Barradas — Centro Cultural de Évora.

FARO

Teatro de Bolso, R. do Rasquinho, 16. De 3.ª a Sáb/21.45. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Garcia Lorca, enc. Luís Aguilhar — Teatro Laboratório de Faro.

LEIRIA

Castelo (antiga Igreja da Pena). 3.ª a Dom./21.30. **O Motim**, de Miguel Franco, enc. Carlos Fragateiro — TELA/Teatro Experimental de Leiria.

SETÚBAL

Teatro de Bolso do TAS, Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9. **Luís Todi**, texto de Fernando Gomes e Rui Mesquita, enc. Fernando Gomes.

Para crianças

LISBOA

Comuna, Praça de Espanha. Sáb. e Dom./15.00. **História de uma Cozinha**, texto e enc. de Horácio Manuel.

Salão das Furnas, R. Raul Carapinha. 3.ª, 5.ª, 6.ª/9.30, 11, 13.30. **Bola de Sabão**, enc. Mário Jorge — Grupo os Papa-Léguas.

BRAGA

Casa Municipal da Cultura. Sáb. e Dom./11.00. **A Incrível História de Tomás Paramil e do Selvagem Rha**, enc. Rui Madeira — CENA — Comp. de Teatro de Braga.

PORTO

Sala-Estúdio do Pé de Vento, R. das Virtudes. Sáb. e Dom./16.00. **A Guerra do Tabuleiro de Xadrez**, de M. Ant. Pina, enc. João Luís.

Arqueologia Industrial. «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom/10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Cerâmica e escultura de Álvaro Espadanal Ramos. Das 9 às 12.30 e das 14.30 às 19 na Gal. Paulo Ferreira, Filhos, R. Nova da Trindade. Até 31/7.

Colecção Calouste Gulbenkian. Exposições no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

Colecção de pintura (entre outros, Ângelo de Sousa, Palolo, Bual, Cargaleiro). Galeria de S. Bento, R. do Machadinho. De 2.ª a sábado, das 11 às 21.00.

Colecção de pintura (Ângelo de Sousa,

Alvaro Lapa, Jorge Martins, etc.). De 2.ª a 6.ª/15 às 17.30. Gal. EMI/Valentim de Carvalho, R. Cruz dos Poiais, 111. Até 31/7.

Colecção de pintura e escultura (João Hogan, Maria Keil, Noronha da Costa e outros). Galeria Gemini, Quinta das Freiras. De 3.ª a Dom/18.30 às 22.30. Até 30/7.

Colecção de pintura e escultura de jovens artistas portugueses e espanhóis. Gal. Cómicos, R. Ten. Raul Cascais, 1-B, de 2.ª a sáb/15 às 20.00. Até 3/8.

Escultura Africana — Exposição paralela às Jornadas de Letras e Artes dos países africanos de expressão portuguesa que decorreram na Gulbenkian. No Centro de Arte Moderna.

Gente do Palco. Museu do Teatro. De 3.ª a dom., das 10 às 13 e das 14.30 às 17 horas.

Irene Dedicova — Retrospectiva de pintura. No átrio da Fundação Gulbenkian.

Lurdes Robalo, pintura. De 3.ª a 6.ª/15 às 20.00; sáb. e dom./16 às 19.00. Gal.

Diferença, R. S. Filipe Nery, 42, 1.º.

Marília Nunes, pintura. Fund. Ricardo Espírito Santo, Lg. das Portas do Sol. De 3.ª a sábado, das 10 às 13 e das 14.30 às 17.00. Até 17/8.

Nova Ourivesaria portuguesa, um espaço em que também estão expostas peças da colecção do Museu. Trabalhos de professores e alunos do Ar.Co, com a utilização de novos materiais. Museu Nacional de Arte Antiga. Até 29/9.

80 Anos do SPA. Exposição documental. Na sede, Av. Duque de Loulé. Das 15 às 19, excepto sáb., dom. e feriados.

Vestir 1955-85. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteleone-Mor, Lumiar.

Vieira da Silva, pintura e obra gráfica — alguns dos trabalhos dos últimos 25 anos. Galeria 111, Campo Grande, n.º 113.

2.º Bienal Nacional de Desenho organizada pela Cooperativa Árvore. Até 28/7 na Portex — Palácio de Cristal. PORTO.

Teresa Torres, pintura. Galeria Módulo, Av. da Boavista, 854. De 2.ª a sáb./16 às 20. Até 31/7. PORTO.

João Vieira, pintura. Centro Cultural de S. Lourenço, AL-MANSIL.

Arquitectura e Escultura Gótica. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA.

José de Azevedo, aquarelas: «Olhar o Mar» de 4.ª a dom./15 às 18.00, de 13/7 a 24/8. Por ocasião do 5.º Festival de Música dos Capuchos, no Convento dos Capuchos. CAPARICA.

Alberto Pêssimo-Rui Paes, pintura e desenho. Galeria Diagonal, Hotel Cidadela, até 18/7. CASCAIS.

Colecção de gravura (Dacos, Humberto Marçal, Ilda Reis, João Hogan, Luísa Nogueira, Marília Viegas, Miguel Alarcão. Das 9 às 19. Arcadas do Parque ESTORIL.

Colecção de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gil-

de, S. Torcato GUILMARÊS.

Cargaleiro, retrospectiva de serigrafia. Galeria da Pousada, PALMELA.

Abel Mata. Até 9/8, das 10 às 22.00. Pousada de S. Filipe, SETÚBAL.

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito, SETÚBAL.

Carlos Moraes, pintura e cerâmica. Das 9 às 21.00. Gal. Cetânia, Trav. Frei Gaspar, SETÚBAL.

Manuel Vilarinho, pintura. Casa de Bocage/Galeria Municipal de Artes Visuais. Até 31/7, SETÚBAL.

Quatro Mulheres — pintura e escultura (Cristina Paula, Elsa, Isabel Sabino, Noémia Cruz). Galeria de Exposições Temporárias do Convento de Jesus/Museu de SETÚBAL.

Colecção de Artes Plásticas, de Viana do Castelo. Galeria Barca d'Artes. Até 28/7. VIANA DO CASTELO.

...e ainda

Música, debates, etc.

Bailado

Amanhã, o Ballet Gulbenkian em espectáculo integrado no III Festival de Verão-85, de Oeiras. A «Sinfonia em Ré» (música de Haydn), «Cinco Tangos» (Astor Piazzolla) e «Bênção de Deus na Solidão» (Liszt). As 21.30, no jardim do Palácio do Marquês de Pombal — OEIRAS.

No XX Festival de Sintra a Companhia Nacional de Bailado, em coreografias sobre músicas de Vivaldi, Burgmüller, Pugnini e Lalo. Amanhã, às 21.50, no Jardim do Palácio de Seteais — SINTRA.

O Grupo de Dança Folclórica «Radhost», da Checoslováquia, que actua amanhã e depois em Loures, no quadro de uma digressão pelo nosso país, estará também no dia 28, domingo, na Praça do Visconde — CASTA-NHEIRA DE PÉRA.

Cinema

Na Cinemateca Nacional, prossegue o ciclo **Nicholas Ray** — esta semana com os últimos filmes que fez nos EUA. No Forum Picoas, domingo, às 16.19 e 22 horas, «Apocalypse Now», de F. F. Coppola. No City-Cine, hoje, às 23.45, «Glória» de John Cassavetes.

Música

De novo esta semana numerosos concertos de música clássica. No Festival dos Capuchos, **recital de flauta e harpa** por José Barrocas e Fausto Dias: Donizetti, Bontempo, Glazunov, Ravel, Debussy, Villa-Lobos e Salzedo. Quanto ao **Festival**

da Costa do Estoril, um concerto na Igreja dos Salesianos, hoje, às 21.30, **Orquestra de Câmara**, do Festival dirigida por Alvaro Salazar — ESTORIL.

Recital Bach, por Alberto Lysy (violino barroco), domingo e segunda, às 21.30, na Igreja de CARCAVELOS.

No Teatro de S. Luís, sábado às 21.30, concerto pelo Coro e a Orquestra Gulbenkian, dir. Fernando Eldoro — LISBOA.

No Hot, amanhã e depois, das 22.30 às 00.30, não há jazz, mas sim música de Cabo Verde: o Grupo Sossabé e o violinista Travadinha.

Grupos, músicos e cantores dos mais populares participam nos próximos dias em vários espectáculos.

Em Vilar de Moura, no I Encontro de Música Popular, organizado pelo Centro de Instrução e Recreio Vilar-mourense, sexta, sábado e domingo.

Actuam, entre outros, Sérgio Godinho, os Trovante, Janita Salomé, os grupos Raízes e Vai de Roda e ainda Emílio Cao e o grupo Puxam os Ventos, da Galiza.

No Festival de Música Popular Portuguesa que decorre também sexta, sábado e domingo no castelo de Palmela (Câmara Municipal de Palmela/AIJ), sempre às 21 horas, Banza e Sérgio Godinho, na sexta-feira; Carlos Paredes e o grupo Cantares no sábado e os Trovante no domingo — PALMELA.

Carlos do Carmo, domingo às 21.30, em espectáculo organizado no âmbito da III Feira de Arte Popular e Artesanato, na Igreja dos Congregados. Na véspera, no mesmo local, concerto pela

S. Leonardo — Atouguia da Baía — PENICHE.

O Opus Ensemble, num outro concerto a realizar hoje, às 21.30, no Teatro Garcia de Resende — ÉVORA.

No que respeita a jazz: hoje e amanhã e depois, o quarteto do saxofonista Helge Schneider, na Ocarina — LISBOA. Ocarina — LISBOA. Integração de música de música de

No Hot, amanhã e depois, das 22.30 às 00.30, não há jazz, mas sim música de Cabo Verde: o Grupo Sossabé e o violinista Travadinha.

Grupos, músicos e cantores dos mais populares participam nos próximos dias em vários espectáculos.

Em Vilar de Moura, no I Encontro de Música Popular, organizado pelo Centro de Instrução e Recreio Vilar-mourense, sexta, sábado e domingo.

Actuam, entre outros, Sérgio Godinho, os Trovante, Janita Salomé, os grupos Raízes e Vai de Roda e ainda Emílio Cao e o grupo Puxam os Ventos, da Galiza.

No Festival de Música Popular Portuguesa que decorre também sexta, sábado e domingo no castelo de Palmela (Câmara Municipal de Palmela/AIJ), sempre às 21 horas, Banza e Sérgio Godinho, na sexta-feira; Carlos Paredes e o grupo Cantares no sábado e os Trovante no domingo — PALMELA.

Orquestra Típica Scalabittana — ESTREMOZ.

Espectáculos com Carlos do Carmo, Raul Kyo e Paulo de Carvalho, amanhã, às 21.30, na Praça de Touros da PÓVOA DO VARZIM.

Som da Malta — Antena Um ao Vivo promove, amanhã, às 22 horas, um espectáculo em que participam, entre outros, Carlos Alberto Moniz e Pedro Barroso, acompanhados pela Orquestra Ligeira da RDP, dirigida por Pedro Osório — CRATO.

Gilbert Bécaud, sábado à noite, no Pavilhão do Dramático de CASCAIS.

Também no sábado à noite (21.30), no anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian, com bilhetes a 100\$00, um espectáculo com o instrumental 1.º de Maio, da República Popular de Angola.

No Lavradio, começam amanhã e decorrem até 4 de Agosto as Festas Populares, este ano marcadas pela passagem do Lavradio a vila. Espectáculos de música popular portuguesa, fado, concertos por filarmónicas, teatro. Ainda espectáculos com Esmeralda Amoadó, Teresa Paula Brito, Nuno Gomes dos Santos e Carlos do Carmo, entre outros.

Em Loures, integrados nas Festas do concelho: hoje à noite, um colóquio sobre a Paz e espectáculo com o maestro António Victorino d'Almeida no palco da feira; amanhã, o Instrumental 1.º de Maio, da RPAngola, às 21.30; no sábado, também às 21.30, espectáculo pelo Grupo Folclórico Radhost, da Checoslováquia, que na véspera e à mesma hora actuará na Pontinha.

Festas Populares

Em Setúbal, a Feira da Santidade prossegue com o vasto programa organizado pela Câmara Municipal em colaboração com associações e organizações sociais do

Tempo

Fim de Semana



No sábado e no domingo, no espaço continental, o céu estará pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a manhã na faixa costeira ocidental. Vento fraco ou moderado de Norte. Quanto à temperatura, tendência para nova subida (verificada que foi entretanto uma baixa, relativamente aos valores registados, nos primeiros dias desta semana). Esta é, como sempre, a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Utilidades & variedades

22 conselhos práticos para a aparelhagem de som

2. Que fazer com um disco empenado

Radicalmente, a única coisa eficaz a fazer com um disco empenado é... comprar outro...

É de facto muito difícil repor integralmente em condições um disco que sofreu calor e se deformou. Pode contudo fazer-se uma tentativa que, se a deformação não for muito grande, talvez resulte: colocar o disco (sem a capa, só com o revestimento plástico) sob uma boa pilha de enciclopédias largas e bem pesadas e assim o deixar durante alguns dias. Por vezes, resulta.

Ter em atenção que esta operação deve efectuar-se com um único disco: nunca submeta, de uma só vez, mais do que um a este «tratamento enciclopédico»... Conforme já se disse, os discos têm espessuras diferentes e, sobrepostos e sujeitos a pressão, pode ser pior a emenda que o soneto...

3. Ruídos de corrente

Sucede frequentemente, mesmo em muito boas aparelhagens e até especialmente nestas, que sem razão aparente surjam nas colunas ruídos parasitas característicos de intromissões de corrente alterna de alimentação na aparelhagem.

Para além de todos os cuidados de isolamento já referidos e muito especialmente da atenção em evitar vizinhanças de cabos de ligação entre aparelhos ou das colunas com os de alimentação eléctrica, duas outras medidas convém tomar.

Uma primeira é assegurar uma simples ligação à terra da tomada de alimentação de toda a cadeia de alta-fidelidade. Em

geral as fichas de ligação dos aparelhos têm terra, mas se a tomada a não possuir nada adianta.

Por outro lado há que ter em conta a questão das fases. Se o seu aparelho estiver a fazer um ruído estranho, inverta a ficha de alimentação na tomada respectiva. Nos muito bons aparelhos não é indiferente a ligação do positivo e do neutro e os seus cabos de alimentação trazem até normalmente assinalado qual dos condutores deve ser ligado ao positivo. Como as tomadas (e fichas) usadas em Portugal não assinalam o positivo e o neutro, se o seu aparelho traz esta ligação procure com um busca-pólos o positivo da tomada a que normalmente liga a aparelhagem e assegure-se que a ligação é feita correctamente.

4. Duração de uma gravação em cassette

Um disco cuidadosamente guardado e pouco tocado pode em certa medida ser eterno; o mesmo não se passa com uma cassette.

Dependendo da qualidade da fita utilizada, uma cassette tem um período de duração que pode ser muito longo e que depende essencialmente da quantidade de vezes que é tocada e em que condições.

Não se surpreenda se uma cassette que tem guardada há anos surja, mesmo não tendo sido tocada, com ruídos: a gravação magnética é naturalmente sensível a um conjunto muito grande de fenómenos, desde a influência de aparelhos vizinhos até a questões atmosféricas.

Contudo, o mais comum é que uma cassette frequentemente to-

cada comece a aparecer com ruídos e, por vezes, mesmo falhas. Contra este problema apenas há duas soluções: a qualidade das cassettes e a qualidade dos aparelhos em que são reproduzidas (e o bom estado da respectiva cabeça).

5. Os «discos compactos»

O surgimento dos «discos compactos» surge no quadro da generalização dos sistemas digitais (em que a corrente eléctrica é transmitida por impulsos) substituindo os sistemas analógicos (em que a corrente eléctrica é transmitida regularmente).

O «som digital» baseia-se essencialmente na codificação binária dos impulsos electro-magnéticos captados por um microfone, de forma a gerar uma corrente digital. Esta codificação (que envolve uma descodificação dos sinais iniciais a um ritmo de vários milhares de decomposições por segundo) pode ser fixada ou transmitida por diversos processos, devendo, no final, ser novamente transformada numa corrente eléctrica analógica que seja amplificada e excite os altifalantes.

No caso dos «discos compactos», a codificação digital é fixada no disco através de uma imensidão (milhões!) de orifícios microscópicos de diferentes extensões, cada um referente a um elemento da decomposição binária a que cada som foi sujeito. A leitura destes sinais é feita através de um feixe de raio *laser* que incide sobre o disco fazendo a leitura desses sinais e criando uma corrente digital que é depois transformada em analógica.

O disco compacto exclui assim qualquer processo de leitura mecânica: não há, como nos con-

vencionais, a espira cujas irregularidades introduzem vibrações na agulha que serão transformadas em corrente eléctrica; a leitura é feita pelo *laser* que se reflecte sobre a superfície do disco de forma diferente conforme a existência ou não dos orifícios, gerando sucessivos impulsos que são depois transformados na corrente analógica.

O sistema proporciona três vantagens importantes: em primeiro lugar, não havendo a necessidade de criar uma espira que possa sensibilizar uma agulha, mas apenas de criar áreas perfuradas em áreas menores dada a maior sensibilidade do *laser*, o tamanho do disco pode ser drasticamente reduzido: o formato normalizado para os discos compactos é de cerca de 12 centímetros de diâmetro e em cada um dos seus lados pode ser gravada uma hora de música; em segundo lugar, não havendo processos mecânicos de leitura mas um simples processo digital, são praticamente eliminados em qualquer altura do processo (corte de matriz, prensagem e leitura do disco) ruídos parasitas; finalmente e dada ainda a ausência de leituras mecânicas (não haver agulha e atrito) a duração e conservação dos discos é incomparavelmente maior.

Naturalmente que há alguns problemas em contrapartida a começar logo na prensagem do disco. O carácter microscópico da sua gravação não permitiu ainda serem resolvidos todos os problemas e a percentagem de discos defeituosos numa edição de «compactos» é ainda relativamente elevada (cerca de 10%). A este factor junta-se a elevada sensibilidade do leitor de *laser* que o leva a rejeitar um disco logo que surja uma irregularidade. Têm-se contudo verificado progressos assinaláveis num e

I — Gira-discos

- ✓ 1. Localização e nivelamento
- ✓ 2. A cabeça e a agulha
- ✓ 3. Equilíbrio do braço
- ✓ 4. Manuseamento

II — Amplificador

- ✓ 1. Potência; curva de resposta
- ✓ 2. Controlos graves-agudos
- ✓ 3. Balanço
- ✓ 4. Filtros e loudness

III — Altifalantes

- ✓ 1. Potência e impedância
- ✓ 2. Localização
- ✓ 3. Ligação

IV — Gravador/leitor de cassetes

- ✓ 1. Vuímetros e leds
- ✓ 2. Bias e EQ
- ✓ 3. Dolby
- ✓ 4. Limpeza

V — Discos

- ✓ 1. Arrumação
- ✓ 2. Limpeza
- ✓ 3. Manuseamento

VI — Cassettes

- ✓ 1. Tipos
- ✓ 2. Conservação

VII — Cabos e fichas

1. Tipos de cabos e funções
2. Tipos de fichas e funções

noutro sector: a percentagem de defeitos tende a diminuir, ao mesmo tempo que as platinas têm vindo a criar maior resistência sem perda da sensibilidade e correcção da leitura.

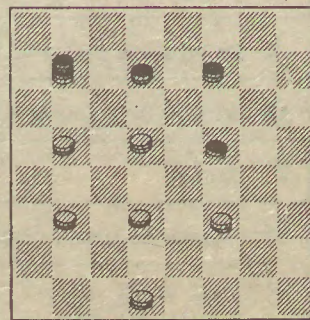
Um gira-discos de compactos é assim completamente diferente de um gira-discos convencional e não há qualquer compatibilidade. Contudo, uma platina de compactos liga-se a um amplificador normal, uma vez que a transformação da corrente digital obtida pelo *laser* na analógica necessária ao amplificador é feita pelo próprio gira-discos. Se um amplificador tiver duas entradas para gira-discos, é perfeitamente possível ligar numa delas o compacto e na outra uma platina convencional.

Pela qualidade da gravação e reprodução, diminuição de tamanho e durabilidade, é possível dizer-se que o disco compacto e a leitura de *laser* constitui o futuro da indústria discográfica, mas, durante muito tempo ainda, certamente que os dois sistemas coabitam. Os largos investimentos feitos em todos os escalões da produção e das aparelhagens não permitirão uma inversão excessivamente rápida da situação actual.

Sob o ponto de vista de preço, uma platina de compactos começa já a atingir preços semelhantes aos de uma boa platina convencional. Quanto aos discos, embora custando cerca de três vezes mais que um LP convencional, pode considerar-se como compensador não só pela sua capacidade (com facilidade um compacto comporta o equivalente de 4 a 5 LP's), como pela sua qualidade e duração.

Damas

X — 25 de Julho de 1985
PROPOSIÇÃO N.º 10
Por Francisco Henriques — Almeirim
«O Barreiro» n.º 563 — 18.XI.1943
Pr. 18-26-27-(28)



Br. 3-10-11-12-19-20
Jogam as brancas e ganham
JOGO N.º 10
Br. Daniel Seita Machado — Pr. José Augusto
Setúbal, 20.III.1982

1. 11-14, 21-17; 2. 6-11, 25-21; 3. 12-15, 23-19; 4. 14-23, 28-12; 5. 8-15, 32-28; 6. 10-14, 29-25; 7. 5-10, 28-23; 8. 1-5, 21-18; 9. 14-21, 25-18; 10. 10-14, 17-13; 11. 14-21, 26-17; 12. 9-18, 22-13; 13. 5-10, 13-6; 14. 3-10, 27-22; 15. 11-14, 31-27; 16. 15-19, 22-15; 17. 14-18, 23-19; 18. 18-21...

POSIÇÃO DO JOGO:
Br. 2-4-7-10-21
Pr. 15-17-19-24-27-30
Jogam as Pr. e empatam!!! (A)

...18. 15-12; 19. 7-16, 30-26; 20. 21-30, 27-23; 21. 30-20, 24-15; 22. 16-20, 15-11; 23. 20-23, 19-15; 24. 23-28, 15-12; 25. 28-32, 11-7; 26. 4-11 e as Br. ganham
(A) — 18. 30-26! e 15-12 (Lei da Quantidade) e Empata!

Golpe de Mancini

1. 10-13, 22-19; 2. 13-18, 21-14; 3. 11-18, 19-14; 4. 12-15, 23-20; 5. 6-11, 26-21; 6. 8-12, 20-16; 7. 15-19, 24-20; 8. 19-22! 30-26! (Perdente) e as Br. ganham de Golpe!

SOLUÇÕES

N.º 5 (20.VI.85)
N.º 5: 23-28, 3-7; 4-23 (SE: 32-14; 30-17 e 17-24 e 24-2 G. Br.); 30-16 e 16-9 G. Br.
Nota: A Dama (13) está abaixo do seu valor! Evita dupla solução por 7-12!
Golpe N.º 5: 12. 24-28, 31-15; 13. 13-18, 22-6; 14. 2-18, 9-2=D; 15. 18-21, 25-18; 16. 3-6, 2-11; 17. 7-30=D... G. Br.!!! Para este GOLPE ver secção n.º 7 no «Avante!» de 4.VII.1985!

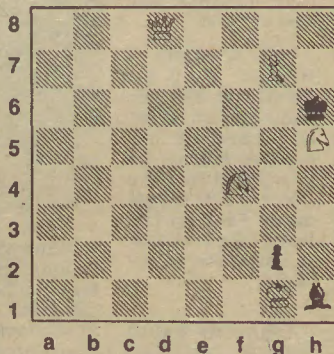
■ A. de M. M.

Xadrez

X — 25 Julho de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 10

Por L. Szász
Kecskeméti Tornakönyv/1927
Pr. Pg2-Bh1-Rh6



Br. Pg7-Cs.g4, h5-Dd8-Rg1

Mate em dois lances

JOGO N.º 10
Interzonal do México/1985

Br. Spelman
Pr. Timman

1. c4,e5; 2. Cc3,Bb4; 3. g3,Bxc3; 4. Bxc3,Cc6; 5. Bg2,Cge7; 6. c5,b6; 7. Ba3,Bb7; 8. d4,d6; 9. cxd6,cxd6; 10. cxb6,cxb6; 11. Da4,0-0; 12. Td1,Dg8; 13. Cf3,Te8; 14. 0-0,Ca5; 15. Cxe5,Bxg2; 16. Rfg2,De6; 17. Cf3,Dxa2; 18. Td7,Cd5; 19. Txa7,Tad8; 20. Cg5,Dxe2; 21. Bc1,Cc4; 22. Rg1,f6; 23. Cf7,Cxc3; 24. Dc6,Td1; 25. Txd1,Cxd1; 26. Ch6+gxh6; 27. Dxf6,De1+; 28. Rg2,De4+; 29. Rg1,Dg6; 30. Dd4,Te1+; 31. Rg2,De4+; 32. Dxe4,Txe4; 33. Bxh6,Te6; 34. Bf4,Te2; 35. Rf3,Txf2+; 36. Re4,Txh2; 37. Rf5,Cde3+; 38. Re6,Te2; 39. Tc7,Te1; 40. Td7,Td1 e as Br. abandonam.

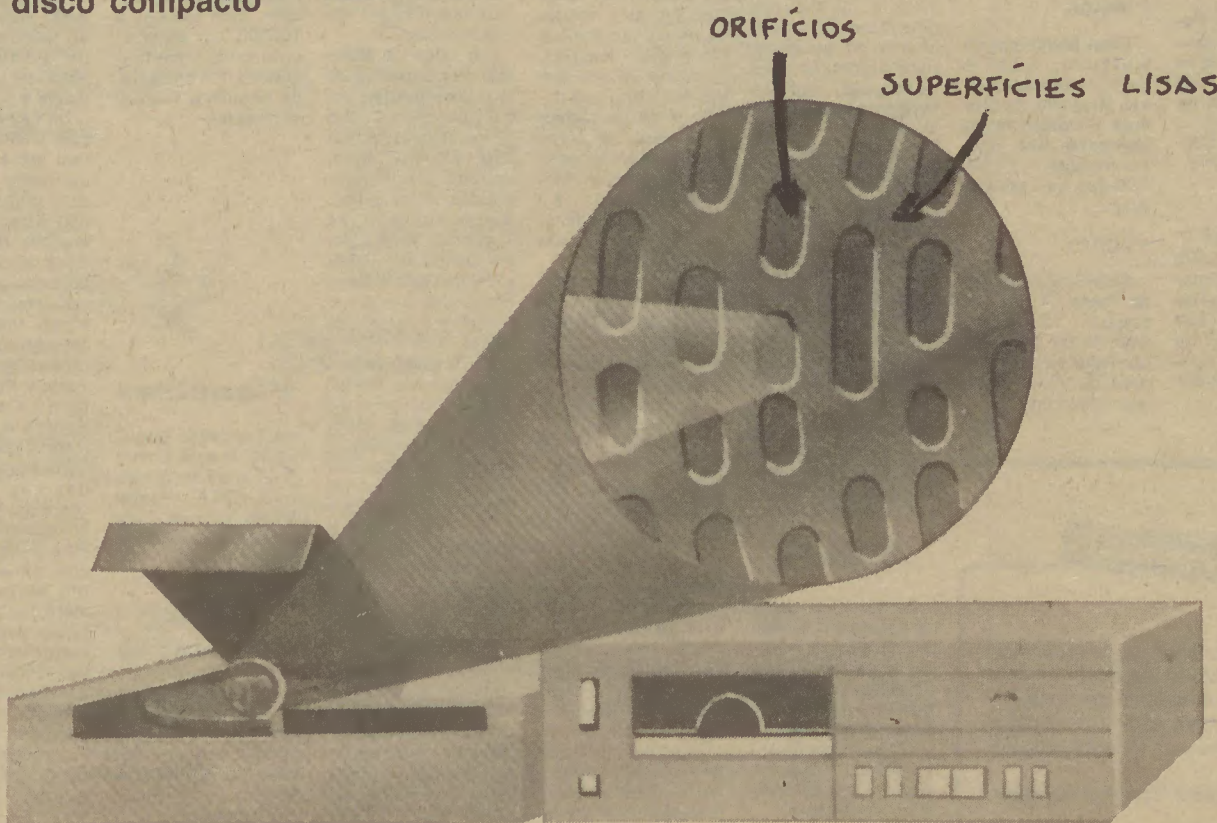
19. Txa7!; 20. Dxe8 mate!
32. Dxe4 Seria de abandonar neste momento... mas como ambos estavam em zettnot, Spelman foi até ao controlo!

SOLUÇÕES

1. g8=Ti Bloqueio/Ameaça!
1.... Rh7; 2. Th8 mate.

■ A. de M. M.

● Ampliação da superfície de um disco compacto



Não é a Feira do Livro mas que parece, parece!

• O que vai ser em 1985 o Centro do Livro e do Disco

Pág. 6



**Implantação
a tarefa
essencial
deste
momento
(até porque
já só
faltam
42 dias
para
a Festa
abrir
as portas!)**

ep

a festa!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 2
25 de Julho de 1985

Não pode ser vendido
separadamente

Vem aí o jazz soviético!

- **Big band
de Konstantin Orbelian**
- **Trio
de Viatcheslav Ganelin**

Páginas centrais



Viatcheslav Ganelin



V Bienal
de Artes Plásticas

Quarenta trabalhos de Gil Teixeira Lopes

Pág. 8

No Pavilhão Central

Uma exposição virada para as eleições



1981 — Neste ano, a zona central da Festa foi, naturalmente, dedicada ao 60.º aniversário da fundação do PCP. No centro da Festa erguia-se um monumento alusivo, à volta do qual se desenvolvia a exposição — uma inesquecível exposição que ainda perdura na memória de todos os que (e, na Festa e fora dela, foram dezenas de milhar) tiveram oportunidade de a visitar

As exposições políticas têm sido uma constante das Festas do «Avante!». Por isso mesmo terão de ter um lugar de destaque na Festa que se avizinha, para que as dezenas de milhares de pessoas, que ali se deslocam tenham uma ideia do que é a actividade do Partido Comunista Português e como a desenvolve.

No Pavilhão Central haverá, pois, uma exposição política sobre a actividade do Partido, particularmente vocacionada para as próximas batalhas eleitorais, tendo como destaque as legislativas.

Muitos serão os temas ali abordados, desde a denúncia da política de direita levada a cabo por oito governos de coligação ou sem serem de coligação (PS sozinho; PS-CDS; PSD-CDS; e PS-PSD) que têm governado o País nestes nove anos. Ali — para que não se esqueça —

será sublinhada a responsabilidade destes partidos para a situação a que se chegou... desemprego, fome, miséria.

Não será esquecida a luta travada pelos trabalhadores, durante estes nove anos, contra uma política errada. Greves, manifestações, concentrações junto dos órgãos da tutela ou à porta da residência oficial do primeiro-ministro, e tantas outras formas de resistência que a inventiva das classes trabalhadoras tem sabido utilizar para a defesa dos seus direitos e liberdade. Luta justa, como o prova o facto de cada vez ser maior o número de pessoas que qualificam de errada a política seguida, e que contribuiu para travar, em numerosos casos, a política de direita. Como é natural, a exposição abordará, com maior detalhe, as acções de

massas desenvolvidas durante os últimos dois anos e que correspondem à actividade do Governo PS-PSD agora demitido.

Um outro tema a focar pela exposição serão as propostas do PCP e da APU para resolver os graves problemas económicos e sociais do País, com especial relevo para os problemas económicos, dado que o PCP realizou, recentemente, uma Conferência Económica com propostas concretas para se sair da crise.

A valorização do trabalho-APU nas autarquias, dando prova do que os comunistas e os outros democratas que com eles trabalham são capazes de fazer no concreto é um outro aspecto que não vai ser esquecido. Desde o esgoto que foi colocado numa aldeia, à pavimentação das ruas, da Junta de Freguesia que leva as crianças à praia, à

construção do pavilhão ginno-desportivo, coisas que muitas vezes a população considera como do dia-a-dia, esquecendo que se estivesse outra formação política na Câmara ou na Freguesia talvez isso não existisse.

Além disso, a valorização do trabalho desenvolvido pelo Partido e a APU nas autarquias é bem prova do que os comunistas são capazes de fazer. Daí se conclui o que não seriam capazes de fazer se assumissem responsabilidades a nível governativo.

A exposição será, em resumo, uma síntese das medidas e das propostas do PCP para as batalhas eleitorais que se avizinhm e ainda uma projecção dos resultados da Conferência Nacional do PCP dedicada às eleições legislativas, que se realiza poucos dias antes do início da Festa do «Avante!».

Uma exposição a não perder, com a utilização de numerosas fotografias, diversos gráficos, muita cor, grandes «slogans» e variadas palavras de ordem.

Uma exposição a não perder, também, porque na maior parte dos casos o enfeudamento dos órgãos de comunicação social estatizados aos partidos da direita impede que seja conhecido do grande público as críticas, as denúncias e as propostas feitas pelo Partido Comunista Português.

Uma exposição que, não duvidamos, será um êxito, como o têm sido as anteriores exposições políticas levadas a cabo no âmbito da Festa do «Avante!»

Entretanto, na área do Pavilhão Central estarão presentes, também, pavilhões com exposições dedicadas exclusivamente a «O Militante» e

ao Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português, de molde a ser melhor conhecida a actividade daquele boletim de organização do Partido, bem como a actuação dos comunistas na Assembleia da República, numa luta constante para contrariarem a actividade legislativa anti-popular, ao mesmo tempo que não esquecem os interesses da população e dos trabalhadores, apresentando legislação apropriada, como é o caso dos salários em atraso que a maioria PS-PSD-CDS sempre inviabilizou.

Mas nestas coisas, melhor do que falar de uma exposição é vê-la! Já não falta muito tempo para a Festa do «Avante!» abrir as suas portas por três dias. Tempo suficiente para se divertir com os espectáculos e ver as exposições que o PCP lhe propõe.

Jogos Populares

— uma presença renovada

Mais uma vez, os jogos populares vão ter uma presença destacada na Festa, nomeadamente aquele que, entre todos, é provavelmente o mais popular: o chinquilha. Este, porém, não é idêntico em todas as regiões do País, daí a necessidade de precisar alguns aspectos, nomeadamente no que se refere às modalidades que estarão presentes na Festa deste ano.

Malha corrida ou «Couquilha»

- 1 — O jogo do «Chinquilha — Malha Corrida» consiste no lançamento de uma malha, com o objectivo de derrubar um pau, fazendo-a deslizar (ou «correr») ao longo de uma pista plana em cimento.
- 2 — A distância de pau a pau é de 18 metros. A pista deve medir 20 metros de comprimento e 0,30 metros de largura e, ainda, uma zona de protecção de 1,5 metros em cada topo.
- 3 — Os paus, com 15 cm de comprimento encontram-se situados numa zona de pontuação. Essa zona mede 0,80 metros encontrando-se o pau rigorosamente a meio dessa distância.
- 4 — A malha, de peso e dimensões variáveis, deve, contudo, ter o formato de uma calote esférica.
- 5 — Cada «linha» é composta por 5 jogadores titulares e 2 suplentes.
- 6 — O jogo, sem limite de tempo, termina aos 24 pontos.
- 7 — No jogo por equipas cada derrube vale 1 ponto e por cada malha situada na zona de pontuação 2 pontos.
- 8 — No jogo individual cada derrube vale 2 pontos e por cada malha situada na zona de pontuação 4 pontos.
- 9 — No Torneio haverá três prémios para o jogo por equipas e um prémio para o vencedor da competição individual.
- 10 — Serão realizados Torneios Regionais de apuramento a organizar por cada Organização Regional.
- 11 — Problemas omissos neste Regulamento serão resolvidos por um Conselho Técnico, formado por um elemento de cada linha e um elemento da Comissão do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1985.

Malha grande

- 1 — O jogo do «Chinquilha Malha Grande» consiste no lançamento de uma malha, com o objectivo de derrubar um pau.
- 2 — Os jogadores devem efectuar o lançamento, obrigatório com um pé sobre o tabuleiro, para trás da linha de trajectória definida pela «ecliz».
- 3 — A distância de pau a pau é de 40 metros.

- 4 — Os paus encontram-se situados sobre um tabuleiro com 40 cm de largura por 60 cm de comprimento.
- 5 — O pau tem uma altura variável entre 5 e 7 cm.
- 6 — A localização do pau é de 22 cm da «ecliz».
- 7 — A «ecliz» é uma barra de ferro com 40 cm de comprimento por 6 cm de largura, situada na frente do tabuleiro. Esta não pode ser pisada pelo jogador.
- 8 — A malha não tem medidas nem pesos fixos. Variando consoante a vontade dos jogadores, normalmente oscila entre os 2 kg e 5 kg.
- 9 — O campo tem um comprimento de 18 metros, por 4 metros de largura.
- 10 — Cada linha é composta por 6 jogadores e 3 suplentes.
- 11 — Cada encontro tem a duração de 1 hora.
- 12 — Vence o encontro a equipa que completar primeiro 24 pontos.
- 13 — Os pontos são contados pelo derrube de paus. Cada derrube equivale a 2 pontos.
- 14 — Marca igualmente 1 ponto a malha do jogador que ficar situada mais perto do pau.
- 15 — As malhas dos jogadores da mesma equipa situadas logo a seguir àquela que marcou ponto serão beneficiadas, igualmente por 1 ponto.
- 16 — Se a malha situada em 2.º lugar for da equipa adversária, não marca ponto, mas conta o ponto das restantes malhas.
- 17 — Malha Corrida: consiste numa prova, individual, na qual cada jogador tem direito a efectuar 6 lançamentos.
- 18 — Será vencedor o jogador que derrubar maior número de vezes o pau.
- 19 — Nos Torneios há dois prémios: — para a melhor equipa;

— para o melhor jogador.

20 — Problemas omissos neste Regulamento, serão resolvidos por um Conselho Técnico, formado por um elemento de cada linha e um elemento da Comissão Nacional do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1985.

21 — Serão realizados Torneios Regionais a cargo de cada Organização Regional.

22 — Cada Organização Regional, apura as equipas para o Torneio final, a realizar na Festa do «Avante!».

23 — As Organizações Regionais deverão comunicar até 4 de Setembro o número de linhas (equipas) apuradas.

Malha pequena

1. O Jogo do «Chinquilha Malha Pequena» consiste no lançamento de uma malha com o objectivo de derrubar um pau.
2. Os jogadores devem efectuar o lançamento no espaço atrás da linha imaginária traçada no prolongamento da «ecliz».
3. A distância de pau a pau é de 7,20 metros.
4. Os paus encontram-se situados sobre um tabuleiro com 25 cm de largura por 50 cm de comprimento.
5. O pau tem uma altura de cerca de 4,5 cm.
6. A localização do pau é ao centro dos tabuleiros.
7. A malha embora não tenha um peso fixo, porque varia devido ao material que a compõe, tem medidas obrigatórias: 53 mm de diâmetro por 13 mm de altura.
8. A «ecliz» é uma barra situada na frente do tabuleiro, com 25 cm de comprimento por 5 cm de largura. Esta não deve ser pisada pelos jogadores.
9. O campo tem um comprimento de 12 metros, por 4 metros de largura.
10. Cada linha é composta por 6 jogadores.
11. Cada encontro tem a duração de hora e meia.
12. Vence o encontro a equipa que ganhar mais partidas durante o tempo do jogo.

13. Os pontos são contados pelo derrube de paus, só contando os derrubes efectuados pela frente.

14. Cada derrube equivale a dois pontos. Marca igualmente um ponto a malha do jogador que fica mais perto do pau.

15. As malhas dos jogadores da mesma equipa, situadas logo a seguir àquela que marcou ponto, serão beneficiadas igualmente por 1 ponto.

16. Se a malha situada no 2.º lugar for da equipa adversária não marca ponto, mas conta o ponto das restantes malhas.

17. «Malha corrida»: consiste numa prova individual, na qual cada jogador tem direito a efectuar 6 lançamentos.

18. Será vencedor o jogador que derrubar maior número de vezes o pau.

19. Nos Torneios há dois prémios:

— para a melhor linha
— para o melhor jogador

20. Problemas omissos neste Regulamento, serão resolvidos por um Conselho Técnico, formado por um elemento de cada linha e um elemento da Comissão Nacional do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1985.

21. Serão realizados Torneios Regionais a cargo de cada Organização Regional.

22. Cada Organização Regional apura as equipas para o Torneio final a realizar na Festa do «Avante!».

23. As Organizações Regionais deverão comunicar até 1 de Setembro o número de linhas (equipas) apuradas.

Chinquilha do Ribatejo

Leis do jogo

Campo — O Campo de jogo é constituído por dois Tabuleiros, em madeira, com caixa de ar servido de amortecedor, fixos ao solo e distantes entre si de 9 (nove) metros.

Tabuleiros — Cada Tabuleiro tem o comprimento de 2,5 metros e 0,6 metros de largura sendo a sua face superior

ligeiramente côncava e formada por três tábuas.

A zona da «cama» (onde assenta o paulito ou «prego») é traçada apenas na tábua central e situa-se a 0,76 metros dos topos de cada um dos Tabuleiros.

Paulitos — Os paulitos (também conhecidos por «pau» ou «prego») são de madeira, cilíndrica e têm 0,2 metros de altura, 0,025 metros de diâmetro e são colocados a 0,8 m do topo de cada um dos Tabuleiros.

Malhas — As malhas têm um formato de calote esférica e, normalmente, são feitas de aço

deslocam-se para o outro Tabuleiro.

Iniciará a jogada seguinte a equipa que tenha ganho o «ponto do tento». Quando nenhuma equipa tiver ganho o «ponto de tento» iniciará a jogada a equipa que beneficiava desse direito na jogada anterior.

Sistema de pontuações — Sempre que um jogador, colocado sobre um dos Tabuleiros, lance a sua malha para o outro Tabuleiro e consiga quer por impacto directo da sua malha, quer por empurrão sobre outra malha, derrubar o paulito

Regulamento do Torneio

- 1 — Realizar-se-á um torneio do Jogo do Chinquilha (Ribatejo) com uma fase de apuramento e uma fase final.
- 2 — A fase final decorrerá no Alto da Ajuda, em Lisboa, durante a Festa do «Avante!» a 6, 7 e 8 de Setembro.
- 3 — Utilizar-se-ão as leis do Jogo (em anexo) usadas maioritariamente na zona do Ribatejo.
- 4 — Serão realizados Torneios Regionais de apuramento a cargo das respectivas Organizações Regionais.
- 5 — As Organizações Regionais deverão comunicar até 1 de Setembro o número de equipas apuradas.
- 6 — Haverá prémios colectivos para as duas primeiras equipas classificadas e individuais para os participantes na fase final.
- 7 — Problemas omissos neste regulamento serão resolvidos por um conselho técnico, formado pelos «chefes de equipa» e um elemento indicado pela Comissão Nacional do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1985.

macio. Têm os bordos afilados, apresentam uma forma compacta (não perfuradas no centro) e são planas na face inferior ou base e convexas na face superior (também chamada «costas»).

O peso de cada malha não pode exceder 850 gr. e o limite máximo do diâmetro é de 0,18 metros.

As equipas — Cada equipa é constituída por 4 (quatro) jogadores de campo e 1 (um) jogador suplente. O jogador suplente poderá substituir qualquer jogador de campo, mas só o poderá fazer no final de um jogo. Em cada jogo só poderá haver uma substituição; porém, em caso de qualquer circunstância grave que impeça em definitivo a contribuição de um dos jogadores a equipa poderá ser completada a todo o momento com o jogador suplente.

Cada equipa terá de ter um «chefe», cujo nome será indicado antes de cada encontro. São atribuições do «chefe de equipa» representar a equipa nas relações com a organização da prova; manter a ordem e a disciplina na sua equipa; homologar o resultado de cada encontro em que a sua equipa tenha participado.

Desenvolvimento do jogo — O encontro é disputado por duas equipas, sorteando-se previamente qual a equipa que inicia o primeiro jogo (também chamado ter a «mão»).

O primeiro jogador coloca ambos os pés sobre o Tabuleiro e dá início ao jogo lançando manualmente a sua malha para o outro Tabuleiro, procurando derrubar o «paulito» ou «prego». Os lançamentos sucedem-se alternadamente a uma e outra equipa até que todos os jogadores tenham lançado. Nessa ocasião somam-se os pontos e as equipas

ganha dois pontos para a sua equipa (perdê-los-á, no entanto, se a sua malha tocar no solo antes ou depois de derrubar o paulito). A malha que ficar mais próxima do paulito depois de todos os jogadores das duas equipas terem lançado as suas malhas, ganha um ponto — o chamado «ponto do tento». Uma equipa poderá ganhar vários «pontos do tento» se as suas malhas ficarem mais próximas do paulito que as do adversário.

Quando uma malha, depois de derrubar o paulito ficar total ou parcialmente sobre a marca de colocação de quatro centímetros para a rectaguarda desta, ou seja, para a zona da «Cama». Isto acontecerá e todas as malhas a quem acontecer tal situação sendo as malhas colocadas umas por cima das outras; nestas circunstâncias a última malha a ir para a «Cama» tem direito ao «ponto do tento». Um jogo termina quando uma equipa obtiver 24 (vinte e quatro) pontos sendo essa equipa a vencedora do jogo.

Um encontro termina quando uma equipa ganhar 6 (seis) jogos. Num campeonato ou torneio a equipa vencedora de um encontro soma 2 (dois) pontos para a classificação (inicial ou final).

Normalmente os torneios estendem-se por várias horas e constam de duas fases: a fase inicial ou de apuramento e a fase final ou de classificação. Estas fases são disputadas em várias séries, integrando cada série várias equipas. Os campos de jogo, podendo integrar vários pares de Tabuleiros, são normalmente sorteados por entre as equipas das várias séries. Chega-se à classificação final pelo sistema de «poule».



1984 — Os Jogos Tradicionais são desde há muito uma presença já indispensável na Cidade do Desporto. Reflectindo hábitos de lazer profundamente arraigadas de Norte a Sul do País, eles contribuem ao mesmo tempo para o carácter profundamente popular da Festa.

Vem aí o jazz soviético!



A big band de Konstantin Orbelian: cinco sax, quatro trombones, quatro trompetes, guitarra solo, guitarra baixo, teclas, percussão, bateria — a formação clássica!

Big band de Konstantin Orbelian

O «jazz» com um colorido oriental — assim classificou John Wasserman, conhecido crítico musical dos EUA, a actuação da orquestra arménia dirigida recentemente por Konstantin Orbelian, quando da sua «tournée» pela pátria do «jazz» e que este ano vem à Festa do «Avante!».

Formada há 45 anos, a sua deslocação a Portugal vem juntar mais um país às suas numerosas digressões pelo estrangeiro e que a levaram já à Checoslováquia, Hungria, Polónia, Síria, Líbano, Jordânia, EUA, Afeganistão, Índia, Sri Lanka, França, Bulgária, RDA, RFA e Jugoslávia.

Mas foi sem dúvida nos EUA, pátria do «jazz», que o seu mérito foi posto à prova. E saiu-se bem, pois de outro modo não seria concebível as críticas favoráveis que então surgiram. O comentador musical do «New York Times», Ian Doub, não hesitou em escrever que a

orquestra arménia desfaz o mito sobre a proibição ou a existência ilegal do «jazz» soviético.

Por seu turno, um jornal de S. Francisco referiu que o acontecimento, no plano cultural, foi tão importante como a actuação do Teatro Bolchoi ou do Ballet Kirov, de Leninegrado e que as orquestrações de Orbelian para temas originais de «big-band» estiveram em todos os aspectos ao nível do que fazem as orquestras com grande projecção nos Estados Unidos.

Após ser formada e durante 18 anos, o seu organizador e director musical, o compositor Aibazian, transmitiu-lhe um «toque arménio», — passe a expressão — ao «jazz» que era tocado. Não descuidando o profissionalismo, foi assim possível que alguns solistas se destacassem.

Com a vinda do novo director

artístico, o compositor Konstantin Orbelian, continuaram e aprofundaram-se as pesquisas do «jazz» contemporâneo e das melodias nacionais.

Presentemente, a orquestra conta no seu repertório muitas obras de criação própria e ainda músicas de compositores famosos, como «Duke» Ellington, «Count» Basie e outros.

Pela primeira vez

A escolha da orquestra de Orbelian para a Festa do «Avante!» de 1985 não foi casual.

Entre as sonoridades ausentes dos palcos da Festa ao longo destes nove anos conta-se o rico e fascinante som de uma **big band**, as formações que marcaram época dirigidas por «Count» Basie, «Duke» Ellington, Woody Hermann, Quincy Jones e, mais

recentemente, Thad Jones-Mel Louis.

No panorama do jazz ocidental não é hoje fácil encontrar formações com estas características. Se é verdade que novos e mais recentes horizontes formais levaram muitos músicos de jazz a abandonarem a fórmula das grandes orquestras, outros factores mais concretos perfilam-se no mercado europeu e americano para tornarem difícil a vida às **big bands**.

Com uma constituição que oscila entre os dez e vinte executantes, a **big band** requer um trabalho mais regular e constante dos seus membros. A procura de uma sonoridade própria, a exploração de orquestrações complexas e o seu entrosamento com a personalidade própria de solistas obriga a uma permanência e continuidade na formação que economicamente cria problemas. Os músicos de jazz continuam a ser dos mais

mal pagos do **show business** dos países capitalistas e obter contratos que assegurem uma vida regular a uma orquestra de uma dezena ou mais de elementos — naturalmente cara até em deslocações — é hoje quase impossível.

Com a morte de alguns dos grandes directores e animadores de **big bands** como Basie e Ellington, cujo prestígio assegurava algumas condições de sobrevivência a este tipo de formações, elas surgem hoje em dia de forma bastante aleatória, constituídas ad hoc por altura de Festivais internacionais e agrupando casualmente músicos sem actividade conjunta regular e com uma forte componente de executantes nacionais do País onde o Festival se realiza.

Proporcionando frequentemente excelentes momentos de jazz, elas não podem contudo apresentar a concisão, o vigor e o brilho proporcionado pela presença constante da

personalidade e talento de um director e pelo trabalho e ensaio regular.

O jazz soviético

Situação diversa se passa nos países socialistas onde o estímulo e o apoio à cultura assegura aos músicos a possibilidade de escolherem artística e profissionalmente a via em que melhor se enquadram.

No campo do jazz, é hoje um dado adquirido que, no conjunto dos países socialistas, se encontram formações e solistas de alto nível que em diversos festivais internacionais e lado a lado com nomes consagrados dos EUA e doutros países têm conquistado as difíceis e especializadas audiências do ramo.

Os impedimentos à existência de **big bands** que o mercado ocidental impõe não se verificam em Berlim, Leninegrado ou Praga, ao que se junta a elevada

Trio de Viatcheslav Ganelin

Já há cerca de 10 anos que o trio sob direcção de Viatcheslav Ganelin se encontra no centro das atenções dos amadores, dos conhecedores e dos músicos de jazz.

Desde 1971 que o trio actua com a mesma formação: Ganelin, Tarassov e Tchecassin. A concepção instrumental do trio é única e de uma forma exemplar porque Ganelin toca, ao mesmo tempo, piano e baixo-teclas. Desta forma o movimento de harmonia e do baixo são dirigidos por uma só pessoa, uma imaginação e uma vontade. Tarassov é responsável pelas percussões: desde a bateria ao conjunto dos diferentes timbales, congas e todos os possíveis objectos sonoros. Tchecassin toca flauta transversa, conseguindo transformá-la num instrumento cromático de duas vozes, toca ainda ocarina, clarinete, baixo-clarinete-baixo, saxofone-tenor e um ou mesmo dois saxofones-alto.

Viatcheslav Ganelin formou-se no Conservatório de Vilnius, nas aulas de A. Ratchiunas. A música de Viatcheslav Ganelin pode ser cuidada, pelo menos, em 10 direcções diferentes em muitos telefilmes e películas, e as canções e peças instrumentais ouvem-se frequentemente na rádio. A sua fama no próprio país e no estrangeiro foi alcançada como director do trio de jazz.

Nos finais dos anos 60 começou a interessar-se pelo jazz, dirigiu amadores do «big-band», formou o seu próprio conjunto.

Mas o real sucesso de lançamento surgiu a Viatcheslav Ganelin em Outubro de 1970 no Festival de Jazz de Gorky, onde apresentou o seu programa «Opus A Due», tocando em dueto com o baterista Vladimir Tarassov.

Aos 14 anos Vladimir Tarassov já tocava bateria numa orquestra profissional de jazz. Com a prática e a aprendizagem de leitura musical adquiriu uma grande experiência que o levou a tocar em diversas orquestras e conjuntos de jazz, tornando-se assim num profissional

particularmente procurado. Em 1969 foi convidado para participar na Orquestra Sinfónica de Música Ligeira da Rádio Lituânia. É então que conhece Viatcheslav Ganelin, o qual exerce sobre ele uma marcante influência. Depois disso, onde quer que tocasse Vladimir Tarassov — na rádio, na orquestra de «Trinitas» ou na Orquestra Estatal de Música Sinfónica da RSS da Lituânia — ouvia sempre os mais rasgados elogios à sua técnica e expressão surpreendentes, interpretando todo o tipo de música possível para instrumentos de percussão, incluindo composições especialmente escritas para ele.

Vladimir Tchecassin terminou o Conservatório de Sverdlov em 1970 como clarinetista. Estreou-se como sax-alto no Verão de 1969 no concerto de Jazz dos Urais que lhe trouxe a fama de um músico enérgico e singular. Em 1970 a União dos Compositores da Checoslováquia anunciou ou um concurso para jovens intérpretes de Jazz de países socialistas por correspondência. Tchecassin enviou para Praga uma fita com a gravação de um trecho e foi assim que recebeu o título de laureado e o convite para participar no Festival Internacional de Jazz «Praga-71».

No Festival de Praga deu-se a descoberta deste mestre consumado. No dia seguinte ao Festival era convidado a participar no concerto «As estrelas do Jazz europeu» e a firma «Suprafon» publicou um disco em cuja capa o crítico e produtor Antonin Matner escreveu: «Tchecassin foi a sensação do Festival».

Desde o momento da sua formação o trio actuou muitas vezes em festivais de jazz e concertos, exibindo diferentes programas de espectáculos, surpreendendo pela sua inovadora e enérgica produção. O trio de Viatcheslav Ganelin tem-se apresentado em numerosos concertos e festivais em todo o mundo sempre com críticas particularmente favoráveis.



Viatcheslav Ganelin



Vladimir Tarassov



Vladimir Tchecassin

● «O conjunto de Viatcheslav Ganelin interpreta música que não tem, pelo que me é dado conhecer, protótipos nem nossos nem estrangeiros — é simplesmente uma criação original moderna (...) e o surgimento a um nível artístico bastante elevado do jazz soviético». Aleksel Batachev in «O Jazz Soviético»

● «Só como um acontecimento se deve referir à actuação do trio soviético de Viatcheslav Ganelin que exibiu uma variante lírica do free-jazz, no qual se incluem harmoniosamente vanguarda e tradições». A. Tayselsky in «Gitche Varchava» — Polónia

● «Apesar das minhas dúvidas em relação ao free-jazz, penso que o trio de Viatcheslav Ganelin da União Soviética pertence ao número dos melhores grupos neste domínio». Willis Canover in «Lik» — Bulgária

● «Um dos mais sensacionais conjuntos de jazz da URSS — o trio de Viatcheslav Ganelin». Carl Benedetti in «L'Unità» — Itália

● «O trio de Ganelin... possui essa unidade de objectivo e empatia mútua só possíveis de encontrar em grupos que estão juntos há muito tempo. Constituem um organismo único de que Ganelin é o cérebro, Tarassov o coração e Tchecassin o ventre. O trio emprega todo um arsenal de meios musicais, com a ajuda dos quais pode criar uma invulgar variedade cromática (...) Ganelin é o arquitecto da música do conjunto conseguindo surpreender por um raro equilíbrio de tradição e inovação, de disciplina e liberdade, inteligência e emoção. Apesar de Ganelin e companhia se inspirarem em diversas fontes, do jazz ou não, a sua música não é uma manta de retalhos eléctricos: tem uma individualidade própria. No Festival de Jazz de toda a União Soviética «Tbilisi 78» o trio demonstrou que não só continua a pertencer aos grupos de jazz soviéticos da mais elevada categoria, mas também que não se compromete com qualquer corrente de jazz do mundo.» Pavel Brodovsky in «Jazz Forum» — EUA

● «Os três músicos tocaram empregando os 15 instrumentos com uma arrebatadora força, conduzindo todo o conjunto a um final entusiasmado. Foi o mais violento e ao mesmo tempo o melhor organizado e o mais profissional «free-jazz». » «Os Dias do Jazz em Berlim» in «Down Beat» — RFA

● «No Festival de Jazz de Berlim acontecem, como sucedeu este ano, descobertas admiráveis. O exemplo disto foi a actuação do trio soviético de Ganelin. Os músicos apresentaram um espectáculo num estilo de «free-jazz» agreste, porém não esquecendo com isto a alegria da musicalidade.» «Der Spiegel» — RFA

● «O trio durante a sua primeira exibição apresentou com clareza uma improvisação colectiva fascinante que durou trinta minutos, que começou com a produção de ruídos fora de cena desenvolvendo-se depois sem interrupção o fascinante projecto rítmico. Os músicos coordenam constantemente os seus movimentos, introduzindo inteligentes achados cénicos num estilo «happening».

● «Frankfurter Rundschau» — RFA

Não é a Feira do Livro mas que parece, parece!

Porque a Festa é cultura, não poderia faltar o Centro do Livro e do Disco, no Casalinho da Ajuda. Aliás, tem sido uma realidade desde a primeira Festa, efectuada nos pavilhões da FIL. Recordam-se? Ganhou mais espaço no Jamor, outrotanto sucedendo na Ajuda. Mas, se a uma dada altura, o espaço não pode ser maior, já o mesmo não sucede com a qualidade dos serviços prestados, que pode ser sempre melhor.

Por isso, este ano, a exemplo do anterior, o Centro do Livro e do Disco vai ocupar também 1260 metros quadrados, assim distribuídos: zonas de exposição político-cultural e de debates — 250 m²; zonas de exposição e venda — 850 m²; zonas de serviços — 160 m².

Mas falemos da qualidade: ela pode dividir-se em dois aspectos — a qualidade dos livros e discos apresentados e também a qualidade nos serviços prestados, não só a quem pretende comprar mas também a quem ali se desloca para se inteirar das novidades no campo da literatura e da música. Em resumo, tornar mais funcional e sem aglomerações a visita ao Centro do Livro e do Disco. Localizada quase à entrada da Festa, sugerimos que a visite quando se retirar. E porquê?

Certamente que vai comprar um livro, um disco, ou mesmo uma recordação (como já é tradição, irá ali funcionar a «Lojeca») e é sempre incómodo andar naquele mar de gente com um saco de plástico carregado de livros ou de outras coisas. Deste modo, pode-se beber uma cerveja sem a preocupação onde deixar o saco. Ou entrar na Festa rija dos seus conterrâneos do Minho, do Algarve ou dos Açores, sem outras preocupações. E quando sair, já sabe, passe pelo Centro do Livro e do Disco que espera por si, com livros bons, de várias editoras portuguesas e estrangeiras e óptimos discos.

Para os livros dividem-se os interesses, desde o romance, o policial, a ficção científica, os livros políticos, até aos livros técnicos. No caso das editoras portuguesas os livros estarão classificados por temas; em relação às editoras estrangeiras serão classificados por países e editoras, com excepção do livro técnico estrangeiro cuja classificação será por temas. *

Entretanto, para o visitante menos familiarizado (é de ter em conta que todos os anos vão à Festa pessoas que nunca lá estiveram antes) uma planta identificando as diferentes zonas do Centro do Livro e do Disco estará patente à entrada deste pavilhão. É só ver o que interessa e dirigir-se para lá.



1983 — Também este ano a banda desenhada estará presente para satisfazer o público mais jovem e... o mais crescido. E enquanto se procura vai-se dando uma leitura em diagonal a ver se vale a pena gastar o dinheiro no livro, pois pode aparecer outro mais aliciente



1984 — Tanto livro!!! Pois fique sabendo que este ano não serão menos. A dificuldade estará em consultar todos os títulos, ponderar quais os que lhe interessam e fazer as contas para saber quantos pode comprar. Mas não desanime, ali, dentro do possível, os livros procuram ser acessíveis às bolsas dos compradores e só não o são mais porque os sucessivos Governos de direita têm onerado de um forma escandalosa este «alimento» para o espírito (o que não é para causar admiração, pois se eles já nos querem matar à foi. Mas aqui fica a sugestão: resista, pois nem só de pão vive o homem

Actividades a desenvolver

A exemplo dos anos anteriores cada zona irá desenvolver diversas actividades:

— as zonas de exposição político-cultural abordarão os seguintes temas principais:

a) para um voto esclarecido — documente-se e leia;

b) a política de direita e as suas consequências negativas;

c) a importância fundamental de uma actividade editorial e distribuidora democrática e progressista na divulgação, formação e valorização da consciência política e na emancipação cultural e ideológica de amplas camadas da população;

d) Editorial «Avante!» — dados sobre a sua produção em geral e sobre as suas publicações («Avante!», «O Militante», Revista Internacional, etc.);

e) Espaço-Mulher;

f) exposição de gravuras; Por seu turno, nas zonas de debates serão organizados encontros entre os autores e o público, realizando-se pequenas palestras e sessões de autógrafos, prevendo-se que estarão presentes mais de vinte escritores portugueses. Quanto à zona de exposição-venda integrará as seguintes secções: Editorial «Avante!», galeria de arte, editoras portuguesas, editoras estrangeiras, saldos, publicações e a «Lojeca».

Toda a área da exposição-venda (com excepção das Publicações e da «Lojeca») consistirá num grande super-mercado, com entradas e saídas distintas e controladas. A saída faz-se através dos locais onde estão as caixas registadoras, havendo ainda uma saída específica para quem não fizer compras.

Muito havia ainda a dizer sobre o Centro do Livro e do Disco. Referiremos apenas que o valor total dos produtos expostos para venda atingirá cerca de 25 000 contos, incluindo 60 000 livros, 15 000 discos, 20 000 exemplares de publicações diversas e cerca de 10 000 brinquedos, medalhas e outras coisas mais.

Aproveitamos ainda para falar dos saldos. Bons livros e bons discos estarão ali à venda a preços compensadores, principalmente tendo em conta que a política dos sucessivos governos de direita tem tornado estes factores de cultura inacessíveis a uma vasta camada da população.

Aproveite, faça o seu encontro com o livro e o disco e verá que não se arrepende. Porque a Festa do «Avante!» não é só divertimento. A Cultura também é privilegiada, como aliás não podia deixar de ser.

O trabalho e o convívio antes da Festa

Todos os anos é assim: ainda a Festa está em fase de gestação e já muita gente nos vem perguntar quando é que se realiza para pensarem as suas férias em função do trabalho de implantação. E há todos os outros que se nos dirigem a perguntar quando começa o trabalho no terreno para poderem convidar os amigos para um fim-de-semana no Alto da Ajuda.

A razão é simples. Todos os anos muitos milhares de camaradas e amigos dão o seu contributo na construção da Festa. E anualmente o seu número aumenta, depreendendo-se por isso que trabalhar na Festa — e para a Festa — é uma experiência única. Gratificante.

Chega-se a Setembro e é toda uma cidade de cor, luz, alegria, convívio e debate que durante três dias faz do Alto da Ajuda o centro de Lisboa; que faz do alto da Ajuda o espelho do nosso país — com os seus problemas, as suas realizações e a sua cultura. E só quem passou pelo

Casalinho de ferramenta na mão é que pode dizer do convívio que é construir a nossa Festa. E, no final de um fim-de-semana ou de umas férias passadas a construir, não é raro perguntarem a quem lá esteve qual foi o local milagroso onde se passou aquele tempo, que se vem com tão boas cores e com uma alegria tão grande. Por isso, de ano para ano, aumenta o número de camaradas e amigos que participam nas jornadas de trabalho. Por isso, no ano passado bateu-se o recorde de presenças num só dia e durante todo um fim-de-semana. Por isso mesmo, porque é cada vez maior o número de pessoas que convida os amigos e porque este ano estamos a construir a 10.ª Festa do «Avante!», o trabalho da implantação da nossa Festa vai ter a presença de muitos milhares de camaradas. Uma presença que se torna necessária assegurar desde já, pelo convívio e pela certeza de que a Festa que se constrói é sempre a mais bela e a melhor de todas.



1979 — A Festa começa a construir-se meses antes da abertura ao público. Tempo de trabalho duro? Sem dúvida. Mas também tempo de confraternização e convívio, de troca de experiências, de enriquecimento mútuo naquilo que mais valoriza os homens — o conhecimento dos outros homens...

Cidade Internacional em construção

Discutem-se «fronteiras» e programas, esperam-se as respostas aos convites enviados para partidos irmãos de todos os continentes — é a fase de construção da Cidade Internacional.

Para já, um punhado de respostas, com os pedidos para reserva de área para stands, muitas vezes também para restaurantes, nalguns casos para palcos. Provenientes de países próximos, da Europa capitalista, com destaque para a Turquia, pela difícil situação de que é vítima o seu povo. E de países dessa outra Europa que há quem se esforce tanto para riscar do mapa da informação (de uma verdadeira informação).

Decerto, neste momento, e em termos de animação da Cidade Internacional, temos três palcos que irão divulgar formas de cultura musical da Bulgária, da Hungria e da RDA.

Os já tradicionais restaurantes, nomeadamente de países socialistas. E naturalmente também a venda de produtos típicos.

Aspectos da realidade de cada povo, que estarão presentes na nossa Festa, paralelamente a exposições sociopolíticas que se afirmam como forma de divulgação de realidades nacionais, conhecimento mútuo de experiências diversificadas.

O número de delegações e stands na Cidade Internacional tem vindo a ultrapassar sistematicamente as três dezenas. O ano passado atingiu

as quatro. Sujeita embora a variações de disponibilidade resultantes dos próprios problemas que cada partido

irmão tem de defrontar no quotidiano — mas reflectindo sempre o prestígio do PCP e a realidade do internacionalismo

proletário — a perspectiva para a Festa desde ano é uma outra vez a afirmação de alegria, luta e solidariedade, própria dos

partidos de trabalhadores. Uma afirmação multiforme com que, uma vez mais, se irá construir a efémera cidade de três dias.

Cidade de solidariedade — este ano com particular expressão, face ao momento político que vivemos.



1982 — Nas dezenas de stands que compõem a Cidade Internacional — tradicionalmente, um dos locais de maior afluência da Festa — **solidariedade** é não apenas a palavra dominante mas, mais do que isso, um sentimento activamente exercido em relação a povos que, ainda que em situações muito diversas, lutam por objectivos comuns como a justiça, o progresso social e a paz

V Bienal de Artes Plásticas

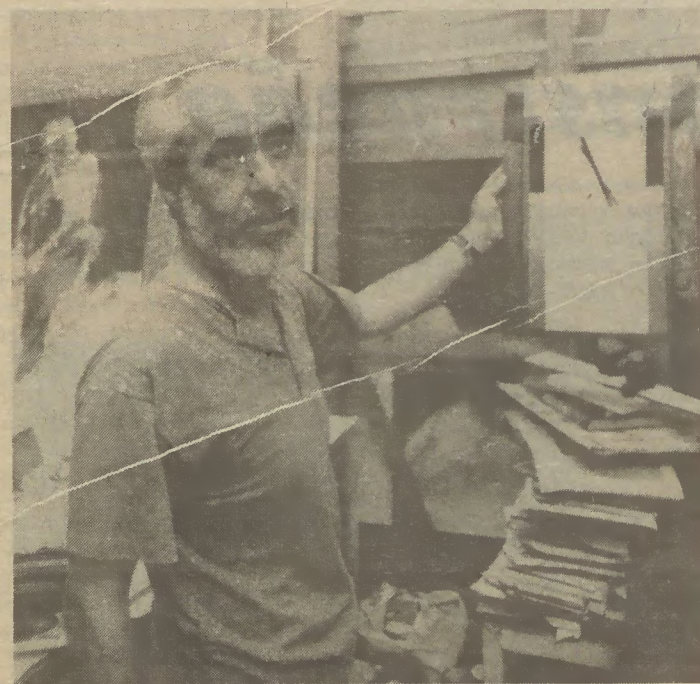
A presença de Gil Teixeira Lopes

• Quarenta trabalhos e quinze anos de criação artística

A esta hora já não é novidade dizer que a V Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» incluirá um espaço especial dedicado à gravura através de uma amostra internacional e da presença de Gil Teixeira Lopes, o **artista convidado** este ano. Tal como também já não é novidade dizer que essa exposição internacional terá alto nível, uma vez que reunirá trabalhos de artistas dos mais variados países, que se têm destacado nas bienais e outras manifestações artísticas dos últimos anos. Novidade também não será falar do valor de Gil Teixeira Lopes, artista plástico português com grande projecção no estrangeiro. Mas já que a Festa do «Avante!» exige que se revelem coisas todas as semanas, este breve apontamento também tem a sua novidade! **O que é que veremos de Gil Teixeira Lopes no Alto da Ajuda?** Ora, para responder à questão, procurámos directamente o próprio artista e com ele mantivemos uma animada conversa no seu atelier de Campo d'Ourique, numa tarde bem quente deste Julho lisboeta.

Os visitantes da Festa do «Avante!» poderão apreciar na Bienal, instalada na área central do Alto da Ajuda, uma ligeira retrospectiva da obra gravada de Gil Teixeira Lopes, com base, principalmente, numa síntese de trabalhos premiados no estrangeiro nos últimos anos. No total serão 30 gravuras executadas entre 1970 e este ano, mais 10 que ilustram o livro

envio dos trabalhos dos artistas portugueses aos certames internacionais, o dia-a-dia de um professor de Belas-Artes, o «arranque» da gravura portuguesa nos anos 60/70 e o seu crescente impacto no estrangeiro — foram, entre outros, assuntos que alimentaram um diálogo vivo, onde o futuro não foi obviamente esquecido...



Gil Teixeira Lopes no seu atelier de Campo d'Ourique, em Lisboa, à conversa com a reportagem do Avante!

Eros e Ares, sobre Camões. Este conjunto de 40 trabalhos, representativos de uma vasta obra, mostra a evolução de uma actividade e, acima de tudo, vai «explicar» no Alto da Ajuda porque é que o seu autor é um artista de reconhecido talento. Não perca esta exposição na Festa!

Projectos para o futuro

O que falámos com Gil Teixeira Lopes daria para encher este e outro «Avante!». As dificuldades que se colocam na vida do artista, essa monstruosidade de considerar os materiais que o artista necessita para o seu trabalho como artigos de luxo (basta passar pelas casas da especialidade e dar uma espreitadela aos preços), os problemas com o processo de

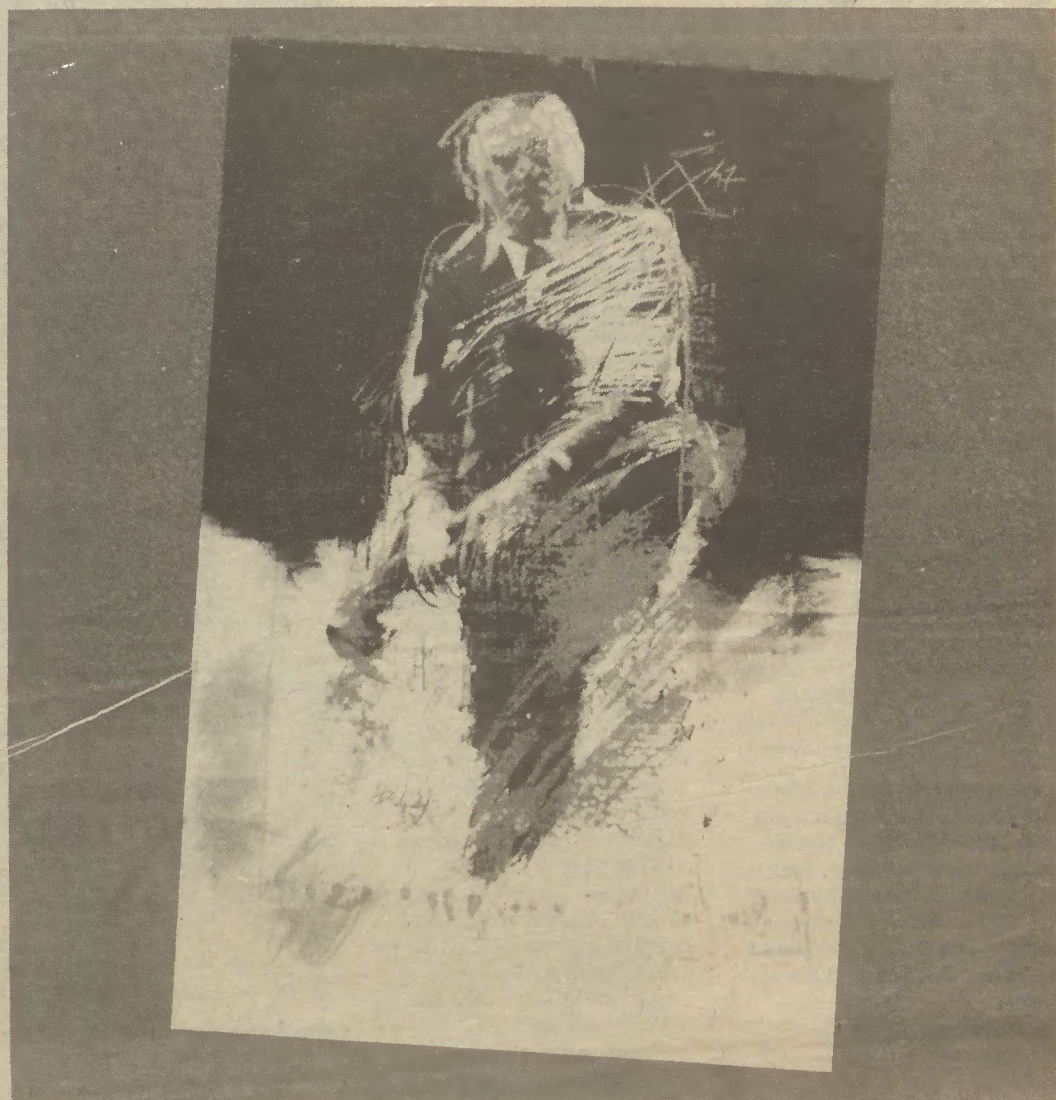
«Projectos para o futuro?...» Um sorriso. Uma breve pausa e a conversa é retomada. Os projectos de Gil Teixeira Lopes são claros: continuar a trabalhar como artista e como professor, tentar ultrapassar com o seu entusiasmo os pequenos e grandes entraves que às vezes aparecem (a saúde do artista, vê-se bem, não é das melhores), continuar atento ao que se faz por esse mundo fora no âmbito das artes plásticas, contribuir com o seu trabalho para uma valorização crescente do belo que se vai criando no País de Abril. **«Olhe, tenho trabalho para esta e para outra vida»** — conclui. Passa de novo a mão pelas suas barbas grisalhas e solta uma alegria com o que tem visto nas Festas do «Avante!» A participação popular, esse calor

humano em torno das Bienais, por exemplo.

A conversa vai longa. Pelo meio já tínhamos falado dos seus prémios e dessa «sensação» de ser premiado lá fora. Uma «sensação» que significa também estímulo para o artista. Estímulo para a sua vida e a sua arte. «Sensação» que tem por vezes algo de inédito: como aquela de ser avisado ao telefone por uma profissional da RDP que tinha sido premiado numa Bienal de Seul organizada por um órgão de Comunicação Social.

Bem, antes do ponto mesmo final, aqui deixamos uma lista incompleta do palmarés de prémios com que Gil Teixeira Lopes tem sido distinguido cá e lá fora. Vale a pena consultar...

1960 — Prémio «Miguel Lupi», da Academia Nacional de Belas-Artes; 1961 — Prémio «Júlio Mardel», da Academia Nacional de Belas-Artes; 1962 — 2.ª Medalha no «VII Salão de Outono», da Junta de Turismo-Estoril; 1964 — 1.ª Medalha no «II Salão de Arte Moderna», da Costa do Sol; 1965 — 1.ª Medalha no «X Salão de Primavera», da Junta de Turismo-Estoril; 1965 — 1.ª Medalha no «III Salão de Arte Moderna», da Costa do Sol; 1966 — 1.ª Medalha no «III Salão Antoniano», da Costa do Sol; 1966 — Prémio Internacional da Costa do Sol; 1967 — Medalha de Prata em Desenho no II Salão de Artes Plásticas de Setúbal; 1967 — Medalha de Prata em Vitral no II Salão de Artes Plásticas de Setúbal; 1968 — Grande Prémio da Cidade de Setúbal; 1969 — Prémio Nacional de Pintura; 1970 — Placa de Prata (II Bienal de Florença); 1971 — III Prémio Internacional «Copérnico» (Cracóvia); 1972 — Medalha de Ouro da III Bienal Internacional de Florença; 1972 — Grande Prémio na II Bienal Internacional de Seul; 1972 — Prémio do VI Salão de Arte Moderna de Luanda; 1972 — Prémio da I Bienal da Noruega; 1972 — Medalha de mérito na IV Bienal de Cracóvia; 1973 — Prémio na XII Bienal de S. Paulo; 1976 — Prémio do XX Aniversário da Gravura; 1976 — II Prémio da III Bienal Internacional de Gravura da Noruega; 1976 — Prémio Especial da V Trienal — Intergrafik de Berlim/RDA; 1977 — Prémio Nacional de Gravura; 1980 — III Prémio da II Bienal do México; 1981 — Prémio Cordeiro Ramos da Academia Nacional de Belas-Artes; 1983 — Prémio de Aquisição do Museu Histórico de Varna (Bulg.); 1983 — Prémios das Galerias de Arte Moderna de Tolbuhin e Lovech; 1984 — Prémio Honorífico/Medalha de Ouro da VII Bienal Internacional da Noruega; 1985 — Prémio na Bienal Internacional da Irlanda.



Uma gravura recentemente premiada na Bienal Internacional da Irlanda

Algumas etapas de um percurso

Cidadão do Mundo das artes plásticas, Gil Teixeira Lopes nasceu em Mirandela, Trás-os-Montes, em 1936. É desde 1960 diplomado e professor na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Já leccionou nestes 25 anos praticamente todas as áreas temáticas do ensino artístico, das «teóricas» às «práticas», estando neste momento com uma importante responsabilidade de orientação nos sectores da gravura e da pintura. Por mais completa que seja, qualquer relação de dados biográficos nunca dá a panorâmica completa das experiências que têm marcado a vida deste artista. Foi professor da Academia Militar no curso de artes plásticas, esteve ligado aos cursos especiais na Faculdade de Ciências de Lisboa, foi director da Sociedade de Belas-Artes e membro da Mesa da Assembleia Geral dessa instituição, trabalhou como investigador no Centro Nacional de Calcografia e Gravura do Instituto de Alta Cultura, desempenhou funções de presidente do Conselho Directivo da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Não se fica por ali a biografia de Gil Teixeira Lopes. Foi presidente da comissão técnica e membro da direcção da Cooperativa de Gravadores Portugueses, à qual se ligaram outros nomes prestigiados das

artes plásticas. Participante em mais de 250 exposições de grupo desde 1955 e em numerosas exposições individuais, Gil Teixeira Lopes tem o seu nome associado a um vasto conjunto de iniciativas culturais de especial significado tanto no plano nacional como internacional. Alguns exemplos apenas: foi convidado especial em 1978 do Comité de Bienal Internacional de Gravura de Cracóvia, na Polónia para assistir às inaugurações da 7.ª Bienal e da 6.ª Intergráfica de Katowice; foi convidado para membro do júri da V Bienal da Noruega; foi conselheiro internacional para a representação portuguesa às 2.ª e 3.ª Bienais de Gravura Europeia de Baden-Baden; e convidado para membro do Júri Internacional da Intergrafik em 1984, em Berlim, na RDA. Boiseiro da Academia Nacional de Belas-Artes e da Fundação Gulbenkian em **Espanha, França, Itália e Inglaterra**, colaborou também com Armando Jorge no bailado «Carmina Burana», levado à cena pela Companhia Nacional de Bailado, com grande êxito. Gil Teixeira Lopes participou em diversas bienais internacionais, destacando-se, especialmente nos anos 60, 70 e 80, a sua participação como «convidado individual» em bienais de âmbito internacional. Representado em museus, galerias e outros

espaços de arte em Portugal e no estrangeiro (da galeria Uffuzi em Florença à Biblioteca do Congresso em Washington, passando pelo Albert Museum em Viena de Áustria, o Museu Nacional em Sófia, o Museu do Vaticano, o Museu Nacional de Cracóvia, o Museu de Luanda, o Ministério da Cultura em Bruxelas ou o Museu Soares dos Reis no Porto), Gil Teixeira Lopes tem uma ternura especial pela sua terra de origem, Mirandela, onde também está representado no Museu Municipal «Armindo Teixeira Lopes», seu pai. Quanto a prémios obtidos, assunto a que nos referimos no outro artigo desta página, eles confirmam o valor com que o trabalho de Teixeira Lopes é reconhecido em toda a parte. Valor que o visitante da Festa do Avante! poderá também confirmar já no próximo mês de Setembro, no Alto da Ajuda. Aceite o convite!

Lapso

Por lapso, apareceu em anterior edição do «Avante!» (27-6-85) o nome de **Jorge Vidal** como membro da comissão executiva da V Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!». Trata-se, como já referimos, de um lapso pelo qual pedimos as nossas desculpas a Jorge Vidal e aos nossos leitores.